

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA

VIVIANE REGINA CALIKEVSTZ

**“Categoria especial da sociedade”: estudo do patrimônio cultural e
da representatividade social da Força Expedicionária Brasileira –
FEB**

Ponta Grossa

2017

VIVIANE REGINA CALIKEVSTZ

“Categoria especial da sociedade”: estudo do patrimônio cultural e da representatividade social da Força Expedicionária Brasileira – FEB

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia, do Curso de Doutorado em Geografia, do Departamento de Geociências, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Orientador: Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

Ponta Grossa

2017

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Calikevstz, Viviane Regina

C153 "Categoria especial da sociedade":
estudo do patrimônio cultural e da
representatividade social da Força
Expedicionária Brasileira - FEB/ Viviane
Regina Calikevstz. Ponta Grossa, 2017.
221f.

Tese (Doutorado em Geografia - Área de
Concentração: Gestão do Território:
Sociedade e Natureza), Universidade
Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla
Monastirsky.

1.Categoria especial da sociedade.
2.Patrimônio vivo da sociedade.
3.Representatividade social da FEB.
4.Patrimônio cultural militar da FEB.
I.Monastirsky, Leonel Brizolla. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Doutorado em Geografia. III. T.

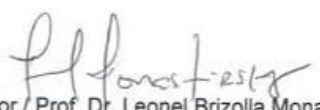
CDD: 363.69

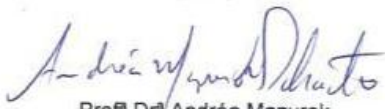
TERMO DE APROVAÇÃO

VIVIANE REGINA CALISKEVSTZ

"FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB): UMA CATEGORIA ESPECIAL DA SOCIEDADE"

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:


Orientador / Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky
UEPG


Prof.ª Dr.ª Andréa Mazurok
IFPR


Prof. Dr. Francisco Cesar Ferraz
UEL


Prof. Dr. Helton Costa
SECAL


Prof.ª Dr.ª Salete Kozel Teixeira
UFPR

Ponta Grossa, 17 de abril de 2017

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento especial vai ao Prof. Leonel Brizolla Monastirsky pela paciência, dedicação e disponibilidade que dedicou a mim não só nesses quatro anos de pesquisa do doutorado, mas nos anos que me orientou no mestrado, o qual me auxiliou no direcionamento do pensar científico, me ensinando acima de tudo a amar a pesquisa com patrimônio cultural e o trabalho com a categoria de idosos.

Agradeço também aos amigos que constituem minha família, que de alguma forma deram apoio e incentivo. E um agradecimento especial a todos que colaboraram com a pesquisa, desde entrevistas e indicações, e em especial aos pracinhas velhinhos que encontrei. Agradeço a todos pelas horas de conversa e pelas histórias de vida compartilhadas, sempre emocionantes.

Os momentos que me proporcionaram serão sempre recordados.

Eu já escrevi um conto azul, vários até. Mas este é um conto de todas as cores. Porque era uma vez um menino azul, uma menina verde, um negrinho dourado e um cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris. Até que apareceu uma Comissão de Doutores, os quais, por mais que esfregassem os nossos quatro amigos, viram que não adiantava...

E perguntaram se aquilo era de nascença ou se...:

- *Mas nós não nascemos* - interrompeu o cachorro.

- *Nós fomos inventados!*

(Mario Quintana)

RESUMO

A presente tese tem como objetivo mostrar a representatividade da categoria social da Força Expedicionária Brasileira – FEB, enquanto uma categoria especial da sociedade. O recorte temporal de estudo parte das décadas de consolidação do Regime do Estado Novo – década de 30 até os dias atuais, passando pelo pré e pós Segunda Guerra Mundial, mostrando como se construiu a categoria, sua atuação no conflito mundial, seu regresso enquanto heróis, sua situação de abandono pelo Estado e sua materialização na forma de símbolos pelo território nacional. Na busca pela comprovação da hipótese de que seria a categoria da FEB e seus integrantes, patrimônios vivos da sociedade, partiu-se da problemática envolvendo o patrimônio militar e sua representatividade na forma de símbolos, ou seja, a própria categoria da FEB, seus monumentos, museus, espaços de memória, acervos particulares e memórias dos veteranos vivos e dos indivíduos em geral, produções culturais como filmes, documentários e livros, criados e desenvolvido por pesquisadores, escritores, cineastas, admiradores, familiares e os próprios veteranos de guerra. Enquanto uma pesquisa interdisciplinar, as abordagens passaram pela corrente humanística, pautando-se em autores e conceitos de disciplinas como geografia, história, semiótica, sociologia, artes, mostrando que a complexidade da temática e das hipóteses necessitava desse leque de enfoques científicos. A pesquisa apresenta comprovações aceitáveis, mas jamais finalizadas, visto que o processo de construção foi o elemento mais evidente no trabalho como um todo.

Palavras-chave: Categoria Especial da Sociedade; Patrimônio Vivo da Sociedade; Representatividade Social da FEB; Patrimônio Cultural Militar da FEB.

ABSTRACT

The present thesis aims to show the representativeness of the social category of the Brazilian Expeditionary Force - FEB, as a special category of society. The time period in question dates from the decades of consolidation of the *Regime do Estado Novo* - from the 1930s to the present day, through pre and post World War II stages, showing how the category was built, its performance in the world conflict, its return home as heroes, its abandonment by the State and its materialization in the form of symbols throughout national territory. In the search for the confirmation of the hypothesis that it would be the category of the FEB and its members, living assets of society, which generated the question of the military heritage and its representativeness in the form of symbols. These being the FEB category itself, its monuments, museums, virtual memory spaces, private collections and memoirs of living veterans and individuals in general, cultural productions such as films, documentaries and books, created and developed for researchers, writers, filmmakers, admirers, family members and war veterans themselves. As an interdisciplinary research project, the approaches used included several humanistic chains, based on authors and the concepts of disciplines such as geography, history, sociology and arts, showing that the complexity of the theme and the hypotheses, which called for this large a range of scientific approaches. The research presents acceptable proof and conclusions, but is not fully closed, since the construction process itself, still ongoing, was the most evident element at work.

Key words: Special Social Category; Living Social Heritage; FEB Social Representativeness; FEB Military Cultural Heritage.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – Construção do Monumento aos Mortos da FEB (RJ), 1963.....	71
FOTOGRAFIA 2 – Pórtico representando as três Forças Armadas.....	72
FOTOGRAFIA 3 – Pannel representando a vida no mar.....	72
FOTOGRAFIA 4 – Discurso do presidente Getúlio Vargas aos expedicionários em jornais.....	83
FOTOGRAFIA 5 – Notícia em jornais a situação do treinamento da FEB em solo brasileira, antes do embarque para a batalha.....	89
FOTOGRAFIA 6 – O Globo de 24 de novembro de 1945.....	93
FOTOGRAFIA 7 - Diário de Notícias de 15 de março de 1946.....	96
FOTOGRAFIA 8 - Diário de Notícias de 24 de junho de 1946.....	96
FOTOGRAFIA 9 - Diário de Notícias de 01 de setembro de 1946.....	97
FOTOGRAFIA 10 - Jornal Gazeta do Povo (Curitiba – PR) de outubro de 1947.....	101
FOTOGRAFIA 11 - Corpo de Enfermeiras da FEB designado para servir num hospital americano atendendo aos doentes e feridos. 16º Hospital de Evacuação, Pistóia-Itália. 10/03/45.....	106
FOTOGRAFIA 12 – Museu do Expedicionário – Curitiba / PR.....	122
FOTOGRAFIA 13 – Placa com nomes dos soldados paranaense mortos em combate na Itália, em frente ao Museu do Expedicionário – Curitiba / PR.....	123
FOTOGRAFIA 14 – Monumento em homenagem aos Expedicionários – Teixeira Soares (PR).....	155
FOTOGRAFIA 15 - Pracinha Leão Marchinski.....	156

LISTADE FIGURAS

FIGURA 1- Principal símbolo da FEB – “A cobra vai fumar!”	74
FIGURA 2 – Propaganda do governo brasileiro no processo de negociação para entrada na guerra.....	86
FIGURA 3 – Cartaz do D.I.P. (Departamento de Imprensa e Propaganda)1943.....	87
FIGURA 4 – Print Screen do site Portal da FEB.....	125
FIGURA 5 - Print Screen da rede social Facebook da página do Museu da Guerra.....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição de monumentos e praças por regiões
brasileiras.....67

Quadro 2 – Distribuição de monumentos e Expedicionários (sem oficiais) por capital e estados
do RJ e
SP.....67

QUADRO 3 – Medalhas de condecoração da
FEB.....76

QUADRO 4 - Relação nominal das 73 enfermeiras que atuaram na FEB na
Europa.....103

QUADRO 5 – Museus e monumentos da
FEB.....116

QUADRO 6 – A representatividade da FEB em diferentes formatos
(audiovisual / livros / site / blog).....149

LISTA DE ESQUEMA

ESQUEMA 1 – Sistema de Representação de Hall (2016).....138

ESQUEMA 2- Sistema de Representação da
FEB.....161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPITULO 1 - Apontamentos teóricos.....	27
CAPITULO 2 – Nacionalismo e simbolismos da Força Expedicionária Brasileira (FEB).....	48
2.1 - O simbolismo da FEB no cenário brasileiro.....	65
CAPITULO 3 - O Brasil na Segunda Guerra	79
CAPITULO 4 - Patrimônio Cultural Militar: Alguns exemplos de exposição em espaços de memória.....	108
CAPITULO 5 - A FEB e seu patrimônio representado.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS.....	165
Referências Eletrônicas	169
Entrevistas.....	175

APÊNDICE – Fotografias, discurso e recortes de jornais sobre a FEB.....176

Apêndice A - O culto aos mortos, um dos discursos mais fortes
do nacionalismo.177

Apêndice B - Fotos “posadas” dos integrantes da FEB em campo
de batalha.....180

Apêndice C - Poemas exaltando a categoria da FEB.....190

Apêndice D - Enfermeiras da FEB.....193

Apêndice E - Relação nominal das enfermeiras que atuaram na FEB.....196

Apêndice F - Exposição itinerante Museu da Guerra.....201

ANEXO - Hino, discurso e recortes de jornais sobre a FEB205

Anexo A - Hino da FEB.....206

Anexo B - Concurso a Cobra Fumou, elaborado pela FEB.....210

Anexo C - Discurso de Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1942.....	211
--	-----

Anexo D1/D2 - Discurso de Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1942.....	216
---	-----

Anexo E - Luta pela preservação da memória da FEB.	221
---	-----

INTRODUÇÃO

No texto intitulado “Soldado e Cidadão” do jornalista Joel Silveira, encontrado no Jornal Diário do Paraná de 12 de abril de 1949, coloca a seguinte afirmação: “O ex-combatente simboliza hoje, o cidadão que em certo momento, deixou a vida civil para, com sacrifício até a própria vida defender pelas armas, o seu país e os seus ideais ameaçados”. Essa tese tem como objetivo mostrar o simbolismo na forma de representatividade social da categoria da Força Expedicionária Brasileira – FEB. O recorte temporal de estudo parte das décadas de consolidação do Regime do Estado Novo – década de 1930, passando pelo período pré e pós Segunda Guerra Mundial, até os dias atuais, buscando analisar as relações da categoria da FEB com a esfera do Estado, com as mídias e com o espaço, já que esse é socialmente construído. Na busca pela comprovação da hipótese de que seria a categoria da FEB e seus integrantes, patrimônios vivos da sociedade, partiu-se da problemática envolvendo o patrimônio militar e sua representatividade na forma de símbolos: a própria categoria da FEB, seus monumentos, museus, espaços de memória, acervos particulares e memórias dos veteranos vivos e dos indivíduos em geral, produções culturais como filmes, documentários e livros, todos espalhados pelo território brasileiro. Ao analisar como se constituiu essa representatividade e como ela ainda se manifesta nos dias atuais, alguns conceitos e autores que a muito se debruçam em seus debates, serviram de base para respaldar as questões levantadas.

No caminho para compreender a representatividade da FEB enquanto uma “categoria especial da sociedade”, e o como essa se manifesta nos dias atuais, foi preciso primeiro entendê-la como categoria construída ideologicamente, ou seja, imaginada. Assim, duas referências foram essenciais: Anderson (2008) e Hobsbawm (2006), os quais trazem em seus debates a afirmação de comunidades e tradições inventadas e utilizadas no processo de construção do nacionalismo. Enquanto reflexo de construções sociais, tanto ideologias como tradições compõem a complexidade da formação das culturas e das identidades. Aqui Hall (2006, 2007, 2016) e Cucho (1990) foram essenciais, visto que trazem um debate em que a

cultura, extremamente dinâmica, ganha novas roupagens no mundo globalizado e tecnológico, mudando e dando novos sentidos para velhos conceitos. Enquanto produtora de espaço, a sociedade cria e recria símbolos e materializa no espaço geográfico formas que despertam sentido aos indivíduos. A isso dar-se o nome de patrimônio cultural, seja esse um conceito construído e legitimado na forma de leis, ou simplesmente uma tomada de consciência, já que essa também é uma construção social, uma forma de pensar sobre construções e saberes sociais que merecem serem preservados como testemunhos de um tempo, as gerações futuras.

Partindo do entendimento é necessário olhar para o campo científico das correntes humanísticas, a interdisciplinaridade se fez presente em toda a pesquisa. Com isso, outro conceito de máxima importância nas pesquisas é a memória social, entendida aqui como ferramenta de análise científica e suporte dos indivíduos nos grupos e no tempo social. A memória social é uma construção feita por indivíduos e grupos, que direcionam seus enquadramentos (escolhas do que lembrar) na busca pela construção de realidades. Nesse trabalho, ela está diretamente ligada à identidade e aos processos de representação simbólica, pois é no ato de lembrar e compartilhar dessas lembranças que a materialidade dos signos se faz na forma de simbologia, assim, a memória se faz discurso.

Toda pesquisa que busque entender o passado para compreender o presente, tem nas memórias dos indivíduos que mais se lembram, o seu principal respaldo, assim, este trabalho tem dentre outras, memórias de velhos, aqui entendidos e defendidos como uma categoria espacial. Essa defesa, além de pessoal, pauta-se nas ideias de Bosi (1994) para a qual, o estudo da categoria de idosos se faz relevante, diante de uma sociedade capitalista, onde não destina espaço representativo para o velho e suas memórias existem. Assim, ela defende:

(...) a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados os suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos (BOSI, 1994, p.19).

As memórias dos grupos idosos veem aos poucos se perdendo, ao passo que esses deixam de existir, pois sem reconhecimento suas vidas perdem sentido. Sem serem reconhecidas no mundo capitalista, deixam aos poucos de serem reconhecidas em seu último refúgio - seio familiar. Sobre isso, Bosi (1994, p.20) completa que as memórias dos velhos se encontra em forte declínio, pois “entre as famílias mais pobres, a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo e seu percurso errante”. Para a autora, a arte de contar histórias decaiu, porque decaiu a arte de trocar experiências (BOSI, 1994, p.28). São velhos em uma sociedade marcada por rápidas mudanças e que não tem tempo a perder com histórias de vida.

Contudo, Bosi (1994, p.60), argumenta que ao estudar lembranças das pessoas idosas, é possível

verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecida (BOSI, 1994, p.60).

O velho, ao lembrar o seu passado não está descansando das atividades do presente, mas sim “se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1994, p.60), num processo não só de recordar, mas de re-viver e re-fazer o suas lembranças. Nesse processo de re-viver desperta um sentimento de valorização pessoal diante do interesse do indivíduo que o interroga. Valorizar essas memórias, reconhecendo-as como parte importante de um acervo maior, leva a uma valorização coletiva dessa categoria, formada por indivíduos, transformados em soldados, que viraram “heróis nacionais”, mas que envelheceram. Uma categoria que envelheceu e foi abandonada pelo Estado, mas que conservou seu simbolismo até os dias atuais. E por fazerem parte de um grupo específico, essas pessoas também adquire um suporte através de um processo de identificação de suas memórias com as de outros indivíduos envolvidos no mesmo passado em comum, construindo assim, memórias coletivas, ou seja, uma forma de “representação”.

Enquanto pertencente a um grupo, a memória coletiva passou a constituir-se enquanto busca de pertencimento e afirmação identitária de indivíduos que compõem um grupo social específico, pois essa contém o registro da vivência desses indivíduos. Para Bosi (1994, p.413) “*a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva*”. É o indivíduo que detém o poder de memorizar e dar significado aos objetos e histórias ocorridas num passado em comum. Com relação às memórias de pessoas idosas, Bosi (1994) afirma que, numa sociedade capitalista, onde não tem mais espaço para o velho existir, suas memórias, carregadas de cultura e experiências, passam a ser sua única arma de utilidade e sobrevivência. Dessa forma, as memórias dos ex-combatentes idosos ainda vivos vêm aos poucos se perdendo, ao passo que esses deixam de existir, memórias essas que são visíveis pelo trabalho de pesquisadores, admiradores e familiares que buscam mantê-las vivas.

Assim, realizar um estudo de categorias sociais, partindo da geografia cultural, enquanto uma ciência social, representa uma busca pela compreensão de como os grupos e seus espaços representativos se constroem, como são projetados nesse suas contradições, sentidos, emoções, ideologias e esperanças. A isso, Camargo e Elesbão (2004, p.10) apontam que

É preciso ficar claro que o objeto de estudo das ciências humanas é o próprio homem vivendo em sociedade (...) suas relações com outros homens e com o mundo. As ciências humanas não visam o estudo do homem em sua totalidade, mas do homem, considerando seus aspectos sociais, políticos, econômicos, psicológicos, históricos, etc (CAMARGO e ELESBÃO, 2004, p.10).

No entendimento da geografia, Gomes (2011, p. 307) argumenta que o espaço é a categorias que mais importa para essa ciência. Esse é considerado resultado materializado de um processo histórico, com dimensões reais e físicas, mas também construído através de simbólicas que associam sentidos e ideias. A geografia, para Gomes (2011, p.305) adquire essas noções através da influência humanística, a qual procurou buscar “referências variadas, não excluindo nenhuma via da ciência, pois a exclusão é encarada como um risco de limitação e de

empobrecimento”.

Para Claval (2002, p. 20)

o objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica (CLAVAL, 2002, p. 20).

Para estudar as ciências sociais, tais como a geografia, Claval (2004, p.32) afirma que é necessária a compreensão das realidades subjetivas dos grupos sociais analisados, suas “atitudes”, seus “costumes”, suas “práticas” e seus “discursos”. Assim, é através de uma abordagem cultural que os geógrafos podem estabelecer suas análises, partindo “do indivíduo, e de suas experiências porque é através delas que os homens descobrem o mundo, a natureza, a sociedade a cultura e o espaço” (CLAVAL, 2004, p.32). Analisar os indivíduos e seus grupos sociais através da percepção cultural possibilita uma compreensão de mundo através “do jogo das representações”, as quais possibilitam aos sujeitos perceberem o mundo e o real, e esse trabalho busca exatamente isso, olhar para um grupo social construído por representações.

O geógrafo que estuda o patrimônio cultural e tem o enfoque cultural em suas pesquisas, ao olhar para uma paisagem espacial, enxerga mais que recortes de tempos históricos, “ele a vê como um elemento essencial da vida dos indivíduos e dos grupos. É sensível às convivências que se estabelecem entre as formas materiais, ou vivas, os conjuntos construídos e os que frequentam os lugares” (CLAVAL, 2004, p. 33), ou seja, ele “se interessa pela maneira como as realidades são percebidas e sentidas pelos homens” (CLAVAL, 2004, p. 35), e não deve julgá-las como certa ou errada, segundo suas ideologias e percepções de mundo, mas entendê-las enquanto origem e contexto histórico analisá-las pelo olhar da geografia como forma de compreender no presente como e porque se manifestam, assim, o que realmente importa ao geógrafo é “compreender o sentido que as pessoas dão à sua realidade” (CLAVAL, 2004, p. 37). Na abordagem cultural o geógrafo tem a possibilidade de aprofundar suas análises porque, segundo Claval (2007, p.10) ela

atinge o nível da comunicação (gestos, palavras, sentidos) e conseqüentemente suas identidades, que são construídas pela relação com o ambiente e com demais indivíduos. Para a geografia, a cultura é “formadora do espaço” (HETTNER, 1929 *apud* SAHR, 2007, p.65).

“O geógrafo estuda as relações entre o homem e o ambiente, e entre os homens, através da descrição dos conjuntos de ferramentas usadas, da língua falada e dos discursos” (CLAVAL, 2007, p.09). Esse olhar é essencial para quem estuda o campo do patrimônio cultural, enquanto formas (materiais) e tradições (imateriais) herdadas pela história social e transmitidas através de diferentes linguagens simbólicas, compreendendo como as manifestações que o patrimônio proporciona aos homens são vivenciadas e sentidas por eles e pelos grupos envolvidos, não cabendo ao geógrafo julgá-las como verdadeiras ou falsas, mas buscar entender sua origem num contexto histórico, e como elas são representadas e sentidas pelo social na atualidade.

Enquanto uma construção social, as representações sociais materializam-se e ganham fortes significados quanto passam a compor no espaço, as identidades sociais, enquanto processo dialógico com o outro. No estudo geográfico, as representações permitem abordagens extremamente sociais, onde as práticas e suas materializações enquanto culturas são escolhidas como componentes essenciais de análises e é onde os grupos sociais “aparecem como essenciais” (CLAVAL, 2007, p.10), pois “qualquer tipo de espaço geográfico é embutido em representações e interpretações” (SAHR, 2007, p.57) e compreender essas mensagens é um dos focos da geografia cultural. As representações dão sentido a todas as ações sociais, e assim, adquirem sentido por pertencerem aos indivíduos e seu grupos, onde almejam perpetuar sua valorização através do reconhecimento e compartilhamento de seus feitos para com as novas gerações, e nesse processo, somente com a preservação dessas memórias essa transmissão de significados será possível. Logo, o patrimônio cultural, apresenta-se como um importante campo de pesquisa para a Geografia, enquanto um campo de análise documental, de memória ou de possibilidades de transformações do espaço social.

Mas porque reunir em um trabalho, discussões profundas sobre uma categoria social? Bom, enquanto indagações pessoais, as hipóteses aqui levantadas,

vêm de pesquisas passadas, onde a categoria social de idosos foi abordada. A experiência de elaborar uma dissertação de mestrado levando em conta o entendimento do patrimônio cultural da ferrovia e os indivíduos que a construíram – trabalhadores ferroviários, fez com que o trabalho de pesquisa se debruça-se em entender porque as pessoas se referiam a antigos trabalhadores vivos e a todo o acervo da ferrovia como sendo um bem valioso? Assim, a convivência com velhinhos, tanto trabalhadores ferroviários como pessoas comuns, despertou em mim, potencializado pelo apoio do meu orientador, a vontade de compreender uma categoria mais específica ainda, a dos veteranos brasileiros da FEB. No processo de construção da problemática percebeu que ficar restrito a um único conceito seria impossível, assim, a busca conceitual para compreender o que estava materializado na sociedade enquanto símbolos dessa categoria era mais do que essencial, visto que esses símbolos se manifestaram de diferentes formas e em diferentes formatos. Com isso, um leque de possibilidades analíticas se abriu mostrando que a complexidade de compreensão dessa categoria não seria algo simples, como não foi simples fazer a divisão dessa compreensão em capítulos.

Tendo como foco a categoria social da FEB, formada por milhares de brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial, também conhecidos “pracinhas”¹, este trabalho buscou olhar para ela como constituída de pessoas especiais, peculiares e notáveis, as quais possuem ou possuíram um papel de destaque na sociedade. Indivíduos que participaram ativamente de um fato histórico que marcou o mundo nos meados do século XX. No caso da categoria brasileira, seus feitos materializam-se na atualidade na forma de representatividade social através de museus, livros, filmes, acervos patrimoniais, associações, desfiles cívicos e inúmeras manifestações virtuais (*sites* e *blogs*). A memória da Segunda Guerra Mundial ainda se faz presente nas lembranças de parcelas da população brasileira, e apresenta elementos que são pilares na representação enquanto um patrimônio cultural.

¹ Segundo a Revista Super Interessante, baseado no Livro 1942: *O Brasil e sua Guerra Quase Desconhecida*, de João Barone, o “termo pracinha surgiu da expressão “sentar praça”, que significa se alistar nas Forças Armadas. O apelido era atribuído aos soldados rasos, detentores da patente mais baixa da hierarquia militar”. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blog/oraculo/por-que-os-soldados-brasileiros-enviados-para-a-2-guerra-mundial-eram-chamados-de-pracinhas/>>. Acessado em: 25/09/2013.

São inúmeras as manifestações sobre o tema da Segunda Guerra Mundial pelo mundo, mas no Brasil, o papel da FEB é só ganhou espaço graças ao posicionamento de pesquisadores e admiradores, os quais debruçam-se em esforços para manter viva a importância dessa categoria. Diante do cenário de abandono que sofreu a categoria desde sua criação, parece justo que os esforços se materializam em pesquisas e resultados sobre os feitos da FEB, seus personagens e o processo de reintegração social dos soldados no pós-guerra.

Nesse sentido, Oliveira (2011, p.10) afirma que:

A história e a memória dos eventos relativos à participação do Brasil no conflito tem reconhecidamente um impacto substancial na cultura política do pós-guerra, e isso tem ajudado a atrair o interesse dos pesquisadores para o tema da reintegração social dos ex-combatentes (OLIVEIRA, 2011, p.10).

Em suas pesquisas, Oliveira (2011) constata que a preocupação com essa categoria no pós-guerra transformou-se numa batalha em solo brasileiro, onde as dificuldades de assistência social enfrentadas por eles levaram milhares de ex-combatentes a mendigar por ajuda ao Estado que defenderam.

A luta por reintegração social e direitos políticos e reconhecimento social também é tema de pesquisa de Silva (2012), no qual o autor aborda os espaços de memórias (museus) construídos em homenagens a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial. Para o autor, a luta dos ex-combatentes se transformou em uma forte identidade social da categoria, denominada pelo autor de “Identidade Febiana”, principalmente durante a década de 1980 a 1990, onde várias conquistas foram alcançadas, tais como: pensão, direito de participar em desfiles cívicos e inúmeras instituições de museus².

A história da FEB tem sua representatividade materializada na chamada “paisagem cívica” urbana, mesmo diante da constatação de que o país não tem memória e nem identidade, e a maioria dos monumentos não se remete somente os soldados mortos, mas aos expedicionários em geral. Esses monumentos encontram-se distribuídos estrategicamente pelos espaços urbanos, são elementos

² Essas conquistas se intensificaram nessas décadas, pois várias dessas ações já vinham sendo realizadas desde a chegada da FEB em solo brasileiro no pós-guerra (1945).

presentes no cotidiano das cidades, mas que muitas vezes passam despercebidos pelos olhos da população, principalmente dos grandes centros. Tendo como principal foco, as análises do patrimônio militar urbano relacionado à FEB, é que vem gradativamente, surgindo pesquisas, principalmente ligadas ao campo da História, que buscam (re) construir o passado da FEB, saindo do eixo das capitais e direcionando-se para o interior do país, buscando nas memórias pessoais e nas histórias orais, história oficial não contou.

Além dos monumentos urbanos e espaços de museus espalhados por alguns Batalhões das Forças Armadas e algumas cidades, a categoria da FEB recebe um leque de representatividade da sociedade em diferentes formas de manifestações: espaços de memória reais (museus e acervos particulares), e virtuais (*sites* e *blogs*), com características diferenciadas das encontradas em museus tradicionais, diferenciando-se de uma das principais características da construção das “tradições” (HOBBSAWM, 2006) ou das “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 2008), onde os soldados não têm nomes, mas representam toda a nação, garantindo assim um sentimento de coletividade, pois nesses espaços virtuais as histórias particulares e individuais ganham espaço e reconhecimento. E foi essa diversidade vista neste trabalho com representatividade que serviu de apoio para a investigação, sendo os elementos escolhidos, assim, entrevistas com pesquisadores, escritores, organizadores de espaços de memória (físico e virtual), familiares de ex-combatentes, admiradores, e 5 expedicionários da FEB foram ouvidos. Visita a acervos particulares, acervos de museus da categoria, e a monumentos espalhados por diferentes cidades, foi abordados. Enquete em rede social, e seleção de produções culturais como filmes e livros (ficção, biográficos e autobiográficos). foram realizadas, como forma de mostrar a materialidade do patrimônio da FEB.

Nesse sentido, o debate que aqui se segue foi dividido em cinco capítulos enquanto uma escolha científica, o que foi extremamente difícil visto que as análises e a compreensão da problemática só se fez completa quando olhada pelo todo. Ficou claro nesse trabalho que as construções sociais enquanto processos são as bases para entendimentos dos sujeitos, de seus grupos e seus espaços, e enquanto um processo de construção, esse trabalho também se apresenta como processo, jamais acabado e em constante reformulação dialética. Dessa forma, mostrar como se construiu e se apresenta a representatividade social da categoria social da FEB,

se deu da seguinte maneira:

No primeiro capítulo é apresentada uma base teórica essencial para a compreensão da categoria social. Nessa a geografia é entendida enquanto uma ciência social, que busca compreender o processo pelo qual a sociedade materializa nos espaços suas contradições, seus sentidos, emoções e ideologias. Entendendo que a produção espacial depende de diferentes elementos, mas um dos principais condicionantes são as identidades, as entidades sociais e as relações entre essas, construídas num processo conjunto. Assim, enquanto uma concepção humanista, a geografia entende a “Cultura no sentido de atribuição de valores as coisas que nos cercam” (GOMES, 2011, p. 311). Neste capítulo é realizado um apanhado do estudo relacionado às tradições, às comunidades imaginadas, às identidades culturais ligadas à memória e à construção de seus patrimônios. Para tanto, autores como Claval (2001); Santos (1987); Chauí (1994); Cuche (1999); Azevedo (1944), Bosi (1994); Halbwachs (1990); Candau (2014); Abreu (2003) foram abordados na busca de uma compreensão da formação das categorias sociais.

O segundo capítulo mostra o processo de construção das tradições e comunidades imaginadas tendo por base o processo de nacionalismo e os símbolos criados por esse, ligados aqui, a categoria da FEB como “sujeitos especiais da sociedade”. As bases teóricas aqui apresentadas são Hobsbawm (2006); Anderson (2008); Hall (2006); Choay (2001), Chauí (2000); Miceli (1991) e Candau (2014) elucidando o processo de construção simbólica de instituições sociais.

Já no terceiro capítulo, tendo por base o estudo de Vertino (2013), Ferraz (2012), Alves (2012), Costa (2015) e Rosa (2010), é apresentada a categoria social da FEB, sua formação, sua participação na Segunda Guerra Mundial, e sua readaptação na sociedade no pós-guerra. Todo esse percurso é apresentado no capítulo na forma de discurso do governo e da imprensa jornalística.

O capítulo quarto mostra as análises da representatividade da categoria em 3 esferas espaciais: espaço físico, espaço virtual, e itinerante. O primeiro foi o Museu do Expedicionário da cidade de Curitiba (PR), o segundo é o *site* Portal da FEB, e o terceiro corresponde a um acervo particular exposto de forma itinerante que contém mais de 600 peças relacionadas à Segunda Guerra Mundial, sendo que muitas pertencentes a FEB. Para cada uma das formas de representatividade museológica foram utilizadas metodologias distintas: para o Museu do

expedicionário de Curitiba (PR), enquanto o espaço físico, com acervos da FEB expostos de forma tradicional (ou seja, em salas temáticas, com objetos protegidos por vidros, e placas de indicações) foram realizadas visitas de observação, visita agendadas com o setor de memória, afim de registro fotográficos dos arquivos de jornais, conversar abertas com funcionários e ex-combatentes, visitantes do espaço. Para o segundo espaço analisado, o Portal da FEB, enquanto um espaço virtual foi utilizado à metodologia de Análise de Redes Sociais – ARS estabelecidas por uso de computadores, onde foi realizado um levantamento dos principais *sites* relacionadas à FEB através da ferramenta de busca do *Google*, com o uso de palavras-chaves.

A Análise de Redes Sociais tem origem no século XVIII, com estudos relacionados à matemática, os quais buscavam uma compreensão das relações complexas. Enquanto relacionados a estudos sociais, as redes começaram a ser estudadas interdisciplinarmente na década de 20, pela Biologia, Sociologia, e a Física (RECUERO, 2005, p.02). Segundo Capra (1996, p.77) a rede é o “padrão comum de organização que pode ser identificado em todos os organismos vivos [...] sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes”. Mas foi com a Teoria da Informação, impulsionada pela Cibernética, nas décadas de 40 que os estudos de redes ligadas ao social, começaram a se expandir, dando origem à criação de novas tecnologias, inclusive o computador como conhecido atualmente (CAPRA, 1996, p.65). Para Castells (2000, p.43) foi o financiamento militar e dos mercados da indústria eletrônica que impulsionaram as pesquisas no campo tecnológico. Tendo como paradigma a propagação da informação, logo essa ferramenta se espalharia por diferentes esferas sociais. Com a criação da *internet*, nos anos 60, pela DARPA – Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos EUA, a forma de comunicação e transmissão de informações transformaria o mundo em todos os sentidos (CASTELLS, 2000, p.43). Dessa forma as redes de computadores transformam-se em redes sociais ao conectarem pessoas. Na opinião de Castro (*et al* 2015, p.172) “as redes sociais na *internet* significam um recente e complexo conjunto de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos”, onde as interações sociais criam e mantém conexões que vão além do real físico, construindo laços permanentes.

Após análise, constatou que o Portal da FEB era o *site* que mais aparecia nas buscas, estando na primeira pagina de visualização do Google. A partir dessa escolha, constatou-se que o *site* tinha uma extensão através de um perfil na Rede Social do *Facebook*, caracterizando duas formas de interação entre os usuários, pois ambos oportunizam a interação através de campos de comentários. Nessa rede, foi utilizado, além da ferramenta de troca de mensagens e arquivos (bate-papo), como forma de entrevistar na forma de dialogo, o administrador do *site* Portal da FEB, foi hospedada na página uma enquete permanente, com perguntas abertas relacionadas à opinião dos usuários sobre o *site*.

Com relação ao Museu de Guerra, foi analisado levando-se em consideração que essa forma de levar um acervo até as pessoas de forma itinerante tem a ver com a democratização do acesso aos instrumentos culturais, buscam não somente atrair, mas expandir o numero do público, levando “as coleções a outros públicos em contextos diferentes, afastando-se um pouco dos modelos e dos locais tradicionais de exibição” (XAVIER, 2012), dessacralizando a imagem do museu tradicional, esse acervo passa a ser uma instituição viva. Enquanto uma nova metodologia reforçada nos anos 40, como uma concepção ideológica de mudança social, ligada a ideia de desenvolvimento dos cidadãos, os quais deveriam ter acesso à cultura e as artes, os museus itinerantes se firmaram como importante ferramenta de educação cultural. Diante de uma realidade brasileira, em que os museus tradicionais são os equipamentos culturais menos atrativos pelo público, essas ações de ir de encontro às pessoas pode ser uma importante alternativa de expansão das artes. Na opinião de Soares (2016, p.133) o objetivo dos acervos e museus itinerantes está ligado a mudanças de pensamentos culturais, onde a produção de conhecimento deveria ser difundida como forma de desenvolvimento nacional, levando a população atingida por esse movimento, a absorver novas formas de experiências estéticas e encantos através da arte. A propagação da itinerância inicia com empréstimos de obras entre museus e logo a prática se espalha em escalas globais, chegando às décadas de 40 e 50, com manuais elaborados pela UNESCO, como forma de coordenar as regras de empréstimos e formas de circulação (SOARES, 2016, p.134).

No quinto capítulo é apresentada a representatividade do patrimônio da FEB, conceituado segundo Sahr (2007); Kozel (2007) e Hall (2016). Nesse é

defendido a ideia da representatividade e do patrimônio vivo da FEB. Diferentes exemplos de representatividade da categoria aparecem na forma de relatos, entrevistas, produção literárias e audiovisuais, mostrando um leque de história e manifestações de valorização e reconhecimento dessa categoria.

CAPITULO 1

APONTAMENTOS TEÓRICOS

“As sociedades humanas são construções culturais”, ao afirmar isso Claval (2001, p.109) defende que enquanto uma instituição formada por códigos e divisão hierárquica, os grupos sociais ligam-se por uma rede complexa de relações. A comunidade social é construída através da coesão, ou seja, sentimento onde os indivíduos sintam-se pertencentes, responsáveis e solidários a um mesmo grupo. “A comunidade serve de modelo a toda uma série de unidades sociais e culturais: um pequeno grupo coeso, onde os membros estão ligados por relações de confiança mútua (...) e uma base territorial” (CLAVAl, 2001, p.114). Para o autor, em todas as formas de sociedades, a ação de transmitir valores e conhecimentos, transforma-se no processo de formação cultural dessa. A isso, o autor afirma que

Uma cultura é, em grande medida, feita de palavras que traduzem o real recortando-o, estruturando-o e organizando-o. Esses signos falam dos lugares, da vida, dos seres ou das técnicas: tem um valor descritivo. Como adquirem conotações no decorrer da existência, ganham uma carga emotiva (CLAVAl, 2001, p.137).

Para que haja uma coesão, primordial no processo de transmissão da cultura, as sociedades precisam manter alguns elementos primordiais a sobrevivência de seus membros: “alimentos, bens materiais, ordem, paz civil, segurança, aspirações espirituais e permanência de suas instituições” (CLAVAl, 2001, p.123). Por ser uma construção da realidade sempre em movimento, cada um, mesmo que ligados a um grupo, luta para projetar no futuro através de suas ações, aspirações melhores das que se apresentam no presente. “As práticas que modelam o espaço ou que são desenvolvidas no sentido de utilizá-lo misturam estreitamente o ato, a representação e o dizer” (CLAVAl, 2001, p.13). A isso, Gomes (2011, p.32) afirma que se há algo generalizado nas sociedades é justamente a “capacidade de atribuir valores às

coisas, mas o sentido, a direção e a amplitude desta atribuição são sempre relativos e particulares a cada período e a cada cultura”. A cultura apresenta-se como a marca na paisagem, sendo o único documento-chave, segundo Claval (2001, p. 14) que subsiste para as sociedades.

Dessa forma, a cultura estabelece-se a partir das relações sociais historicamente herdadas. E por compreender uma dimensão da sociedade, apresenta-se também, como objeto de análise. As variações ocorridas nos modos de vida de diferentes povos e nações tornaram-se um dos elementos fundamentais na busca pela compreensão cultural. Entendê-las é uma forma de identificar as transformações sofridas pelas sociedades contemporâneas. “O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la” (SANTOS, 1987, p.35).

A cultura compreende os modos de vida e de pensamento dos diferentes segmentos sociais.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (SANTOS, 1987, p.37).

A sociedade é sempre dinâmica e em constante movimento, e de uma maneira mais genérica a cultura está relacionada a tudo o que caracteriza a população humana, nação ou grupos específicos, e é ao mesmo tempo produto dessa sociedade, como também um mecanismo de produção e poder, ligada as formas de organização de vida social e a sua transformação. “As culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que

pode vir a existir” (SANTOS, 1987, p.17).

Nesse sentido, a palavra “cultura” surge do latim *colore* já nos primórdios da civilização, sendo utilizada para designar às atividades de “cultivo e o cuidado com as plantas, os animais e tudo que se relacionava com a terra” (CHAUI, 1994, p.11), mas sua sistematização científica e conceitual é moderna e ocidental, ocorreu a partir de século XVIII, na Europa, mais especificamente na França e na Alemanha.

Nessa época:

Cultura era então uma preocupação de pensadores engajados em interpretar a história humana, em compreender a particularidade dos costumes e crenças, em entender o desenvolvimento dos povos no contexto das condições materiais em que se desenvolviam (SANTOS, 1987, p.23).

Para Cuche (1999) as ciências sociais passaram a pensar a noção de cultura a partir da quebra de alguns paradigmas religiosos e biológicos, como uma forma de pensar o modo de vida dos diferentes povos. Na Europa do século XVIII, muitos pensadores iniciaram uma busca atrás de respostas para as questões que diferenciam os povos, baseadas até então na teoria biológica. Através da confirmação de que “o homem é essencialmente um ser de cultura” (CUCHE, 1999, p.09), as ciências sociais criaram novos direcionamentos teóricos, ora articulada, ora oposta a noção de Civilização.

O termo *Civilização* foi incorporado como sinônimo de cultura pelos franceses iluministas do século XVIII. Para eles cultura designava a “formação, a educação do espírito (...) pela instrução” (CUCHE, 1999, p.20). Nesse momento enfatiza-se a oposição dos conceitos “natural” e “cultural”. Para os franceses, a cultura é um parâmetro que distingue a espécie humana dos outros animais, e por estar ligada a ideia de evolução, progresso, educação e razão, a associação dos conceitos “cultura” e “civilização”, vão caminhar juntas. A primeira designando um progresso individual. A segunda, um progresso coletivo mundial.

Para esse autor:

A civilização é então definida como um processo de melhoria das instituições, da legislação, da educação. A civilização é um movimento

longe de estar acabado, que é preciso apoiar e que afeta a sociedade como um todo, começando pelo Estado, que deve se liberar de tudo o que é ainda irracional em seu funcionamento. Finalmente, a civilização pode e deve se estender a todos os povos que compõem a humanidade (CUCHE, 1999, p.22).

“A cultura torna-se “medida” de uma civilização, meio para avaliar seu grau de desenvolvimento e progresso (...) uma ordem superior contra a ignorância e a superstição (...) permite avaliar, comparar e classificar civilizações” (CHAUI, 1994, p.13). Um marco contrário “a barbárie, estabelecendo uma distinção entre povos policiados e povos selvagens” (AZEVEDO, 1944, p.02).

Azevedo (1944, p.02) afirma que alguns antropólogos europeus do século XVIII compreendiam a cultura como o modo de vida social (*a parte*) do comportamento humano, que é proveniente do meio exterior, material, intelectual e histórico. Com tudo, a corrente anglo-americana passou a combater essa divisão, alguns anos depois, através da afirmação de que cultura compreendia os modos de vida, as características materiais, a organização social e os elementos espirituais dos diferentes povos, estendendo ao conceito de cultura, os elementos materiais da sociedade, bem como suas técnicas.

Posteriormente, os ingleses incorporaram a essa outra definição:

Cultura de um povo: um complexo que compreende os conhecimentos, as crenças e as artes, a moral, as leis, os costumes e todos os demais hábitos e aptidões adquiridas pelo homem na qualidade de membro de uma sociedade (AZEVEDO, 1944, p.02).

Para os antropólogos ingleses, era necessário considerar “os costumes, artes e hábitos” como elementos materiais, visto que esses não se encontram a margem das ações cotidianas das pessoas, mas fazem parte do seu modo de vida. Dessa forma, o autor argumenta:

Não se pode contestar a existência de relações entre a cultura propriamente dita com as bases materiais da sociedade e as suas técnicas, nem o interesse que apresenta a investigação sobre o comportamento material, técnico e econômico das sociedades e as suas bases materiais desse

comportamento (AZEVEDO, 1944, p.03).

Assim, torna-se inegável o papel desempenhado pelos fatores materiais no processo de evolução social dos grupos humanos. Como exemplo desse jogo conceitual, Cuche (1999) explica que os franceses diferenciam-se dos alemães por utilizar os conceitos de “cultura” e “civilização” no singular. Para os franceses, a cultura era humanista e universal, um termo criado para designar todas as ações humanas. Diferente da Alemanha que tinha a cultura (no plural, pois percebia diferenças nas formas de manifestações sociais, principalmente em seu país) oposta à noção de civilização. Civilização compreendia valores supérfluo e leviano, termo ligado à corte francesa e distante da sociedade.

O antagonismo conceitual de “cultura” e “civilização” extrapola os limites das classes sociais alemãs e chega à escala nacional, impulsionados pelos inúmeros problemas políticos internos, que vão buscar no ideal nacionalista uma unificação cultural diferenciada dos demais países europeus. O particularismo se impõe na Alemanha como uma forma de diferenciar as culturas. Santos (1987) afirma que a preocupação da Alemanha com relação às questões culturais, tinha raízes na sua própria história política, já que a mesma era uma “nação dividida em várias unidades políticas”. Discutir a cultura era uma forma de buscar a unificação por outros vieses:

Foi no século XIX que se tornou dominante uma visão laica, quer dizer, não religiosa, (...) novas teorias biológicas e sociais desse século culminaram com uma visão da humanidade firmemente ancorada numa teoria da evolução das espécies. (...) Nesse contexto de discussão sobre evolução, cultura servia tanto para diferenciar populações humanas entre si quanto para distinguir o humano de outras formas animais. (...) Assim a moderna preocupação com cultura nasceu associada tanto a necessidades do conhecimento quanto às realidades da dominação política. Ela faz parte tanto da história do desenvolvimento científico quanto da história das relações internacionais de poder. Esta é uma relação muito íntima. (...) Falar da totalidade das características de um povo, nação, sociedade, é uma ideia muito ampla para cultura, algo muito vasto e difícil de operacionalizar. (SANTOS, 1987, p.24-32).

Para os alemães, a cultura era “a expressão da alma do povo” (CUCHE,

1999, p.29), ligada a ideia de nação, já a civilização representava os feitos materiais e racionais, tais como as técnicas e o próprio desenvolvimento econômico. Para os franceses, a cultura era um “conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação” (CUCHE, 1999, p.28).

Baseado, portanto em ideologias, as definições abrangentes do termo cultural (modos de vida de uma sociedade), passam a apresentar-se enquanto um campo simbólico, numa visão hegeliana – “trabalho, religião, linguagem, ciências, artes e política”, e como “*práxis* social”, ou seja, relações materiais contraditórias desencadeadas por classes sociais, numa visão marxista (CHAUÍ, 1994, p.14).

Por essa razão, o estudo da noção de cultura não pode ser completo sem a abordagem dos processos históricos e simbólicos de uma determinada sociedade. Talvez se deva a esse processo específico, o valor que cada sociedade dá aos seus elementos culturais, a dificuldade em se compreender as diferentes manifestações culturais existentes. O valor simbólico atribuído a esses diferentes elementos da vida social é formado por uma carga ideológica, que acompanha, caracteriza e molda os indivíduos durante sua vivência. A simbologia é um meio pelo qual as formas de conhecimento e experiências acumuladas por uma sociedade serão transmitidas, assimiladas e transformadas. Dessa cultura pode ser compreendida como “o campo simbólico e material das atividades humanas” (CHAUÍ, 1994, p.14).

Santos (1987, p.36) enfatiza que as dificuldades de compreensão e alienação são reforçadas quando o observador de outra cultura (pesquisador ou indivíduo comum) não leva em conta que os símbolos culturais possuem significados ideológicos e só fazem sentido para os membros da cultura observada. E principalmente, que esses símbolos não sejam o único elemento propulsor da observação e entendimento cultural, visto que, observar os símbolos pelos símbolos, torna qualquer cultura mecânica e engessada. A cultura é mais que a mera soma de símbolos, ela é um campo de conflitos e interesses que se mesclam num processo de *devir*.

Na visão de Santos (1987) discutir “cultura implica sempre discutir o processo concreto”. Essa:

É uma discussão que sempre ameaça extravasar para outras discussões e

preocupações. Lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições - esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas o dizem enquanto parte de uma cultura, a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte, à história de sua sociedade (SANTOS, 1987, p.39).

Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Todo grupo social (em diferentes escalas) tem sua realidade social e sua cultura baseadas em lógicas internas, “práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam” (SANTOS, 1987, p.08), só fazem sentido mediante o contexto histórico e espacial em que vivem. Conhecê-las e entendê-las é o primeiro passo para sua desmistificação e compreensão profunda de suas lógicas. Dessa forma, “o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas” (SANTOS, 1987, p.08), assim como para o próprio entendimento cultural do agente pesquisador.

Neste sentido, Santos (1987) coloca que são duas as possibilidades básicas de relacionarmos diferentes culturas entre si:

No primeiro caso, pensa-se em hierarquizar essas culturas segundo algum critério. Por exemplo, usando-se o critério de capacidade de produção material pode-se dizer que uma cultura é mais avançada do que outra. Ou então, se compararmos essas culturas de acordo com seu controle de tecnologias específicas, como por exemplo, as tecnologias de metais, poderemos pensar que uma é mais desenvolvida do que a outra. Na segunda possibilidade de relacionar diferentes culturas, nega-se que seja viável fazer qualquer hierarquização. Argumenta-se aqui que cada cultura tem seus próprios critérios de avaliação e que para uma tal hierarquização ser construída é necessário subjugar uma cultura aos critérios de outra (SANTOS, 1987, p.11).

No processo de estudo e compreensão de uma determinada cultura, as subdivisões conceituais aplicadas no estudo da dimensão cultural apresentam algumas dificuldades exatamente pela sua complexidade. Pensando nisso, Santos (1987, p.52) coloca que ao se estudar a chamada cultura popular, nas quais se

encontram diferentes grupos e classes sociais, deve-se levar em consideração o fato de que essas classes apresentam características internas diferentes, mesmo as que pertencem a uma mesma categoria, como por exemplo, os operários. Os antagonismos presente na esfera de trabalho variam conforme o contexto histórico em que se desenvolveram agentes opressores e agentes oprimidos.

Dessa forma:

o que se pode fazer ao falar em cultura de uma classe social é procurar localizar os núcleos mais importantes de sua existência social, as relações que definem essa existência, procurando a expressão cultural deles. Mas essa é sempre uma preocupação limitada. A questão é entender a dimensão cultural da sociedade de classes como um todo, pois só assim se poderá esclarecer os significados das várias particularizações de cultura (SANTOS, 1987, p.52)

A cultura é, portanto, um processo dinâmico e nunca deve ser vista e descrita com estática, ela não é um produto com começo, meio e fim, mas sim uma dimensão do processo social. “Uma unidade organizada e estruturada, na qual todos os elementos são interdependentes” (CUCHE, 1999, p.120).

Ainda em Santos (1987):

Essa dimensão é a do conhecimento num sentido ampliado, é todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência. Cultura inclui ainda as maneiras como esse conhecimento é expresso por uma sociedade, como é o caso de sua arte, religião, esportes e jogos, tecnologia, ciência, política. O estudo da cultura assim compreendida volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, idéias, doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais. O estudo da cultura procura entender o sentido que fazem essas concepções e práticas para a sociedade que as vive, buscando seu desenvolvimento na história dessa sociedade e mostrando como a cultura se relaciona às forças sociais que movem a sociedade (SANTOS, 1987, p.35).

A noção de cultura no século XX apresentava-se para Abreu (2003) como um calmante para os conflitos mundiais, a qual diz respeito à diversidade e pluralidade que existem no interior de cada país e é formada por bens materiais e imateriais (intangíveis). E é no final do século XX que novas concepções e estudos focados

em grupos historicamente discriminados surgem como meios de compreender a diversidade cultural mundial.

A preocupação com a noção de cultura não é recente, e nem pertence a uma só ciência. Está ligada a genealogia da linguagem, o que explica a complexidade de entendimento e afirmação conceitual. Azevedo (1944, p.02) diz que sendo a cultura um “conjunto de caracteres que apresenta aos olhos de um observador a vida coletiva de um grupo humano” alguns elementos como a linguagem e as palavras – vocabulários dos povos devem ser levados em conta no processo de estudo da cultura. Para o autor, essas são transferidas de um povo para outro, num processo de absorção e adequação simbólica, ou seja, cada sociedade atribui às palavras diferentes significados, baseados em suas concepções de mundo. Esse processo caminha em duas vias: uma representa a unificação/uniformização das palavras e expressões, feitas pela sociedade como um todo; a outra, praticada por grupos particulares, tende a diferenciá-las. Mesmo havendo alguns impasses filosóficos e ideológicos com relação à aceitação da linguagem como elemento cultural, esse não deve ser descartado, visto que, a linguagem (assim com o som produzido por essa) compreende a identidade dos diferentes grupos.

A significação de uma palavra de uso corrente é definida pelo conjunto de noções às quais a palavra se associou e as associações diferem evidentemente segundo o grupo em que é empregado (AZEVEDO, 1944, p.01).

O valor dado à palavra e aos seus significados esta na base da construção das comunidades imaginadas nacionais apontadas por Anderson (2001). Enquanto ligadas diretamente a cultura, Cuche (1999 p.17) aponta que

As palavras têm uma história e, de certa maneira também, as palavras fazem a história. Se isto é verdadeiro para todas as palavras, é particularmente verificável no caso do termo "cultura". O "peso das palavras", para retomar uma expressão da mídia, é grandemente influenciado por esta relação com a história, a história que as fez e a história para a qual elas contribuem (...). A invenção da noção de cultura é em si mesma reveladora de um aspecto fundamental da cultura no seio da

qual pôde ser feita esta invenção e que chamaremos, por falta de um termo mais adequado, a cultura ocidental. Inversamente, é significativo que a palavra "cultura" não tenha equivalente, na maior parte das línguas orais das sociedades que os etnólogos estudam habitualmente (...). Por esta razão, se quisermos compreender o sentido atual do conceito de cultura e seu uso nas ciências sociais, é indispensável que se reconstitua sua gênese social, sua genealogia. Isto é, trata-se de examinar como foi formada a palavra, e em seguida, o conceito científico que dela depende, logo, localizar sua origem e sua evolução semântica (CUCHE, 1999, p.17).

Tendo por base o poder das palavras e narrativas, Anderson (2001, p.278) mostra que no século XVIII o jornal, juntamente com os romances foram as duas grandes invenções, usadas na construção das chamadas comunidades imaginadas nacionais. Nesses romances, o leitor passa a viver e sentir o que a personagem sente. Assim, tanto o jornal como o romance, criam narrativas de diferentes elementos e fatos sociais, construindo no imaginário coletivo um condicionamento de ligações e coesão. Enquanto um condicionante social, as palavras e narrativas são mais que elementos de base das culturas, são ferramentas usadas na construção das identidades pelos atores sociais. Ao falar da língua, Anderson (2001, p.203-215) coloca que essas se mostram mais enraizadas do que qualquer outra coisa nas sociedades contemporâneas, pois são elas que realizam a ligação afetiva aos membros dos grupos e ao seu passado. Tendo como prisma as comunidades imaginadas enquanto nação as línguas são paradoxalmente abertas e fechadas, onde o que restringe o acesso às outras línguas não é a impermeabilidade, mas sim a mortalidade do indivíduo, criando a característica de privativa. Assim, é “por meio dessa língua, que se conhece no colo da mãe e se perde no túmulo, restauram-se passados, imaginam-se companheirismo, sonham-se futuros” (ANDERSON, 2001, p.215).

Cuche (1999, p.188), coloca que no processo de formação de comunidade-nação, o Estado passa a ser o gerente das identidades, instaurando regulamentos e controle, criando assim, as chamadas “mono-identidades”, enquanto uma única identidade legítima. O Estado aqui apontado pelo autor se configura todos os Estados que aderiram à onda nacionalista. Nestes, o processo generalizador era a regra e a depreciação da diversidade era comum. Contudo, o autor coloca que em vários países com sociedades mais tradicionais o pluralismo teve um maior espaço para desenvolver-se, criando identidades flexíveis, “fusões ou cisões étnico-

culturais”, sem que houvesse conflitos agudos. Num sentido político social, Cuche (1999, p.189) mostra que as resistências das classes a imposição do fenômeno identitário nacional ocorre e avança quantitativamente em vários lugares. A luta desses grupos minoritários de resistência consiste em apropriarem-se de suas identidades, segundo seus próprios critérios e não aceitar imposições “subversiva simbólica dos grupos dominantes”. A resistência caminha aqui com uma certa solidariedade coletiva, pois, “na luta pelo reconhecimento, quanto maior a solidariedade, maior será a identificação coletiva, o que em contrapartida, tende a gerar o desaparecimento de identidades individuais” (CUCHE, 1999, p.191).

Para Cuche (1999, p.196) a construção dessas é complexa e relativa já que depende de vários fatores: situação social, relação de força entre grupos, manobras dos grupos e grau de alienação. Dessa forma, “a identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimentos, cada mudança social leva-a a ser reformulada de modo diferente” (CUCHE, 1999, p.198).

O estabelecimento de uma identidade sempre criará fronteiras diante das diferenças, diferenças não em si, como coloca Cuche (1999, p.200), mas diferenças com relação ao outro (indivíduo ou grupo), representadas por determinados traços culturais, os quais serão os elementos que marcam os limites. Dessa forma, qualquer mudança dos diferentes fatores, geram mudanças dessas fronteiras, levando a afirmação de que não existe identidade cultural em si mesma. Enquanto diferenciação, identidade social e cultural se apresentam distintas na opinião do autor (CUCHE, 1999, p.177), visto que a identidade social constitui-se como um instrumento de interação do indivíduo ou grupo com seu ambiente. Sua estrutura dependerá do conjunto de vinculação em um determinado sistema social, sendo então, inclusiva e exclusiva por identificarem-se e diferenciarem-se enquanto grupo. Já a identidade cultural aparece como uma modalidade social de categorização de distinção.

Diante disso, Cuche (1999, p.176-177) afirma que “a identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas (...) a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente”. Para Rique (2004, p.16) a sociedade cria as épocas e os momentos históricos através do ato de agir, formando traços culturais de

diferentes formas. Dessa forma,

Nós somos a imagem viva-materializada-pensante do espaço e do tempo porque somos seus símbolos dotados de razão e de emoção. Somos unidades vivas e perceptivas de espaço/tempo em movimento. Passamos com o tempo, enquanto guardamos sua marca cronológica no espaço do nosso corpo e o amarramos em nossa memória (RIQUE, 2004, p.16).

Para Bosi (1994, p.413) “*a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva*”. É o indivíduo que detém o poder de memorizar e dar significado aos objetos e histórias ocorridas num passado em comum. Ligada à identidade, a memória coletiva passou a constituir-se enquanto busca de pertencimento e afirmação identitária de indivíduos que compõem um grupo social específico, pois essa contém o registro da vivência dos indivíduos.

Em suas análises Bosi (1994, p.37) afirma que toda memória social é também uma memória familiar e grupal. Ideia também compartilhada por Halbwachs (1990, p.230) ao afirmar que “um homem que se lembra sozinho daquilo que os outros não se lembram assemelha-se a alguém que vê o que os outros não veem”.

Nesse sentido, Halbwachs (1990) afirma que:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (...) nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 1990, p.25-26).

Bosi (1994, p.60) afirma que a lembrança é a conservação e sobrevivência do passado, num jogo de escolhas do que lembrar, muitas lembranças são descartadas, e reafirmadas as que permanecem. Esse processo passa da esfera individual para a coletiva, onde a duração de uma memória coletiva de um determinado grupo, ligado a um tempo comum vivido, tende a durar até o momento

em que se desfaz esse grupo, ou chega ao fim. Esse momento final também pode ser entendido através de uma análise distintiva da memória coletiva e da história oficial, onde Halbwachs (1990) afirma que:

Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há na realidade, dois grupos que se sucedem. (...) A história, que se coloca fora dos grupos e acima deles, não vacila em introduzir na corrente dos fatos divisões simples e cujo lugar está fixado de uma vez por todas (HALBWACHS, 1990, p.82).

O autor, afirma que ao contrário da história oficial, a memória coletiva...

... é um grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapasse a duração média da vida humana, que lhe é, frequentemente, bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas (HALBWACHS, 1990, p.88).

Para Bosi (1994, p.408) “uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais”. Suas bases argumentativas pautam-se em Halbwachs (1990), para o qual a memória coletiva se produz através de vários pontos de vistas de memórias individuais, envolvendo-as, “mas não se confundindo com elas”, evoluindo segundo leis próprias, “e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto” (HALBWACHS, 1990, p.53), ao passo que o funcionamento das memórias individuais depende de palavras e ideias emprestadas do meio externo.

Assim Halbwachs (1990, p.78) completa, afirmando que para que as memórias dos demais integrantes de um grupo sejam suficientes para complementar as memórias de cada indivíduo, é necessário que essas estejam diretamente ligadas a um determinado evento do passado, em que todos os membros do grupo tenham participado.

Contrário à tese de memória coletiva de Halbwachs (1990), Candau (2014) afirmar que essa é uma representação, uma construção coletiva de lembranças supostamente comuns a todos os membros de um determinado grupo, onde o “coletivo é um enunciado relativo a uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças” (CANDAU, 2014, p.25), o autor afirma que para uma memória ser coletiva, é necessário uma generalização e um processo de pesquisa em que todos os membros da sociedade devam ser ouvidos, gerando uma categorização sobre o desaparecimento das particularidades. Assim, defende que enquanto construção dialética, as memórias coletivas são uma construção retórica de discursos direcionados, moldando identidades construídas no imaginário de uma comunidade, logo não há como afirmar que essas são verdadeiras.

Contudo, o autor afirma que não há como negar essa construção imaginária da memória, já que se fez presente no processo nacionalista de várias nações. E enquanto construções sociais, ele mostra esse movimento na dialética do tripé: memória, patrimônio e identidade. Aqui a memória reflete seus simbolismos na materialização do patrimônio, e esse constitui a história da construção do sentido de identidade, a isso Candau (2014, p.158) defende que “a conservação sistemática dos vestígios, relíquias, testemunhos, impressões, traços, serve de reservatório para alimentar as ficções da história que constrói a respeito do passado, e em particular, a ilusão da continuidade”. Assim,

Cada um pode tomar para si um patrimônio em constante diversificação. Ele se transforma numa maneira bastante sutil dos grupos novos dotarem-se de legitimidade e tornarem-se visíveis. É também a maneira pela qual os coletivos se instituem no tempo, a partir de então sendo mais reivindicados do que herdado, muito mais uma afiliação do que uma filiação, bem menos comunitário do que conflitivo (CANDAU, 2014, p.160).

É nesse momento, para o autor, que o patrimônio tende a fragmentar as memórias e as identidades ligadas a esse patrimônio. Passa-se então ao processo de escolhas. Escolha do patrimônio e das lembranças que darão suporte às identidades ligadas a esses. “A elaboração do patrimônio segue o movimento das memórias e acompanha a construção das identidades” (CANDAU, 2014, p.163), tornando-se mais prática da memória do que propriamente um conteúdo, num jogo

em que o projeto final é a afirmação de si mesmo (memória e patrimônio) na forma de identidade. Há aqui a dialética da memória, um processo em que as identidades se formam constantemente, e não somente são vinculadas a traços culturais como forma de complementação. Para o autor, pautado em Pierre Nora, defende que patrimônio, memória e identidade são sinônimos, e não podem ser compreendidos separadamente. “O patrimônio é uma dimensão da memória” (CANDAU, 2014, p.16), e essa vem fortalecer a identidade. Assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa ou um coletivo é restituir sua identidade. Logo, “a memória é a identidade em ação” (CANDAU, 2014, p.18).

Todo grupo humano exerce alguma atividade de colecionar objetos materiais, como forma de demarcar domínio subjetivo em relação a outros, numa relação que confunde-se com propriedade. O resultado dessa atividade é sempre a constituição de um patrimônio, visto que os bens materiais não podem ser classificados ou interpretados sem seus respectivos proprietários (GONÇALVES, 2003, p.27).

Afirmando assim:

Tais bens são, simultaneamente, de natureza econômica, moral, religiosa, mágica, jurídica, estética, psicológica e fisiológica. Constituem, de certo modo, extensões morais de seus proprietários, e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos (GONÇALVES, 2003, p.27).

Lembrando que, a categoria de patrimônio cultural teve início, e dessa característica se faz base até o presente, o ato de colecionar e atribuir valores simbólicos a determinados elementos, feitos, modos de fazer, memórias. Gonçalves (2003) defende que há uma necessidade de pensar novas formas de categorias de patrimônios, visto que tantas manifestações e acervos ainda se encontram desconhecidas, a sombra das leis que regem essa instituição. O patrimônio cultural também é uma mentalidade (CHOAY, 2001, p.11). Olhar a categoria de patrimônio com olhares sociais pode revelar novas formas de simbolismo.

Enquanto origem, o conceito de patrimônio cultural apareceu no cenário social europeu já no século XV, com denominações que variam entre antiguidades e monumentos ligados aos movimentos nacionalistas de construção de identidades nacionais. Dessa forma, o conceito de “Patrimônio” surgiu na Europa em meados do

século XIX, mais precisamente na Grã-Bretanha, enquanto um “bem” (objeto) material condicionado ao *usufruto* de uma estrutura familiar ou de um grupo social elitizado, materializado num espaço e caracterizado por um passado comum. O termo patrimônio está ligado também a outros exemplos de bens materiais, de “natureza econômica, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica, fisiológica” (GONÇALVES, 2003, p.27), natural, histórico – artístico (representado em sua grande maioria por obras de artes e edificações), e recentemente, “intangível ou imaterial” (ligado aos saberes e as técnicas sociais).

Atualmente, o entendimento do conceito de patrimônio vai além dos exemplares artísticos e arquitetônicos com funções institucionais, que pertenceram ao passado, tendo agora objetivos voltados à proteção de bens tangíveis e intangíveis ligados aos valores artísticos, memoriais e científicos. A relação do patrimônio ligado a uma instituição pública aparece nos estudos de Françoise Choay (2001), tendo como foco as cidades europeias.

Para melhor compreender o atual conceito de patrimônio histórico, é necessário considerar dois momentos da história europeia. Na análise feita por Choay (2001) o primeiro refere-se a Roma do século XV, com o despertar de interesse em preservar objetos achados em atividades arqueológicas, como forma de estudá-los. As ruínas viraram um local propício ao desenvolvimento intelectual, despertando um clima de sensibilidade na população que passou a defender as “reliquias” das intempéries do tempo e dos saqueadores.

A admiração e fascínio que despertavam as obras de arte e a arquitetura das cidades, promovidas pelo orgulho da própria história romana, acarretaram as primeiras movimentações para a preservação das chamadas *Antiguidades* (CHOAY, 2001). O interesse por antiguidades descoberto pela sociedade da Idade Média foi o primeiro passo para o processo contemporâneo da institucionalização do patrimônio cultural, assim como para o surgimento da chamada cultura erudita³.

O segundo momento da consolidação do patrimônio diz respeito ao século XIX, através da consagração do chamado *Monumento Histórico*, também com bases

³ Cultura erudita: “cultura dominante que desenvolveu universo próprio de legitimidade, expresso pela filosofia, pela ciência e pelo saber produzida e controlado em instituições da sociedade nacional, tais como a universidade, as academias, as ordens profissionais”. Disponível em: <<http://fundamentos1.wordpress.com/2009/09/01/noco-es-de-cultura-erudita-popular-e-de-massa/>>. Acessado em agosto de 2010.

no orgulho nacional, mas com maior intensidade. O ingrediente essencial para sua consolidação advém de uma tomada de consciência histórica social, acerca de suas obras de arte e de seus monumentos, não mais achados em escavações antigas, mas presentes no cotidiano do espaço urbano europeu (CHOAY, 2001).

Ao buscar a origem do termo monumento, Choay (2001) traduz o que foi a atmosfera do movimento cultural em que viviam os europeus do século XIX:

O sentido original do termo é do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”) aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva (...) sua relação com o tempo vivido e com a memória ou, dito de outra forma, sua *função antropológica*, constitui a essência do monumento (CHOAY, 2001, p.17-18) (grifo do autor).

Para essa autora a memória viva, representada pelas edificações, tornou-se a essência da preservação dos monumentos, principalmente, na França. O ato de conviver cotidianamente com construções e obras artísticas, fez com que a sociedade francesa iniciasse um movimento de preservação de seu espaço urbano. Contudo, a nostalgia despertada pelos monumentos acarretou num problema para o Estado, que agora tinha que expandir seu progresso urbanístico para outras áreas, já que o espaço já constituído não poderia ser substituído por novas construções. Como soluções foram criadas as primeiras comissões e decretos jurídicos como forma de classificar e legalizar os monumentos em diferentes grupos. São criadas três novas categorias de monumentos históricos (além dos já preservados *remanescentes da Antiguidade* - edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos):

Todas as formas de arte de construir, eruditas e populares, urbanas e rurais todas as categorias de edifícios, públicos e privados, suntuários e utilitários foram anexadas sob novas denominações: *arquitetura menor*, termo proveniente da Itália para designar as construções privadas não monumentais, em geral, edificadas sem a cooperação de arquitetos; *arquitetura vernacular*, termo inglês para designar os edifícios marcadamente locais; *arquitetura industrial*, das usinas, das estações, dos altos fornos (CHOAY, 2001, p.12) (grifo do autor).

Contudo, o sentimento nacionalista europeu despertado pelos monumentos, surge segundo uma jogada política que visava unicamente à proteção das propriedades das famílias nobres, do que propriamente uma proteção ao patrimônio histórico urbano. “Foi apenas a partir do ideário desencadeado pela Revolução Francesa que o significado de patrimônio estendeu-se do privado, para o conjunto dos cidadãos” (ABREU, 2003, p.35).

Segundo essa autora, foi através do movimento promovido por intelectuais patriotas e revolucionários contra o vandalismo, que vinha destruindo todas as aquisições patrimoniais de épocas anteriores, que a concepção de “bem comum” desenvolveu-se, juntamente com a própria ideia de “nação”. As ações patriotas de preservação patrimonial buscavam na ideologia de “patrimônio como herança do povo”, através da ideia de nação e identidade nacional, uma forma de proteção dos bens e do poder pertencentes aos nobres.

Em suas palavras:

A emergência da noção de patrimônio, como bem coletivo associado ao sentimento nacional, dá-se inicialmente num viés histórico e a partir de um sentimento de perda. Era preciso salvar os vestígios do passado, ameaçados de destruição. Em 1832, Victor Hugo escreveu um artigo sobre a necessidade de proteger o patrimônio histórico, que enunciava uma espécie de lei moral que começou a ser formulada sobre o patrimônio a ser salvaguardado para todos os membros da comunidade nacional. Associado à direção histórica naquele momento, o conceito de patrimônio tendeu a ser absorvido como uma herança artística e monumental, na qual a população poderia se reconhecer sob o novo formato do Estado-nação (ABREU, 2003, p.35).

Atrelado a esse ideal de proteção, cria-se a terminologia “Humanidade” associada ao conceito de patrimônio, como forma de representar um bem coletivo nacional, “teoricamente disponível para toda a humanidade” (ABREU, 2003, p.36), levando a união do povo através do sentimento de pertencimento nacional.

Os novos parâmetros em que se encontram os monumentos do século XIX não se limitam mais a construções individuais e únicas, representada pelo período das Antiguidades. Nesse momento a ordem de preservação estende-se as malhas

urbanas e aglomerados edificados, numa onda que buscou transformar as cidades em museus a céu aberto. O ato de preservar cidades inteiras perdurou até meados do século XX, onde o termo “monumento” toma *status* legal adquirindo o atual termo de Patrimônio.

Como mediação pública, surge em Paris, no ano de 1946, a organização conhecida como UNESCO, que responde aos vários objetivos sociais, inclusive os relacionados ao patrimônio cultural. Para Abreu (2003, p.36), a criação da UNESCO, no final da Segunda Guerra Mundial quebrou “antagonismos entre nações”. Com o surgimento da vertente “universalista da noção de patrimônio da humanidade”, com raízes iluministas, buscaram a relação de várias culturas nacionais.

Consecutivamente, no ano de 1983, outras definições da UNESCO surgem para atender às novas demandas patrimoniais não mais restritas a Europa, mas visando o patrimônio mundial. Nesse momento, muda-se a noção de cultural, a qual passou a incluir “hábitos, tradições, crenças”, formando um acervo de bens materiais e imateriais, pertencentes a diferentes culturas e subculturas existentes num mesmo território nacional.

Classificado em três diferentes grupos, são considerados “Patrimônio Cultural”:

Os *monumentos* (obras arquitetônicas, de esculturas ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência); os *conjuntos* (grupos de construções isoladas ou reunidas que, em razão de sua arquitetura, de sua unidade ou de sua integração na paisagem, têm um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência); os *sítios* (obras do homem ou obras combinadas do homem e da natureza, assim como as zonas, inclusive sítios arqueológicos, que tem um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico) (UNESCO *apud* CHOAY, 2003, p.207).

Diante da nova definição de patrimônio feita pela UNESCO, Choay (2001) aborda alguns elementos. Primeiro a noção de *valor* empregado ao ato de preservação do patrimônio, que desde sua fundação na França, atribui a esse os seguintes valores: *cognitivo*, ligados a memória histórica de uma sociedade em questão, mobilizadas pela ideologia nacional; *econômico*, relacionado à exploração

turística de sua imagem, importante impulsionador da criação dos museus e fortemente vinculado à imagem patrimonial da atualidade; e *artístico* voltado para a valorização dos artistas nacionais, destinada a usos educacionais, científicos e práticos. São esses valores, principalmente nacionais, que sustentam, até os dias de hoje, a base para escolha do patrimônio.

Entretanto, problemas de ordem ideológica⁴ surgem, quando os valores atribuídos às escolhas dos patrimônios ficam a cargo de comissões e grupos de indivíduos, que determinam o que deve e como devem ser preservados, tais patrimônios.

Já com relação a classificação de patrimônio imaterial ou intangível, essa passou a ser discutida pela UNESCO somente no ano de 2006, na chamada “Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial”, relacionada à cultura popular dos países, ligada às manifestações artísticas, principalmente de comunidades tidas como tradicionais, objetivando o respeito e a preservação dos valores culturais bem como sua reprodução no cotidiano social ao qual pertence.

Segundo a UNESCO (2003):

Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este Patrimônio Cultural Imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. **Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o Patrimônio Cultural Imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2003⁵) (grifo meu).**

⁴ Marilena Chaui traz em sua obra “*O que é Ideologia*” (Ed. Brasiliense, 1980) um estudo de como se formam as ideologias: “Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas ideias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se *ideologia*” (p.21).

⁵ Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acessado em agosto de 2014.

O trecho grifado na citação exemplifica os métodos utilizados pela UNESCO no processo de escolha dos patrimônios culturais intangíveis, que tendem a obedecer às normas internacionais de classificação, mesmo a UNESCO afirmando a importância das culturas locais. Não se sabe ao certo se é em virtude de tais constatações ou mero acaso, mas novos métodos de classificação do patrimônio cultural vêm, aos poucos sendo recriados por grupos sociais em diferentes espaços globais.

Desta forma, inúmeras propostas aparecem em diferentes pontos do território, formuladas quase sempre pela sociedade e amparadas pelo poder público, que visam o reconhecimento, preservação e valor econômico do patrimônio cultural tangível e intangível.

CAPITULO 2

NACIONALISMO E SIMBOLISMOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)

“O homem é um ser simbólico” (CLAVAL, 2007, p.12), logo “as sociedades humanas são construções culturais”, ao afirmar isso Claval (2001, p.109) defende que enquanto uma instituição formada por códigos e divisão hierárquica, os grupos sociais ligam-se por uma rede complexa de relações. A comunidade social é construída através da coesão, ou seja, sentimento onde os indivíduos sintam-se pertencentes, responsáveis e solidários a um mesmo grupo. “A comunidade serve de modelo a toda uma série de unidades sociais e culturais: um pequeno grupo coeso, onde os membros estão ligados por relações de confiança mútua (...) e uma base territorial”. Para o autor, em todas as formas de sociedades, a ação de transmitir valores e conhecimentos, transforma-se no processo de formação cultural dessa.

Para que haja uma coesão, primordial no processo de transmissão da cultura, as sociedades precisam manter alguns elementos primordiais a sobrevivência de seus membros: “alimentos, bens materiais, ordem, paz civil, segurança, aspirações espirituais e permanência de suas instituições” (CLAVAL, 2001, p.123). Por ser uma construção da realidade sempre em movimento, cada um, mesmo que ligados a um grupo, luta para projetar no futuro através de suas ações, aspirações melhores das que se apresentam no presente. “As práticas que modelam o espaço ou que são desenvolvidas no sentido de utilizá-lo misturam estreitamente o ato, a representação e o dizer” (CLAVAL, 2001, p.13). A isso, Gomes (2011, p.32) afirma que se há algo generalizado nas sociedades é justamente a “capacidade de atribuir valores às coisas, mas o sentido, a direção e a amplitude desta atribuição são sempre relativos e particulares a cada período e a cada cultura”. A cultura apresenta-se como a marca na paisagem, sendo o único documento-chave, segundo Claval (2001, p. 14) que subsiste para as sociedades.

Dessa forma, a cultura estabelece-se a partir das relações sociais historicamente herdadas. E por compreender uma dimensão da sociedade, apresenta-se também, como objeto de análise. As variações ocorridas nos modos de vida de diferentes povos e nações tornaram-se um dos elementos fundamentais na busca pela compreensão cultural. Entendê-las é uma forma de identificar as transformações sofridas pelas sociedades contemporâneas. “O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la” (SANTOS, 1987, p.35).

Criada nas/para as práticas sociais, o nacionalismo surge enquanto uma tradição inventada, uma construção ideológica, uma percepção de mundo, já que “toda percepção é também pensamento e toda razão é também invenção” (PETCHNICK, 1995 *apud* KOZEL 2007, p.121), configura-se como um conjunto de práticas, reguladas por regras impostas (geralmente pelo Estado) ou desenvolvida livremente pelos grupos sociais. São práticas de natureza ritualística e simbólicas, que buscam “inculcar” valores e normas de comportamento através de repetições automáticas, criando uma continuidade do passado para o presente (HOBSBAWM, 1997, p.09). Dessa forma,

A invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. [...] inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (HOBSBAWM, 1997, p.12).

As mudanças e adaptações de novas tradições quando os velhos costumes caem de desuso ou não se adaptam às novas configurações. Há no cenário das tradições inventadas uma estratigrafia de velhos e novos costumes, ou como afirmou Gomes (2011, p.29) “existem tradições no novo e novidades no tradicional”.

Tradição e costumes são tratados de forma diferentes por Hobsbawm (1997, p.10), ao colocar que tradição são fixos e invariáveis, ou seja, práticas sociais repetitivas, forjadas formalmente e ideologicamente num passado. Já o costume, principalmente nas sociedades tradicionais, funcional como motor e volante,

podendo mudar e ser mudados segundo as necessidades sociais. A variabilidade desse último gera modificações na tradição, visto que ela está diretamente ligada a ele. Em contrapartida, o esquecimento das velhas tradições é comum e esperado em sociedades menos tradicionais, onde o passado torna-se cada vez menos importante como modelo de comportamento social. Contudo, para o autor, isso não cabe às tradições públicas, a exemplos das forças armadas, onde afirma que

A bandeira nacional, o hino nacional e as armas nacionais são os três símbolos através dos quais um país independente proclama sua identidade e soberania. Por isso eles fazem jus a um respeito e a uma lealdade imediata. Em si já revelam todo o passado, pensamento e toda a cultura de uma nação (HOBBSAWM, 1997, p.19).

Um fator comum no jogo das tradições inventadas, segundo o autor, diz respeito à negação das tradições em favor das inovações, característica essas trazidas do século XIX, causando o enfraquecimento e um vácuo na estrutura simbólica das tradições inventadas, dando lugar a novas tradições. Com o advento da Revolução Industrial, Hobsbawm (1997, p.17) aponta três categorias superpostas de tradições inventadas: primeira, as que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; segunda, as que estabelecem ou legitimam instituições *status* ou relações de poder; e terceira, aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

Hobsbawm (1997, p.279) aponta três novidades europeias para a criação das tradições inventadas: a primeira foi a educação primária, constituída por princípios e conteúdos revolucionários, buscavam transformar os camponeses em franceses e esses em bons republicanos. A segunda foi a invenção das cerimônias públicas, onde toda e qualquer pessoa podia fazer parte da festa, mesmo que apenas de espectador. A terceira diz respeito à produção em massa de monumentos públicos, os quais espalharam-se pelos territórios onde o nacionalismo se fez presente. Ao chamar de efeito “Estatuomania”, o autor afirma que essa produção se deu no pós Primeira Guerra, com dois tipos de monumentos, um que representava a “imagem da República (na pessoa de Marianne), e as figuras civis barbadas daqueles que o patriotismo local escolhia para reverenciar, fossem vivos ou mortos” (HOBBSAWM,

1997, p.280).

Ao pontuar a segunda metade do século XIX até o período entre guerras como o ápice do fenômeno da “invenção das tradições: na Europa, Hobsbawm (1997, p.312) coloca que esse período foi de grandes mudanças estruturais sociais (indústrias, ferrovia, indústria bélica, etc), levando a um divisor das novas e velhas tradições. Como já mencionado, o efeito alegórico de construção de monumentos simbólicos em espaços públicos, os discursos, cerimônias e desfiles nas ruas com objetivos oficiais foram perpetuados e disseminados pelo território Europeu. Em resumo, “para ser um verdadeiro símbolo, devemos aparecer com frequência e com entusiasmo” (HOBBSAWM, 1997, p.129). Além disso, “as obras de arte como as estátuas são por definição estática, seu significado só se altera com o tempo devido a modificação no contexto. “Porém, no caso do ritual e do cerimonial, a própria execução é elástica e dinâmica” (HOBBSAWM, 1997, p.116).

Ainda nesse período surge o fenômeno de espetáculos de massa, com a construção de estádios de futebol, espaços esses que reunia uma grande parcela da população, que através da emoção, construíam espontaneamente, a tão esperada coesão social, elemento de base de qualquer tradição inventada. Ligada a outros elementos já cristalizados na sociedade nacionalistas, ou autor aponta que em se tratando de tradições, essas podem ser oficiais, criadas politicamente e conscientemente como forma de manipulação social, e não oficiais, reproduzidas socialmente, as quais assumem novas formas de desenvolvimento, muitas vezes fugindo do controle nacionalista. Essas não deixam de serem políticas, mas são mais facilmente transformadas segundo as necessidades dos grupos sociais envolvidos.

Discordando do posicionamento de Hobsbawm (1997), ao defender não ser possível uma definição científica para o fenômeno de nação, Anderson (2008) concebe a formação simbólica das nacionalidades enquanto comunidades políticas imaginadas, mais que inventadas, elas são simbólicas por fazerem sentido para os indivíduos que as veem como “objetos de desejos e projeções” (ANDERSON, 2008, p.10). Enquanto imaginadas, o autor desmistifica a ideia de nacionalidades verdadeiras, pois é comum identificar nos discursos, principalmente do Estado, a ideia de “naturalidade” da realidade e símbolos (construídos ideologicamente), mostrando que essas apresentam três aspectos principais: são *limitadas*, por

apresentarem fronteiras finitas, já que além desses limites existem outras nações, ou seja, outras comunidades imaginadas; são *soberanas*, por terem suas raízes no Iluminismo e nas revoluções que destruíram os reinos dinásticos, e são *imaginadas* porque os membros de qualquer nação podem não se conhecerem e nunca se encontrarem, mas sabem que estão unidos por elementos simbólicos de camaradagem, os quais camuflam a hierarquia social em relações horizontais, criando um “nós coletivo”, um apego que os povos têm das suas imaginações e uma capacidade de morrerem por suas invenções (ANDERSON, 2008, p.14), e por serem fenômenos culturais, as comunidades se distinguem umas das outras pela forma como são imaginadas.

A morte, eis o momento apontado por Anderson (2008, p.78) como o momento de surgimento do nacionalismo. Não a morte em si, mas o desgaste de antigos sistemas sociais que aos poucos deixaram de fazer sentido aos grupos sociais. Desses desgastes, o autor aponta algumas principais consequências para o surgimento das comunidades imaginadas nacionais: gradativa substituição do latim (transformação e declínio) por outras línguas, juntamente com a perda de poder da instituição católica, a qual dá espaço para o surgimento da Reforma, a segunda consequência apontada pelo autor. O movimento protestante ao juntar-se com o capitalismo editorial em ascensão na Europa gera o crescimento e expansão das gráficas, onde a impressão de obras de fácil acesso a massa, principalmente os chamados “vernáculos administrativos”, os quais levam os diferentes grupos de pessoas com dialetos diversificados, a entender-se através de uma língua comum e unificadora. Com relação a essa passagem, Orwig (2016, p.35) mostra como a criatividade e visão de Johannes Gutenberg inventor da prensa tipográfica, um século antes da Reforma Protestante, traz a visão do conhecimento verdadeiro e fluidez de informação mudará o mundo:

John era ambicioso, mas carente de recursos. Investidores tinham-no ajudado a criar “espelhos sagrados” para os romeiros comprarem. Quando o espelho era considerado uma relíquia religiosa, supostamente capturava e refletia a glória de Deus. O mercado alvo era a multidão de peregrinos que estava para chegar. Infelizmente, uma inundação postergou a peregrinação para o ano seguinte. John ficou submerso no estoque de espelhos e em dívidas. Os investidores ficaram muito aborrecidos. Felizmente, a pressão financeira não esmagou o espírito, mas acendeu nele a centelha criativa. John vivia numa região vinícola e conhecia o processo de transformar uvas em vinho. Adquiriu uma antiga prensa usada para espremer aquelas frutas e, com algumas modificações, transformou-a em uma máquina de imprimir

palavras. Segundo palavras do próprio Gutenberg: “Sim, é uma prensa de uvas, mas uma prensa que jorrará um fluxo inesgotável de bebida mais abundante e maravilhosa jamais vista para saciar a sede dos homens! Com ela, Deus espalhará sua palavra. Uma fonte de verdade fluíra dela: como uma nova estrela, espalhará a escuridão da ignorância e fará brilhar uma luz até agora desconhecida” (ORWIG, 2016, p.35).

Sendo assim, “desde o começo, a nação foi concedida na língua e não no sangue” (ANDERSON, 2008, p.204), pois “a palavra está sempre carregada de conteúdo ou de um sentido ideológico” (KOZEL, 1997, p.125). O processo de disseminação da palavra pela impressão gera uma tomada de consciência social em escala quantitativa, já que as pessoas descobrem que milhares de pessoas falam e entendem a mesma língua que elas. Tem-se aí uma consciência coletiva.

A isso, Kozel (1997, p.125) ainda afirma que

(...) embora uma sociedade fale a mesma língua os valores são contraditórios, na medida em que se confrontam nas relações sociais. Apesar das linguagens possuírem intrinsecamente o comportamento da sinalização, só passa a fazer parte do sistema semiótico a partir da apreensão ativa e compreensiva da linguagem proveniente do outro, que está impregnada de valores (KOZEL, 1997, p.125).

A conjuntura da expansão do capitalismo editorial com as técnicas de impressão e a diversidade linguística foram na sua origem processos inconscientes segundo Anderson (2008, p.81), contudo, ao estabelecer-se enquanto um padrão, sua utilização como ferramenta de formação de comunidades nacionais foi acatada com unanimidade. A narrativa e o discurso na forma de jornais e os romances são os principais produtos apontados pelo autor como ferramentas do século XVIII, na formação de comunidades nacionais. Assim como Hall (2006, p.50) aponta que “uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto novas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” ou ainda Candau (2014, p.117) ao afirmar que “não há identidade coletiva e pessoal que possa se forjar sem recurso à escrita”, Anderson (2008, p.55) pauta suas fichas na defesa dessas ferramentas, afirmando que, tanto os jornais (visto nesse período como livros populares, vendido diariamente) como o romance criam uma narrativa

de diferentes elementos e fatos sociais, criando no coletivo um condicionante, ou seja, os leitores mesmo não conhecendo as personagens reais ou fictícias desses produtos, são condicionados a vê-los interligados. O vínculo dado a esses elementos é construído pelo imaginário. Ler o jornal é uma cerimônia repetida por milhares de pessoas, sem contato, mas com data e horário marcado (todo dia pela manhã). Essa atividade repetitiva vai tornando-se comum a todos, criando uma “contínua e silenciosa realidade”, a qual vai despertando uma confiança no anonimato da coletividade, dando origem a característica primordial das comunidades imaginadas (ANDERSON, 2008, p.70).

Agregado a esses elementos, tem-se finalmente os mapas, o censo e os museus, como instituições catalisadoras da formação das comunidades. Assim argumenta:

Juntos, eles conformaram profundamente a maneira como o Estado imaginava seu domínio, a natureza dos seres por ele governados e a geografia de seu território (e, portanto, a legitimidade em relação ao passado). Juntos, também, eles criaram realidades unificadas, por mais distintas que fossem; categorias raciais claras em territórios onde os grupos se misturavam e fundiam; histórias sequenciais e lógicas; mapas e fronteiras fixas. Os censos, mais que espelhar, construíram realidades claras e rígidas, permitindo prever políticas para essas populações devidamente imaginadas. Os mapas estabeleceram limites, demarcaram espaços e constituíram um novo discurso cartográfico capaz de comprovar a vetustez das unidades territoriais. Por fim, não se pode descuidar da importância da imaginação museológica e dos serviços arqueológicos coloniais que se conformaram como instituições de poder e de prestígio. Edifícios viraram monumentos, e histórias particulares foram consagradas como nacionais (ANDERSON, 2008, p.15).

Visto que nada legitima mais a história e o passado de um grupo que seu patrimônio organizado e exposto, o autor argumenta que o museu e a imaginação “museologizante”, enquanto poder catalisador de criação de comunidades imaginadas é uma ferramenta política, pois, já no século XIX esses espaços tornaram-se instituições de poder e prestígio, com a contratação de profissionais e funcionários ligados principalmente a arte do restauro de imponentes monumentos, os quais mostravam o poder histórico da nação que o construiu. A isso pode-se citar Candau (2014, p.161) quando fala que a “exemplo dos museus locais, esses soa uma tentativa de criação de uma identidade coletiva regional pela encenação do passado no presente”. Ainda em Anderson (2008, p.250) as principais

características dos museus orientais (analisados pelo autor) são estratégicas criadas através de trabalhos técnicos tais como relatórios arqueológicos com registros fotográficos, livros ilustrados e luxuosos distribuídos à população, assim como a criação de selos postais, os quais foram aos poucos cristalizando os símbolos nacionais enquanto pertencente a todos.

Ligados ao patrimônio e aos museus cabem, um olhar sobre os monumentos, para os quais Choay (2001, p.18) coloca que na Europa desde o século XVII o monumento significava o poder, a grandeza e a beleza do papel do Estado. Os edifícios estavam ligados à afirmação das identidades nacionais. O monumento tem a função de trazer significados e lembranças de algo. Sua essência é sua natureza afetiva, de tocar pela emoção e pela memória viva. A ação do monumento sobre a memória leva aqueles que a ele se identifica, a relembrar ou reconhecer o passado, como se esse ainda fosse o presente. Assim,

Esse passado convoca, invoca, convoca, de certa forma encantado, não é um passado qualquer, ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que, de forma direta, contribui para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. [...] O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos (CHOAY, 2001, p.18).

Segundo afirmação da autora, enquanto estratégias do Estado na busca de sistematização da herança nacional optou-se por organizar em categorias todos os patrimônios materiais⁶, em seguida, inventariar esses acervos e após organizados na forma de escolhas, para ser assim, colocados em espaços para visitação, denominados posteriormente como museus, já que nesse período eram tidos como depósitos de instrumentos da nação. Com coleções de feitos nacionais, esses espaços ensinaram “civismo e história”, assim como competência artística e de técnicas. Contudo, esses espaços, padecem diante de uma exigência de profissionais competentes para sua organização e administração. Além disso, Choay

⁶ A classificação de patrimônio imaterial ou intangível passou a ser discutida pela UNESCO somente no ano de 2006, na chamada “Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial”, relacionada à cultura popular dos países, ligada as manifestações artísticas, principalmente de comunidades tidas como tradicionais, objetivando o respeito e a preservação dos valores culturais bem como sua reprodução no cotidiano social.

(2001, p.101) coloca que na Europa a disseminação de obras impressas auxiliou o gradativo esquecimento e abandono desses espaços. Completando tal afirmação, Hall (2006, p.48) defende que “a importância dos monumentos e museus tornam-se grandes símbolos de agregação coletiva”, concordando com Anderson (2001, p. 279) que afirma ser o patrimônio um dos principais condutores da criação simbólica nacional.

A esse respeito, Candau (2014, p.161 e 162) coloca que

As representações do patrimônio como bens compartilhados no interior de um grupo particular e como expressão de uma comunidade específica conduz, muito facilmente, as tentativas de naturalização da cultura, num esforço de enraizamento na terra natal – o que é também aquele dos mortos – ou no território nacional. [...] a sensibilidade patrimonial se exacerbou ao mesmo tempo em que as sociedades conheceram uma mutação acelerada e temiam, portanto, pela perda e pelo esquecimento (CANDAU, 2014, p.161 e 162).

Ao posicionar-se contra a ideia folclorista e fuga da realidade que os museus se apresentam, o autor defende que em certos momentos a sociedade tem necessidades de modelar o passado, através da gestão da memória, concordando com Nora ao citar sua frase “gestão do passado no presente” (CANDAU, 2014, p.164). Essa característica é mais comum segundo ele, em sociedades que têm em sua estrutura certa identidade nacional, ligada principalmente a grandes marcas históricas. Ao citar Hobsbawm, Candau (2014, p.184) completa sua defesa ao afirmar que

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais um grupo como suporte [...] quando ela se dispersa em alguns espíritos individuais, perdidos nas sociedades novas nas quais esses fatos não interessam mais porque são decididamente exteriores a elas (CANDAU, 2014, p.184).

Nesse processo, há o risco de desaparecimento da memória, ficando somente uma história construída. O autor se posiciona sobre essas mudanças afirmando que, as mutações dos processos de memória e identidades coletivas estão sendo diluídas por processos pós-modernos com a erudição do virtual. Contudo, observa-se uma tendência nos chamados museus virtuais, um

comportamento que desmente o posicionamento de Candau, onde esses espaços virtuais possuem além dos já conhecidos objetivos de valorização da memória e reconhecimento da sociedade enquanto parte do patrimônio ali apresentado, com um acesso maior de visitantes através de novas formas de atração, preservação e disseminação das heranças culturais, criando um novo embate entre as velhas estruturas de preservação (físicas e ideológicas – museus, leis, normas) e as novas maneiras de preservação.

Ainda sobre as identidades, levando-se em conta que essas estão profundamente envolvidas no processo de representação, Hall (2006) levanta questões acerca das identidades nacionais diante do processo de globalização. A princípio, a sociedade define-se segundo suas etnias, pois para afirmar-se enquanto ser social, o indivíduo precisa, antes de tudo, pertencer a algo. Esse algo é apresentado pelo autor como a identidade nacional, enquanto processos simbólicos que são formados e transformados nas representações sociais, sem a qual o indivíduo não pode se sentir vivo e real. Hall (2006, p.49) debruça-se em argumentos sobre a nação, afirmando que essa não se apresenta somente enquanto uma entidade política, mas ela tem o poder de produzir “sentidos” (enquanto um sistema de representação cultural). Os sujeitos pertencem e necessitam pertencer a uma sociedade, seja em qual escala for, sendo somente através de uma identidade nacional que o sujeito se forma e se transforma, no que Hall (2006, p.47) aponta como interior das representações. Assim, nação não é somente uma entidade política, é algo que produz sentidos aos membros, enquanto um sistema de representações culturais – é um discurso que cria uma comunidade imaginada.

Ao discutir as ideias nacionalistas de Hobsbawm (1997) e Anderson (2008), Hall (2006, p.49) coloca que essas devem ser compreendidas através de cinco elementos formadores de identidade, presentes na gênese de qualquer comunidade nacional: o primeiro elemento de formação da identidade nacional é a criação de padrão generalizador de uma língua, isto é a “narrativa da nação” (HALL, 2006, p.52). Essa leva a uma dominação da comunicação, criando uma homogeneidade nos sistemas culturais, que serão reproduzidos pelos próprios agentes envolvidos no

processo⁷, dotados de símbolos e representações. Para Bourdieu (1989) os sistemas de símbolos são instrumentos de comunicação estruturados, ou seja, discursos que exercem um poder sobre os grupos sociais. O poder simbólico é resultado de construções de realidades, que dão sentido de mundo as esferas do social.

“Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral” (BOURDIEU, 1989, p.10).

Assim, tudo que é transmitido pelos meios de comunicação, fornece material significativo para compor a representação da realidade da sociedade em questão. São as narrativas, apontadas também por Anderson (2008, p. 13), como unificadoras da nação, que selam as ligações entre os membros formando a comunidade, apresentadas através de histórias contadas e registradas em jornais e literatura, compondo os estereótipos fundadores da nação: “estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, simbólicos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (...) essas coisas formam uma trama que nos prende invisivelmente ao passado” (HALL, 2006, p.52).

“As culturas nacionais ao produzir sentido sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” Hall (2006, p.51).

Os elementos simbólicos ligados a uma comunidade ganham representação

⁷ Leva-se em conta as diversidades dos grupos culturais, suas características particulares que simbolizam resistência aos processos de dominação homogêneo da hegemonia, contudo, o foco de análise aqui é exatamente o processo simbólico das identidades nacionais, com suas características generalizadoras.

quando materializam-se na forma de discurso, rituais ou símbolos. Para Anderson (2008, p.203) existe apenas um tipo específico símbolo ligado às de comunidade contemporânea que apenas a língua é capaz de sugerir, na forma de poema e canções – hinos nacionais, pois há nesses cantos uma experiência de simultaneidade, onde pessoas desconhecidas, no mesmo momento, pronunciam os mesmo versos e a mesma música, criam uma ligação imaginária. No processo de incorporação do imaginário nacional coletivo brasileiro, Carvalho (1990, p.11) aponta que “os traços de heroísmo, de virtudes cívicas, oferecidos aos olhos do povo, eletrificam suas almas e fazem surgir as paixões da glória da devoção à felicidade de seu país”. Outro símbolo que se apresenta unânime nas discussões desses autores quando se discute a formação das comunidades imaginárias nacionais é o culto a morte. Para Anderson (2008, p.35)

Não existem símbolos mais impressionantes da cultura moderna nacionalista do que os cenotáfios e túmulos dos soldados desconhecido. O respeito a cerimônias públicas em que se reverenciam esses monumentos, justamente porque estão vazios ou porque ninguém sabe quem jaz dentro deles, não encontra nenhum paralelo verdadeiro no passado. [...] dentro deles estão carregados de imagens nacionais espectrais (ANDERSON, 2008, p.35).

Se no jogo da construção da memória nacional, certas feridas da memória são consideradas como perigosas para a identidade coletiva, o apelo a morte, tende a estruturarem a história de qualquer nação, pois “o sofrimento em comum une mais que a alegria” (CANDAU, 2014, p.151). A isso Candau (2014, p.166) defende que as medalhas com nomes de soldados mortos estabelece uma comunidade simbólica entre passado e futuro. Ou como afirma Anderson (2008, p.280)

As mortes que importa são aquelas miríades de fatos anônimos, que, somados e tabulados em índices médios de mortalidade por século, lhe permitem mapear as condições de vida (de lenta transformação) para milhões de pessoas anônimas cuja nacionalidade seria a última coisa a ser perguntada (ANDERSON, 2008, p.280).

O autor afirma que ao realizar a citação e exaltação do herói, nunca se revela seu nome, suas ações são o cerne da construção imaginária. Dar nome a um herói

é criar indivíduos, e isso vai contra a ideia de coesão nacional. A figura do herói acompanhada da “preposição” nosso, constituiu uma das principais características de comunidade imaginada. A identificação literária com o herói sem nome denota uma identificação com o herói de todos (ANDERSON, 2008, p.64). O herói morto transforma-se em mito.

Enquanto uma construção simbólica, o mito apresentação enquanto um discurso narrativo, como coloca Gomes (2011, p.49), um encadeamento de símbolos que tem a função de estabelecer uma comunicação coletiva, ligando a imaginação à realidade de qualquer grupo social. Para Miceli (1991) um herói é um mito, aliás mais que isso, é uma pessoa especial. Ele foi forjado no imaginário coletivo e seu tempo de duração dependerá do jogo político que o forjou com o jogo da memória coletiva que o aceitou. Carvalho (1990, p.10) defende que “um herói construído tende a dizer menos sobre si mesmo, do que sobre a sociedade que o forjou”. No jogo de construção coletivo nacional, ele afirma que

É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, mas o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, seus inimigos, e organizam seu passado, presente e futuro [...] o imaginário social é construído e se expressa por ideologias e utopias, mas também, por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Esses, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, torna-se elementos poderosos de projeção de interesse, aspirações e medo coletivo (CARVALHO, 1990, p.10).

Para o autor esse movimento de manipulação do imaginário social é de extrema importância em momentos em que houve mudança política e social, e em momentos em que as identidades coletivas tendem a se redefinirem. No processo de construção coletiva do imaginário nacional brasileiro, Chauí (2000) coloca que as representações construídas no processo de formação do imaginário nacional brasileiro desde 1500, levou a população a “crer na unidade, na identidade e na indivisibilidade da nação e do povo” (CHAUÍ, 2000, p.07). Essas representações se apresentam como mito, por nunca cessarem sua manifestação, conservando-se permanentes no imaginário coletivo. A isso a autora afirma que a construção desse mito não é somente etnológica (narrativa pública), mas é também antropológica e

psicanalítica, onde as narrativas são a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições e o imaginário se constrói pelo impulso da repetição, criando um bloqueio à percepção da realidade (CHAUÍ, 2000, p.09). Assim, olha-se para a própria construção imaginária social, sem se dar conta de que ela foi forjada por princípios políticos-ideológicos, e esses alimentam-se das representações reproduzidas pela sociedade. Por esse motivo, “o mito pode repetir-se indefinidamente” (CHAUÍ, 2000, p.10).

Os elementos de construção das representações são chamados pela autora de “semióforo”, ou seja, signos fecundados na sociedade, medidos não pela sua materialidade, mas pela sua força simbólica – sua representatividade. A esses pode-se citar os exemplos de relíquias heróicas, monumentos, patrimônio celebratório, símbolos nacionais, rituais cívicos, onde as chefias ligadas a nação (poder militar) são as detentoras desses semióforo. Segundo Chauí (2000, p.14) baseado no tripé, religioso, político e econômico surge como um reflexo da disputa de poder e prestígio o patrimônio artístico e o patrimônio histórico e geográfico da nação, enquanto um bem nacional. A denominação de patrimônio nacional tem por finalidade de disputa impor seu poder político ao religioso, que tem seus semióforos ligados à crença, e ao econômico, ligado ao patrimônio privado. A isso, afirma-se a constatação de Choay (2001, p.11) de que o patrimônio é “uma instituição e uma mentalidade”.

Enquanto símbolos dessa construção, a autora coloca como os mais fortes o Hino Nacional e a Bandeira. Essa afirmação também é compartilhada por Carvalho (1990, p.109), ao afirmar que a criação e escolha desses dois símbolos foram uma verdadeira batalha ideológica-política, os quais representariam o mito de origem nacional e a figura do herói, visto que “o mito de origem procura estabelecer uma versão dos fatos reais e imaginados, que dará sentido e legitimidade à situação vencedora” (CARVALHO, 1990, p. 13). Como seriam símbolos de uso obrigatório teriam que ser estabelecidos pela legislação. Assim, a bandeira, representando o cenário agrícola e exuberância natural do território foi forjada pelos positivistas, já o hino, o gosto popular deu a vitória a Joaquim Osório Duque Estrada e a Francisco Manuel da Silva, já que no concurso de escolha do hino, o ganhador, Leopoldo Miguez não agradou a população, fazendo com que o governo de Deodoro da

Fonseca, aceitasse a decisão popular. Assim, ambos os símbolos se constituíram não representando os interesses dos grupos políticos, mas sim do povo brasileiro.

Chauí (2000, p.16) traz a teoria de criação do Estado – Nação de Hobsbawm, para analisar o mito fundador do Brasil, dividida em três fases: a primeira, entre 1830 – 1880, onde o princípio da nacionalidade é vinculado à nação e ao território e o discurso de formação desses vem da economia política-liberal, como forma de criar uma religião cívica; a segunda do período de 1880 – 1918, relacionada à “ideia nacional” usada como instrumento unificador da sociedade, com a articulação da língua, religião e raça na formação da vinda dos intelectuais burgueses, principalmente alemães e italianos, transforma a religião cívica em patriotismo nacional; e a terceira fase, de 1918 - 1960, onde a “questão nacional” articulada a uma consciência nacional, definida por um conjunto de lealdades políticas, emana dos partidos políticos e do Estado. Nesse sentido, Anderson (2008, p.16) aponta alguns elementos simbólicos do Brasil usados na produção da comunidade imaginada brasileira:

Esquecemos a instituição escravocrata, e exaltamos a natureza provedora dos trópicos, como se o país fosse feito basicamente de imagem de sua flora exuberante. Vale a pena lembrar, ainda, o milagre operado nos anos 1930, quando a mestiçagem de mácula se transforma na nossa mais profunda redenção. A partir de então a capoeira e o candomblé virariam nacionais, do mesmo modo que o samba e o próprio futebol, o qual era destituído de sua identidade inglesa e se transformava – como em um passe de mágica – numa marca da brasilidade” (ANDERSON, 2008, p.16).

A nação constrói tempos vazios e homogêneos e amnésias coletivas fazem parte desse jogo político. Comandado pela ideologia positivista, o processo de formação da identidade nacional brasileira se constitui na mitificação e no discurso de uma abertura e igualdade de classe, com ações pautadas em imagens, alegorias e símbolos. Esse processo aparece visivelmente no Brasil do século XVIII, na formação da República, apontado por Carvalho (1990, p.10) como a “batalha pelo imaginário popular republicano”. Para esse autor o imaginário simbólico da nação brasileira foi copiado do modelo revolucionário francês e adaptado, através da arte e

dos símbolos ao enredo brasileiro. Assim, ele afirma:

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. [...] Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas. A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas (CARVALHO, 1990, p.10).

Assim, não bastava inventar um imaginário brasileiro e mostrar ao povo, era necessário que o povo o amasse e acreditasse que esse era “verdadeiro”. E nada melhor do que o estado sublime e inquestionável da arte para conduzir isso. Nos discursos da época, “as artes deveriam inspirar-se em ideias grandiosas e uteis. Seu fim não era apenas encantar os olhos, mas sobretudo, contribuir poderosamente para a educação pública penetrando nas almas” (CARVALHO, 1990, p.10).

Posteriormente, já no início do século XX, a ordem identitária nacional era a busca por uma miscigenação dos povos, a construção da imagem de uma sociedade homogênea, disfarçando assim, as diferenças sociais em todas as instâncias e reforçando a ilusão de igualdade e unidade. A identidade nacional foi construída no atraso e no subdesenvolvimento, onde identifica as características que marcaram esse momento: a ausência de uma burguesia constituída que pudesse lutar contra a hegemonia das elites; ausência de uma classe operária madura e organizada; e a presença de uma classe média não definida, criando uma conjuntura onde as forças ideológicas dessas classes não eram suficientes para posicionar-se contra as ideologias da hegemonia.

Como consequência tem-se o movimento “verdeamarelismo” enquanto um movimento da classe dominante, como construção da imagem do Brasil, feita através da representação da riqueza agrícola, e das riquezas naturais, disponíveis a exploração mercantilista. A alienação de progresso estava ligada diretamente a ideia de que o território brasileiro deveria estar ligado à metrópole européia, mesmo que no papel de produtora agrícola e extrativista. As ideologias pautavam-se na crença de que o extenso território e abundância de matéria – prima seriam suficientes para

seu desenvolvimento, sem que esse competisse com os países centrais. O “verdeamarelismo” desperta na nova burguesia a busca pela resolução da “questão nacional”, a qual passou a ver esse processo como atrasado e alienante do desenvolvimento econômico, cabendo a essa classe a tarefa de despertar a consciência nacional. O olhar se vira agora para o desenvolvimento do país, e as portas se abrem para os investimentos internacionais e acolhimento das empresas multinacionais. Como características desse período, Chauí (2000, p.40) coloca: a relação mecânica de conveniência entre forças do território e as disposições nacionais; a demarcação de fronteiras e relação do povo com o território, dando origem a uma nova personalidade nacional; transformação dos valores objetivos do território em subjetivos da alma, criando uma nova personalidade nacional pelo Estado; uma fronteira ideal, no sentido de um território completo prometido ao povo pelo poder militar; geopolítica com consciência de Estado, aliado ao EUA que emana o sistema de alienação e conflito (período entre guerras que culminou com a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, o qual mesmo não tendo condições econômicas, técnicas e de pessoas, enviou milhares de soldados para lutar na Europa). Passando para o período ditatorial de 1964, o movimento nacional apresenta novas tarefas de coesão, tais como Integração nacional, a segurança nacional e o desenvolvimento nacional (CHAUÍ, 2000, p.41). A forma de difusão desses novos ideais se fez através da educação nas escolas (disciplina de educação moral e cívica), MOBRAL (movimento brasileiro de alfabetização de adultos, como forma de criar mão de obra qualificada para as indústrias) criação de ações extensionistas ligadas às instituições superiores de ensino (Projeto Rondon) e através da mídia de TV e rádio (Programa Amaral Neto, Televisão Educativa, Hora do Brasil). A sociedade brasileira se construiu segundo Chauí (2001), numa estrutura hierárquica, onde não há o reconhecimento do sujeito e nem dos direitos desse, se esse sujeito está ligado às características populares. A divisão social é naturalizada por um arsenal de símbolos criado para a alienação e exploração em massa, a qual defende e festeja os signos que a escravizam historicamente.

2.1 - O simbolismo da FEB no cenário brasileiro

O contexto da 2ª Guerra Mundial não só para o Brasil, mas para o mundo, assim como os participantes desse episódio, se faz presente na memória de uma parcela da sociedade atual e apresenta elementos que são pilares para a identificação de elementos patrimoniais culturais, sejam eles: memória e relatos, simbolismo social, forte representatividade, acervos particulares, reconhecimento de acervos em museus. Assim, a FEB constitui-se enquanto uma comunidade inventada, com tradições próprias fortemente ligada ao processo nacionalista brasileiro, com representatividade presente em diferentes espaços de memória e ainda viva no imaginário coletivo de grupos sociais ligados ao período da Segunda Guerra Mundial.

Contudo, mesmo diante de sua representatividade, análises e pesquisas constatarem em diferentes trabalhos sobre a categoria da FEB, que o descaso, o abandono e o esquecimento, são destacados como os principais elementos envolvendo a categoria. Oliveira (2011), vinculado a um grupo de pesquisa paranaense, apresenta estudos sobre o processo de reintegração social dos ex-combatentes de guerra no estado do Paraná, no qual questões de ordem social, política e de saúde física e mental são abordados, mostrando que o estado direciona pouca atenção a essa categoria, com forte representatividade social. Além disso, o autor afirma que a temática específica de ex-combatentes de guerra, com foco no seu papel no pós-guerra, recebe pouca atenção acadêmica ficando no plano das causas e efeitos dos conflitos. Oliveira (2011) constata que a preocupação com essa categoria no pós-guerra transformou-se numa batalha em solo brasileiro, onde as dificuldades de assistência social enfrentadas por eles levaram milhares de ex-combatentes a mendigar por ajuda ao Estado que defenderam. A luta por reintegração social e direitos políticos e reconhecimento social também é tema de pesquisa de Silva (2012), no qual o autor aborda os espaços de memórias (museus) construídos em homenagens a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial. Para o autor, a luta dos ex-combatentes se transformou em uma forte identidade social da categoria, denominada pelo autor de “Identidade Febiana”, principalmente durante a década de 1980 a 1990, onde várias conquistas foram alcançadas, tais como:

pensão, direito de participar em desfiles cívicos e inúmeras instituições de museus. O autor afirma que o movimento de reconhecimento social da categoria já havia iniciado em 1948, no Rio de Janeiro, com a construção Associação Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil. Outras iniciativas de reconhecimento pelo país, assim como as conquistas da categoria, são apresentadas pelo autor, o qual defende que a “Identidade Febiana” foi construída coletivamente, constituindo e representando o grupo social dos ex-combatentes.

Nesse mesmo viés, destaca-se o trabalho de Rosenheck (2008)⁸ sobre a distribuição geográfica dos monumentos culturais pertencentes a Força Expedicionária Brasileira (FEB) nas “paisagens cívicas” das cidades. “Paisagem cívica” é uma tradução do termo inglês “*civicscape*” que é um termo criado a partir de “*cityscape*” (paisagem de um espaço urbano) e espaço cívico. A paisagem cívica significa as representações físicas e arquitetônicas no espaço designado aos rituais cívicos. Justificando o estudo do imaginário coletivo brasileiro com relação à Segunda Guerra Mundial, Rosenheck (2008) afirma que a Paisagem cívica é “um objeto a ser estudado, principalmente se considerarmos que a grande maioria dos pracinhas era gente humilde, proveniente das camadas mais pobres da população”.

Ao estudar a quantidade e distribuição dos monumentos que compõem a paisagem cívica das cidades brasileiras Rosenheck (2008) mostra que a relação entre os soldados brasileiros mortos e os monumentos é de “451 soldados mortos para 192 monumentos, ou seja, três monumentos para cada sete mortos”. Porém, a maioria dos monumentos brasileiros não comemora os soldados mortos, mas os expedicionários em geral, e enquanto tradição herdada do nacionalismo, o culto aos mortos sem nome cria o elo de ligação coletiva. Nesse estudo, o autor mostra que tanto os monumentos como os textos comemorativos, revelam uma percepção local do episódio nacional, caracterizada por uma memória cívica da FEB. Além disso, os estudos demonstram fortes questionamentos sobre a historiografia original e o “esquecimento da FEB e a apropriação de sua memória pelo Exército”.

Nos quadros abaixo o autor mostra a distribuição dos monumentos e praças pelas regiões do país e especificamente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, locais de maior concentração de monumentos ligados à categoria da FEB.

⁸ Doutorando pelo Departamento de História de *Emory University*, EUA.

QUADRO 1 – Distribuição de monumentos e praças por regiões brasileiras

Estado	Monumentos	% dos Monumentos	Praças	% de Praças	Relação entre monumentos e praças
Norte	1	0,52%	372	1,57%	0,332
Nordeste	10	5,21%	2.945	12,43%	0,419
Centro-Oeste	3	1,56%	790	3,33%	0,469
Sudeste	135	70,31%	15.217	64,20%	1,095
Sul	43	22,40%	4.378	18,47%	1,212
Total	192	100%	23.702	100%	

Fontes: *Livros de Comemoração* no acervo da ANVFEB - Rio de Janeiro; MORAES, 1947: 304. As mesmas fontes foram usadas para todas as tabelas.

FONTE: Rosenheck (2008)

Para Rosenheck (2008, pg.09), “a geografia dos monumentos se concentra, fundamentalmente, nas regiões Sudeste e Sul, quase 93% (...) onde São Paulo tem a maior porcentagem de envio de soldado, contudo, o desequilíbrio é mais extremo no nível estadual do que no nível regional”.

QUADRO 2 – Distribuição de monumentos e Expedicionários (sem oficiais) por capital e estados do RJ e SP

Estado	Monumentos	% dos Monumentos	Praças	% de Praças	Relação entre monumentos e praças
Rio de Janeiro (DF)	2	1,04%	6.094	25,71%	0,041
Rio de Janeiro (interior do Estado)	18	9,38%	1.942	8,19%	1,144
Sao Paulo (Capital)	6	3,13%	1.000	4,22%	0,741
São Paulo (interior do Estado)	64	33,33%	2.889	12,19%	2,735

FONTE: Rosenheck (2008)

No quadro apresentada por Rosenheck (2008), mostrando a relação entre os estados de SP e RJ, a diferença é grande em se tratando das capitais e interiores. Para o autor, a explicação vem em dois vieses: primeiro, a época de construção desses monumentos refere-se ao período do “Estado Novo e a Getúlio Vargas”, onde a elite paulistana não apoiava, logo, a população não se identificava com o

evento nacionalista, não desenvolvendo, assim, uma memória cívica paulistana; segundo, o evento teve mais impacto nas populações das cidades interioranas, por uma questão de percepção de tempo e desenvolvimento de várias ordens (cultural, política, econômica), diferenciando-se dos grandes centros, onde o evento ou o envio de tropas se dispersaram nos eventos cotidianos do tempo rápido dessas cidades.

Segundo Rosenheck (2008), a “paisagem cívica” brasileira é bem representativa, mesmo diante da constatação de que o país não tem memória e nem identidade. No caso do Brasil, a maioria dos monumentos não se remete somente os soldados mortos, mas aos expedicionários em geral, foco defendido na presente pesquisa, demonstrando que:

O papel representado pela Segunda Guerra Mundial no imaginário coletivo brasileiro é um objeto a ser estudado, principalmente se considerarmos que a grande maioria dos pracinhas era gente humilde, proveniente das camadas mais pobres da população (ROSENHECK, 2008, pg.09).

No entanto, o autor mostra que a memória desse evento não valoriza a FEB enquanto categoria social, mas a imagem do poder da Força Armada brasileira. Monumentos esses que encontram-se distribuídos estrategicamente pelos espaços urbanos, mas que não despertam sentimentos a população que transita por esses espaços, sendo então, pouco expressivos socialmente. Além disso, pouquíssima, ou nenhuma referência foi encontrada pelo autor, nos textos das Forças Armadas que reverenciava ou valorizasse a categoria da FEB. Em suas conclusões (Rosenheck, 2008) defende que os trabalhos de pesquisas e as análises sobre o patrimônio cultural militar brasileiro deve expandir geograficamente, principalmente com relação ao papel da FEB, saindo do eixo das capitais, pois os trabalhos do interior do país baseiam-se quase que na sua totalidade em perspectivas e memórias pessoais retiradas de histórias orais, revelando novos pontos de vistas sobre esse fato histórico e enriquecendo não só a história local, mas as pesquisas de cunho social.

Nessa perspectiva interiorana, Andrade e Coloda (2012) realizam um trabalho geográfico sobre a distribuição dos monumentos militares na cidade de Ponta Grossa – PR, afirmando que há uma distribuição em forma de cinturão estratégico, e que esses monumentos, bem como a nomenclatura de ruas, escolas, praças e

bairros referentes a força militar são elementos presentes na memória social e constituem, juntamente com demais elementos históricos locais, uma identidade militar. Outra constatação mostra que, a principal característica da realidade do cenário patrimonial cultural brasileiro, ou seja, o descaso do poder público com o reconhecimento, valorização, proteção e preservação do patrimônio cultural material, não é diferente com os monumentos cívicos urbanos, representado por depredações, pichações, abandono e falta de uso dos mesmos.

Contudo, mesmo tendo uma forte representação de monumentos ligados a FEB, distribuído por grande parte do território, o Brasil não tem espaços de cemitério destinados aos ex-combatentes. O que se encontra são somente, placas com nomes, bustos e monumentos em espaços públicos citando um ou outro nome de alta patente, ou referindo-se a categorias de modo geral. Mas há exemplos que tentam mostrar a valorização dos ex-combatentes, principalmente ainda vivos, ou ainda ligados às cidades pequenas interioranas. A isso Rosenheck (2008, p.12) cita o estudo de Mauad, Nunes e Almog, os quais mostram que a “maioria dos monumentos brasileiros à FEB não homenageia os mortos, mas os vivos, ou mais precisamente, os expedicionários que saíram dos municípios para lutar”. Assim, o autor argumenta que

Os monumentos à FEB não expressam saudades dos que não voltaram, mas, sim, respeito àqueles que partiram e voltaram - vivos ou mortos. A retórica textual da comemoração nos monumentos expressa repetidamente que os expedicionários eram “os filhos dessa terra”, parte do “povo” local, os representantes de suas comunidades (...). De um lado, o monumento funciona como uma bandeira que mostra que a comunidade também tem parte na nação. Por outro lado, o monumento é uma “declaração de afiliação tribal” que representa um “patriotismo” local, e que ajuda a distingui-la de outras cidades parecidas por ser um tributo cívico e um tributo de derramamento de sangue (ALMOG *et al* 1992 *apud* ROSENHECK, 2008, p.12).

Tais constatações podem justificar a memória cívica ainda viva nas cidades interioranas. Diante dessa questão, alguns exemplos podem ser abordados, os quais são criados e realizados por pesquisadores ou admiradores da história da FEB, oficiais das forças armadas, familiares e até mesmo os próprios ex-combatentes. Cidades em que ainda há pracinhas vivos, a representatividade dessa categoria se faz presente em grande parcela da população, que sempre relaciona

esses senhores ao evento da 2ª GM, sabem suas histórias e onde moram. A frase: “aqui todos conhecem” é sempre citada.

Mas assim como coloca Anderson (2008) sobre o culto aos mortos no processo de nacionalismo, os monumentos relacionado ao patrimônio da FEB⁹ são comuns, e a principal característica desses são os nomes dos soldados mortos, espaços geralmente chamados de Panteões de Heróis. Já com relação aos veteranos ainda vivos, esse não possui seus nomes gravados em nenhum espaço público visitado ou pesquisados, visto que a jurisdição¹⁰ brasileira proíbe essa ação. A isso, pode-se citar Catroga (2010, p.165) ao estudar a representatividade dos cultos aos mortos:

Não há sociedade sem ritos, aqui entendidos como condutas corporais mais ou menos estereotipadas, às vezes codificadas e institucionalizadas, que exigem um tempo, um espaço cênico e um certo tipo de atores. (...) Mas esta somente terá efeito dentro de um horizonte de crença e só aí a representação ritual poderá ser catártica e normativa, funcionando como materialização libertadora de angústias e modo de resolução de dramas e de conflitos (CATROGA, 2010, p.165).

A esse respeito, pode-se citar o exemplo do “Monumentos aos Mortos da FEB”, projetado pelos arquitetos Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Neto, esculpido por Alfredo Ceschiatti, e pintado por Anísio Medeiros, o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial foi erguido, no Rio de Janeiro, no Aterro da Glória, em 24 de junho de 1960. Esse cobre uma área de 6.850 m², desenvolve-se em três planos — subsolo, patamar e plataforma, lago e escadaria. No subsolo, funcionava a antecâmara, câmara, as dependências para a administração e acomodações para a guarda permanente. Há também uma câmara fúnebre contém 468 jazigos de mármore preto tampas de mármore de Carrara, “gravados nela

⁹ (APÊNDICE A).

¹⁰ BRASIL. **Lei nº 6.454, de 24 de outubro de 1977**. Dispõe sobre a denominação de logradouros, obras serviços e monumentos públicos, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 out. 1977. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6454.htm>. Acesso em: 16/03/2015.

nome, graduação ou posto, unidade, data de nascimento e morte” de ex-combatente. Quinze jazigos não possuem nomes porque se referem a soldados desaparecidos e mortos não identificados, nestes há a seguinte frase: “Aqui jaz um herói da FEB — Deus sabe o nome”. Na parede, estão gravados os nomes dos 800 homens das Marinhas de Guerra e Mercante, dos militares do Exército mortos nos torpedeamentos e dos combatentes não identificados. Já no patamar há um museu com peças ligadas às operações de guerra e um jardim interior. Na entrada do subsolo, há painéis que representam a vida e a luta no mar, além dos nomes dos navios torpedeados. Na plataforma, a 3,50 m do solo está o pórtico de 31 metros de altura representando soldados das três Forças armadas. Neste espaço, encontram-se restos mortais de vários pracinhas vindos do Cemitério de Pistóia – Itália.

FOTOGRAFIA 1 – Construção do Monumento aos Mortos da FEB (RJ), 1963.



FONTE: <<http://segundaguerra.net/feb-o-retorno-dos-pracinhas-ao-brasil/>>

FOTOGRAFIA 2 – Pórtico representando as três Forças Armadas.



FONTE: <<http://segundaguerra.net/feb-o-retorno-dos-pracinhas-ao-brasil/>>

FOTOGRAFIA 3 – Paineis representando a vida no mar.



FONTE: <<http://segundaguerra.net/feb-o-retorno-dos-pracinhas-ao-brasil/>>

Praças, bustos, e placas com nomes de soldados são os elementos mais comuns presentes nas cidades de onde saiu algum integrante da FAB. É comum em cidades que reconhece seus ex-combatentes através de espaços de memória, cerimônias de entrega de medalhas de reconhecimento aos pracinhas ainda vivos, ou suas famílias.

Mas os principais símbolos da FEB são o Hino do Expedicionário¹¹ e a insígnia representada por uma cobra verde fumando um cachimbo. Pouco ou nenhuma explicação foi encontrada sobre o significado de suas cores, amarelo da imagem, juntamente com a cobra verde, as letras brancas e o letreiro em azul e a borda vermelha. Esse símbolo faz referência à famosa frase “A cobra vai fumar”!, para a qual a explicação mais aceita, afirma que ela foi uma resposta de Getúlio Vargas a um repórter carioca que dizia: “é mais fácil a cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra”. A frase passou a ser o lema da FEB e inclusive nos uniformes das tropas e em vários documentos da época¹². Em 1945, a pedido do Jornal O Globo, no qual, havia uma edição especial sobre a FEB, a cobra fumando foi desenhada até por Walt Disney. Muitos defendem que mesmo diante das dificuldades e diversidades que cercava a FEB, foi “justamente por não temer o inimigo que ele se aplica tão bem aqueles homens que lutaram na Itália”.

¹¹ (ANEXO A)

¹² (ANEXO B) Em um jornal elaborado pela FEB em alto mar, em 26 de setembro de 1944, tinha a função de ser um meio de comunicação colaborativo entre todos os soldados, ou seja, escrito por todos, até a chegada em terra firme. Nesse é lançando aos companheiros o desafio de um concurso para colaboração da história da “Cobra fumando”, ou melhor, sobre o que ela está fumando. O prêmio é a incorporação desse símbolo a imagem da FEB. Nesse momento já havia a preocupação de se criar e implantar um símbolo que representasse a FEB (Disponível em: <<http://www.revistaoperacional.com.br/2015/historia-2/a-cobra-fumou-entenda-o-simbolo-da-feb/>>, acessado em 02/09/2014).

FIGURA 1- Principal símbolo da FEB – “A cobra vai fumar!”



Fonte: <http://www.revistaoperacional.com.br/2015/historia-2/a-cobra-fumou-entenda-o-simbolo-da-feb/>

Outro símbolo importante da categoria são as medalhas de condecorações dos soldados. Essa premiação foi criada através do Decreto - Lei Nº 6.795 de 17 de Agosto de 1944, *"para premiar os serviços na 2ª Guerra Mundial"*. Enquanto denominações, essas representavam: Medalha de Guerra, Medalha de Campanha e Cruz de Combate. Já o Decreto - Lei Nº 7.709 de 05 de julho de 1945, Cria no Exército a Medalha “Sangue do Brasil”. Para essa condecoração específica, os seguintes artigos não criados:

Art. 2º - Os oficiais, praças, assemelhados e civis destacados para o teatro de operações fazem jus a essa medalha, desde que hajam recebido ferimento em consequência de ação objetiva do inimigo.

Art. 3º - A medalha será conferida mediante constatação do ferimento, sem outra exigência além da especificada no Art. 2º.

Art. 4º - A entrega da “Medalha de Sangue” poderá ser feita nos próprios hospitais, no teatro de operações, ou em locais para onde tenham sido evacuados os feridos, ou nas próprias unidades, após a recuperação, caso ainda não tenham recebido e a seus herdeiros quando falecidos.

Art. 5º - Os diplomas serão assinados pelo Ministro da Guerra e entregues,

posteriormente, aos interessados ou a pessoa devidamente credenciada pela Secretaria Geral do Ministério da Guerra.

Art. 6º - São as seguintes as características da medalha “Sangue do Brasil”:
 - Bronze, com as dimensões de 35 milímetros de largura, por 45 de altura. No anverso o sabre das Armas da República, sobre um resplendor cujo foco se encontra na cruzeta e se irradia em todas as direções do campo. Coroando a lâmina do sabre, três estrelas esmaltadas de vermelho, representando os três ferimentos recebidos pelo General Sampaio, no dia de seu natalício e da sua maior glória, em 24 de Maio de 1866 data da Batalha de Tuiuti.

Envolvendo o campo da medalha, dois ramos de “Pau Brasil” lembram a Pátria e as origens do nome glorioso. Uma faixa arqueada, entre os dois ramos e sobre a lâmina, ostenta o dístico: “Sangue do Brasil”. A fita tem a cor vermelha, com um friso central igual a um sétimo da largura total, dividido em três partes iguais, de cores amarelo, verde e amarelo (BRASIL, Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7709-5-julho-1945-378564-publicacaooriginal-1-pe.htm>>, acessados em:mar de 2015).

Essas cinco medalhas são consideradas as principais e são sempre referenciadas em notícias de jornais da época, quando anunciado eventos de homenagens aos veteranos. São também encontradas em grande número em museus relacionadas à guerra. As imagens abaixo foram registradas no Museu do Expedicionário em Curitiba (PR), expostas sob-vidro. Num espaço dentro do museu reservado a eventos e as reuniões dos ex-combatentes ainda vivos, há fotografias de oficiais paranaenses já falecidos condecorados com diferentes medalhas. No quadro abaixo, somente a medalha de *Cruz de Combate - 2ª classe* não foi encontrada exposta no museu, mas vários oficiais homenageados nesse espaço foram presenteados com tal medalha. Em uma das visitas de pesquisa, um dos diretores do museu, relatou que as medalhas expostas são doadas por familiares quando a o falecimento de um ex-combatente, mas que tem famílias que preferem guardá-las. Ele mesmo confirmou que as duas medalhas de *Cruz de Combate - 2ª classe* que seu pai recebeu estavam com a família.

QUADRO 3 – Medalhas de condecoração da FEB

NOME E DESTINAÇÃO	FOTOGRAFIAS
A <i>Medalha de Guerra</i> é destinada a premiar os oficiais da ativa, da reserva e reformados, e civis que tenham prestado serviços relevantes, de qualquer natureza, referentes ao esforço de guerra, preparo de tropa ou desempenho de missões especiais confiadas pelo governo dentro ou fora do país.	
A <i>Medalha de Campanha</i> será conferida aos militares da ativa, da reserva e assemelhados que participaram de operações de guerra, sem nota desabonadora.	
A <i>Cruz de Combate</i> é destinada aos militares que se distinguirem em ação, sendo: a) <i>1ª classe</i> - para todos que praticaram atos de bravura ou revelarem espírito de sacrifício no desempenho de missões em combate. Essa medalha poderá ser conferida a Unidades que se destacarem na luta.	

b) 2ª classe - aos participantes de feitos excepcionais praticados em conjunto por vários militares.	* 
"Sangue do Brasil" para agradecer os feridos de guerra	

Fonte: Acervo do Museu do Expedicionário

Fotos: KUGLER, R., 2016.

Foto: * retirada da *internet* (não encontrada no museu)

Org: CALISKEVSTZ, V.

Dessa forma, essas constatações podem justificar a memória cívica ainda viva nas cidades, principalmente as localizadas no interior dos estados. Diante dessa questão, alguns exemplos podem ser abordados, os quais são criados e realizados por pesquisadores ou admiradores da história da FEB, oficiais das forças armadas, familiares e até mesmo os próprios ex-combatentes. Cidades em que ainda há pracinhas vivos, a representatividade dessa categoria se faz presente em grande parcela da população, que sempre relaciona esses senhores ao evento da 2ª Guerra Mundial, sabem suas histórias e onde moram. A frase: "aqui todos conhecem" é sempre citada. O culto aos símbolos nacionais e a seus heróis foram à materialização da construção das identidades nacionais. A comunidade imaginada da FEB é um exemplo desse processo histórico e sua representação está materializada em diferentes simbólicos pelo país, representados por acervos

patrimoniais e monumentos.

No entanto, Choay (2001, p.24) afirma que está havendo uma diminuição do culto aos monumentos e símbolos ligados aos heróis nacionais, ou um esquecimento dessa construção. Essa afirmação se faz presente no discurso sobre a categoria de Expedicionários Brasileiros que lutou na Segunda Guerra Mundial, mas os grupos que buscam preservar a memória da FEB se faz resistente pelo Brasil, mostrando que a representatividade dos feitos dessa comunidade precisa ser preservada e conhecida. Esse embate que envolve os grupos sociais em busca da preservação e disseminação do conhecimento de seus patrimônios e suas identidades é uma característica presente em qualquer cenário sociocultural, pois é o embate entre o diferente, um dos principais combustíveis da formação e disseminação das culturas, onde o determinante de sua perpetuação será sempre sua materialização espacial, por isso os monumentos são considerados grandes ferramentas de discursos sociais.

Para uma comunidade imaginada, o que é de interesse de uma minoria dominante, é de interesse de todos, principalmente quando os sacrifícios estão relacionados à pureza e a honra da fatalidade. “Morrer pela pátria, assume uma grandeza moral que não se compara a nenhuma outra forma de instituição. Morrer pela pátria – mãe adquire uma aura de pureza e desprendimento” (ANDERSON, 2008, p.203).

CAPITULO 3

O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA

A 2ª Guerra Mundial tem suas bases ligadas a 1ª Guerra Mundial, visto que o primeiro conflito mundial deixou como resultado territórios e populações destruídas, instabilidades políticas e economias esfaceladas. Contudo, muitos países como os EUA, aproveitaram-se desse cenário em crise para firmar suas bases e tornarem-se a hegemonia mundial. Para Vertino (2013, p.26) com a derrota da Alemanha na 1ª Guerra Mundial, o país se viu afundado em crise econômica e alto desemprego. Esse cenário alimentou a ascensão de uma ditadura totalitária nacionalista. Surge aí a figura confiante e popular de Adolf Hitler, que buscou na restauração armamentista e na exploração “visual da propaganda, com estandartes coloridos, hinos e saudações como forma de aumentar a autoestima nacional”, e assim a confiança do povo. Utilizando-se do ressentimento do país pela derrota da 1ª Guerra Mundial, firmou suas bases para comandar a caminhada rumo a uma nova luta. Segundo o autor, a invasão da Polônia pela Alemanha em 1939, foi o primeiro teste do exército de Hitler, e o desencadeamento do segundo conflito mundial, com a sucessiva entrada de outros países na guerra.

No Brasil, o cenário era de atraso de praticamente em todos os setores sociais e da economia, como afirma Ferraz (2012, p.46): “exportador de produtos primários, sem industrialização massiva, mostrava flagrantes carências econômicas, tecnológicas, educacionais e sanitárias”, e assim como os demais países que se aproveitaram do cenário devastado pela 1ª Guerra Mundial, o país pegou carona na busca por desenvolver-se com a guerra. Até esse momento o Brasil se encontrava na neutralidade, pois passava por um período de início da transição agrária para à industrialização, resultado esse, apontado por Alves (2012, p.102) como principal barganha realizada por Getúlio Vargas a aliança com os EUA, na qual exigia apoio ao projeto de industrialização brasileira, em troca de apoio a guerra contra a Alemanha. Bonet (2007) afirma que a, antes mesmo da adesão do Brasil às ordens de combate dos EUA, esse já sofria pressão norte americana através de suas relações comerciais, para o qual deixava suas fronteiras abertas a entrada da

cultura em massa - “*American way of life*” (estilo americano de vida)¹³. As relações entre os países da América do sul e EUA iam além das compras e venda de produtos, visto que tratados anti bélicos e de apoio incondicional em situação de conflito externo foram assinados, mostrando que as tensões do período entre guerra estavam presentes. Junto a isso, as relações entre Brasil e Alemanha também se estreitaram em diferentes frentes, auxiliado e muito pelas colônias de imigrantes alemães existentes no sul do país, o que não agradava em nada aos EUA, pois o Brasil possuía características fortes para um desenvolvimento da ideologia nazista, visto as ações de seu presidente. Relações essas que manteve o Brasil em estado de neutralidade diante do conflito da 2ª Guerra Mundial, ou como colocou Getúlio Vargas em seu diário: “das minhas conversas, do que observo, fico apreensivo. Parece-me que os americanos querem nos arrastar à guerra, sem que isso seja de utilidade, nem para nós, nem para eles” (BONET, 2007, p.04). Mas enquanto negociador de ambos os lados, o Brasil mantinha relações comerciais tanto com a Alemanha, quanto com os Estados Unidos, que fez abalar a neutralidade que se mantinha até então, fazendo com que em troca de um futuro desenvolvimento nacional, o Brasil se declarasse apoiador dos EUA. Mas os Americanos não desistiriam dessa parceria, oferecendo ajuda financeira ao Brasil para a criação da Companhia Vale do Rio Doce e para a siderurgia brasileira em Volta Redonda, além de auxiliar no melhoramento da rede ferroviária, e desenvolvimento de motores e produtos químicos¹⁴. Contudo, em 1942 navios brasileiros foram abatidos por

¹³ Perfil social diferente do apontado no discurso de Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, 11 de junho de 1940, (pronunciado a bordo do encouraçado Minas Gerais no 75º aniversário da Batalha do Riachuelo). “*Felizmente, no Brasil, criamos um regime adequado às nossas necessidades, sem imitar outros nem filiar-se a qualquer das correntes doutrinárias e ideológicas existentes. É o regime da ordem e da paz brasileiras, de acordo com a índole e a tradição do nosso povo, capaz de impulsionar mais rapidamente o progresso geral e de garantir a segurança de todos*” (p.399). VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62).

¹⁴ “Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1942 - Discurso pronunciado no Palácio Tiradentes por ocasião da instalação da III Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos. Vargas relembra as duas reuniões anteriores, o compromisso do hemisfério com a paz e o dever de solidariedade do continente para com os Estados Unidos, atacados pelo Japão em dezembro de 1941”. - “*A agressão aos Estados Unidos, no Oceano Pacífico, a que se seguiu a declaração de guerra da Alemanha e da Itália ao grande país amigo, tinha, necessariamente, de agrupar-nos ainda uma vez. Aqui estamos, portanto, representantes soberanos da família americana de pátrias livres e amantes da paz, para reafirmar à nação bruscamente atacada a nossa solidariedade unânime e resolver, com prudência e decisão, o que convier à segurança e à proteção dos nossos povos*” (...) “*Não mediremos sacrifícios para a defesa coletiva*” (p.444). VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina

alemães, fazendo com que o Brasil desse as mãos ao EUA, enviando milhares de soldados (treinados ou não) a guerra. Merece aqui a ilustração de parte¹⁵ do discurso realizado por Vargas, nas comemorações do quinto aniversário do Estado Novo, no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1942, o qual justifica a entrada do Brasil no conflito, afinal, o discurso na forma de jornais é uma das principais ferramentas na formação de comunidades nacionais e do nacionalismo.

“(...) A Segunda Guerra Mundial atingiu-nos em plena fase de reconstrução. Enquanto se limitava a outros continentes, foi-nos possível manter a neutralidade e procurar, por todos os meios, evitar que os seus reflexos diretos perturbasse o ritmo do nosso trabalho. Quando já havíamos reajustado a economia do país às circunstâncias novas, decorrentes do isolamento da Europa e da perda de mercados, a agressão de que foram vítimas os nossos tradicionais amigos dos Estados Unidos da América do Norte determinou, em face dos compromissos assumidos em reiteradas assembleias, a nossa participação no conflito. (...) Em legítima defesa da nossa honra, fizemos o que nos cumpria. Declaramos o estado de beligerância com os agressores e nos tornamos aliados das nações que defendem os princípios da liberdade e autodeterminação dos povos contra as que preferem a política de presa, a invasão “manu militari” e o assalto organizado às populações pacíficas e laboriosas. Empenhados nas tarefas de desenvolvimento interno, não desejávamos a guerra. Tivemo-la, entretanto, e o que agora nos cabe fazer está na consciência de todos os brasileiros. Sem descontinuar os esforços para progredir estamos mobilizados e prontos a lutar em duas frentes – a externa e a interna. Cooperando por todos os meios com a nobre nação norte-americana, fornecendo-lhe quanto careça para completar a sua preparação, agindo em perfeita colaboração com os supremos dirigentes da guerra no setor mundial, desempenharemos as nossas missões de forma exemplar. (...) Para a vitória da nossa causa, para fazer sobreviver o mundo que ajudamos a construir, nenhum esforço será excessivo. Não nos iludamos. Só se salvam os que se mostram dignos de salvação, os que se esforçam por obtê-la, os que não conhecem obstáculos e não temem perigos. Em momento de tanta significação, falando aos representantes do poder público e das classes produtoras, desejo também voltar o pensamento para o povo brasileiro, para a massa anônima das cidades e dos campos, e dizer-lhes que estamos empenhados numa luta decisiva, em que se jogam os destinos da civilização, e devemos confiar na voz profética de Franklin Roosevelt, o grande líder do continente americano, certos de que esta guerra não é feita para garantir privilégios e amparar monopólios, mas para estabelecer a paz com justiça e assegurar a todos uma vida melhor, subordinando as vantagens individuais aos deveres para com a

D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62).

¹⁵ (ANEXO D1) Disponível em: VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62). (p. 454 – 458).

coletividade” (VARGAS - EDIÇÕES CÂMARA, 2011).

Tal discurso traz elementos de extremo nacionalismo e ideologia de convencimento coletivo, extrapolando os limites da capital, dirigindo-se aos rincões do território nacional, de onde saiu os maiores contingente de combatentes (obrigados pelo novo decreto)¹⁶, que lutariam para defender os ideais do governo. Para Bonet (2007, p.05) 2ª Guerra Mundial trouxe algumas oportunidades para o Brasil, principalmente na permanência e manutenção da forma de governo do Estado Novo¹⁷. Nas observações sobre diferentes discursos apresentados em diferentes jornais, a autora mostra como a mídia escrita foi utilizada pelo Estado para justificar o discurso de Getúlio Vargas para entrada no conflito:

Pode-se realizar essa verificação observando a produção simbólica realizada pelos intelectuais do regime (cinejornais e revistas) e pelo próprio presidente (discursos). A criação e distribuição desse material de comunicação oficial eram coordenadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Criado em 1939, o órgão deveria ser um grande mecanismo de promoção da figura do chefe do Estado, das autoridades que o cercavam e das iniciativas políticas então implementadas, produzindo e divulgando o noticiário oficial e supervisionando todos os instrumentos de comunicação de massa. O DIP, assim, coordenava a comunicação social do Governo, propagando os valores do novo regime, censurando e eliminando as ideias indesejáveis, buscando realizar a uniformidade da mensagem. Um dos instrumentos utilizados para atingir os objetivos desse

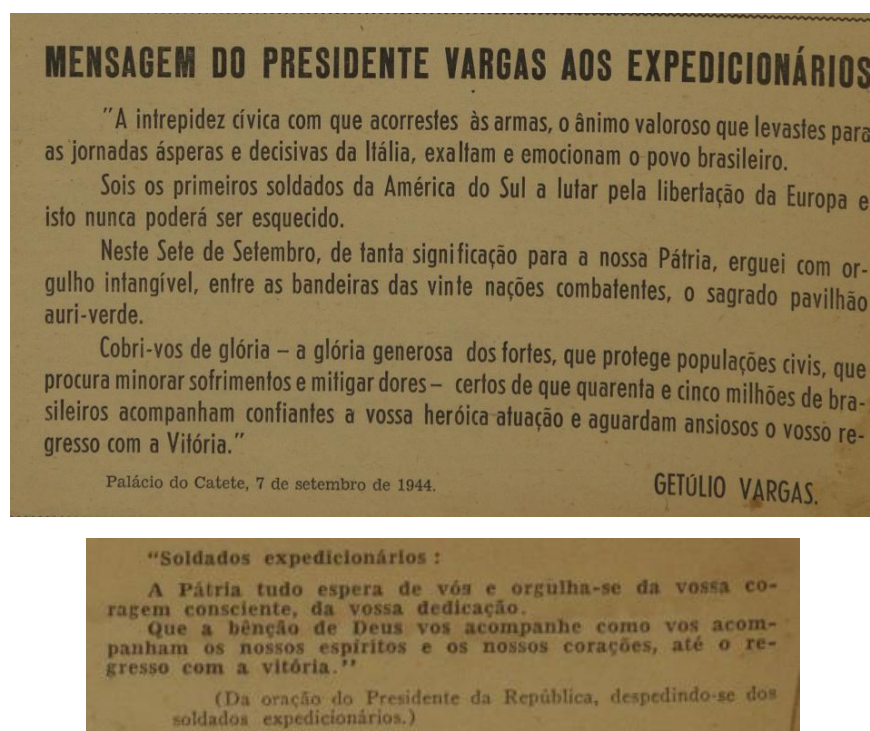
¹⁶ DECRETO-LEI Nº 1.187, de 4 de abril de 1939. Dispõe sobre o Serviço Militar. Disponível em : < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del1187.htm>. Acessado em 06/04/2016.

¹⁷ “Rio de Janeiro, 1º de maio de 1942 - Discurso lido pelo ministro do Trabalho, Marcondes Filho, no Estádio do Vasco da Gama por ocasião das comemorações do Dia do Trabalho de 1942. O discurso explica que o rompimento de relações diplomáticas com os países do Eixo e o afundamento de navios brasileiros não implicaria a perseguição de imigrantes oriundos desses países. Define também o Estado como “juiz nas relações entre empregados e empregadores”. - *“A nossa declaração de solidariedade ao povo norte-americano, a quem nos liga secular amizade, e o conseqüente rompimento de relações diplomáticas com os países que o arrastaram à guerra, era um imperativo de obrigações solenemente assumidas em tratados e convênios e da aplicação de princípios de unidade política continental, sempre afirmados e intransigentemente defendidos pelo Brasil* (p.446). (...) Apesar de tão leal e compreensível procedimento, ao navegarem em rotas livres e distantes das zonas de bloqueio, foram postos a pique vapores nacionais, com desconhecimento das normas do Direito Internacional e sacrifício de bens e de preciosas vidas brasileiras. Aos ataques do mar sucederam-se, fronteiras adentro, tentativas de articulação com intenções subversivas, e positivamente atividades de espionagem exercidas por indivíduos a soldo das nações que nos acusam” (p.447). VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D’Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62).

departamento foi a edição de livros, de revistas, de folhetos e de cartazes. A publicação “Cultura Política” é criada em 1941. Nascia como a voz oficial da proposta estado-novista. Na edição do mês de setembro de 1941 o editorial intitulado “A imprensa e o Exército Nacional” traz em seu texto repetidamente as palavras “ameaças”, “riscos”, “perigos”, “assustadoramente”, “grave” e “golpe”, os relacionando com a Guerra e criando uma atmosfera de terror em torno do conflito (BONET, 2007, p.05).

Esse apelo discursivo fica explícito em praticamente todos os jornais da época, os quais cobravam as ações do governo diante das ameaças externas. Logo é através dos jornais, que o discurso do presidente apresenta-se para os combatentes e para toda a sociedade. A exemplo disso, o Jornal Soldado do estado do Rio de Janeiro, de 05 de outubro de 1944, publica trechos do discurso do presidente Getúlio Vargas:

FOTOGRAFIA 4 – Discurso do presidente Getúlio Vargas aos expedicionários em jornais.



FONTE: Jornal “Soldado”, Nº 3, Ano1 – RJ – 05/10/1944.-

Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR). Foto de KUGLER, R., 2016.

Org: CALISKEVSTZ, V., 2016.

Enquanto controlados pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), os jornais da época eram obrigados a se aliar ao governo vigente. Assim, nesse momento, os posicionamentos forçados dos jornais auxiliavam Getúlio Vargas na busca pelo aumento da confiabilidade da população em suas ações, instalando de vez o “Populismo”, desviando a atenção das reivindicações dos trabalhadores para as notícias da guerra e de seus compatriotas que lutavam para defender o Brasil em solo estrangeiro, e concretizando o nacionalismo que muitos movimentos político-sociais buscavam, já que a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial foi colocada como responsabilidade de toda a nação brasileira, através dos diferentes discursos em jornais e pronunciamentos oficiais¹⁸. Para Vertino (2013, p.29) o DIP “foi um instrumento usado na promoção pessoal do chefe de governo”. Enquanto país atrasado e dependente, o país tinha um Exército Nacional e suas matérias – primas como principais moedas. Essa questão foi transferida para as propagandas de incentivo, como mostrado na figura abaixo:

¹⁸ “Rio de Janeiro, 1º de maio de 1942 - Discurso lido pelo ministro do Trabalho, Marcondes Filho, no Estádio do Vasco da Gama por ocasião das comemorações do Dia do Trabalho de 1942. O discurso explica que o rompimento de relações diplomáticas com os países do Eixo e o afundamento de navios brasileiros não implicaria a perseguição de imigrantes oriundos desses países. Define também o Estado como “juiz nas relações entre empregados e empregadores”. - *“O Estado, entre nós, exerce a função de juiz nas relações entre empregados e empregadores, porque corrige excessos, evita choques e distribui equitativamente vantagens. Assiste-lhe, por isso mesmo, o direito de solicitar o concurso das vossas energias, a dedicação completa dos vossos esforços. Nesta emergência, deve cada homem conservar o seu posto sem pensar em si próprio, sem pensar na família, sem pensar nos bens. Em momentos supremos, os riscos não contam, porque é preferível perder a vida a perder as razões de viver. (...) Soldados, afinal, somos todos, a serviço do Brasil; e é nosso dever enfrentar a gravidade da hora presente, para merecermos que as gerações vindouras se lembrem de nós com orgulho, porque trabalhamos cheios de fé, sem duvidar um só momento dos destinos imortais da pátria brasileira”* (p.449). VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D’Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62).

FIGURA 2 – Propaganda do governo brasileiro no processo de negociação para entrada na guerra.



Fonte: Disponível em < <http://pit935.blogspot.com.br/2013/08/eventos-em-destaque-no-dia-22-de-agosto.html> >

Como resultado da tomada de posição, o Brasil cedeu bases militares estratégicas do território nordestino aos EUA, além de produtos primários e um exército. Nas afirmações de Costa (2015, p.09)

Até então, com a posição assumida pelo Brasil, o governo de Vargas estava em uma posição confortável para barganhar seus interesses, e o presidente viu ali uma boa oportunidade para executar seus projetos mais ambiciosos. Um deles era obter financiamento para modernizar e reequipar as Forças Armadas, consolidando assim o apoio militar a seu governo. Outro objetivo de Getúlio era angariar recursos para construir a Companhia Siderúrgica Nacional, inaugurando uma nova fase de desenvolvimento do país (COSTA, 2015, p.09).

Com o conflito chegando próximo ao território brasileiro, o conflito se intensificou com o ataque a base naval americana de *Pearl Harbor* pelos japoneses, em 1941. Segundo o autor:

Em dezembro de 1941, com o ataque japonês a Pearl Harbor, ilha de domínio norte-americano no Havaí, foram destruídos 11 navios, 188 aviões e morreram 2.403 militares estadunidenses e 68 civis. O Brasil não ficaria mais neutro. (...) A Alemanha havia afundado um navio brasileiro em 1941 no Mar Mediterrâneo, porém, justificava em sua defesa que fora um incidente porque o navio navegava sem bandeira em uma região por onde passavam navios inimigos (COSTA, 2015, p.09-10).

Não era mais possível ficar neutro diante desse acontecimento¹⁹. Ao declarar-se contrária a Alemanha, Costa (2015, p.09) afirma que mais “34 navios brasileiros foram atacados por submarinos alemães e italianos, sendo que 32 afundaram, causando a morte de 972 pessoas”. A situação gerou o clamor da população brasileira nas ruas para que o país se posicionasse. Assim, em janeiro de 1943, se reúnem em na cidade de Natal (RN), Getúlio Vargas e Roosevelt para fechar o acordo que daria início ao projeto da Força Expedicionária Brasileira (FEB) (ALVES, 2012, p.103). Abaixo, propaganda da mídia²⁰ sobre o posicionamento em que o Brasil se encontrava.

¹⁹(ANEXO C) “Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1942 - Discurso pronunciado no Estádio do Vasco da Gama na comemoração do Dia da Independência, com a presença do general Augustin Justo, ex-presidente da Argentina. Vargas menciona os ataques a navios mercantes que ocasionaram a morte de 600 brasileiros e afirma a decisão do país de enfrentar com rigor qualquer agressão à sua soberania ou traição de imigrantes em território nacional”. - *Tivemos a dignidade de revidar afrontas, guardamos o respeito a nós próprios, defendendo tenazmente a nossa forma de viver e os nossos deveres continentais. Por isso mesmo fomos agredidos, e mais de seiscentas pessoas perderam a vida numa emboscada marítima executada com requintes de inaudita crueldade. A vossa reação, brasileiros, esteve à altura da ofensa. Protestantes com indignação, solicitastes por todas as formas de expressar a vontade popular que o governo declarasse guerra aos agressores, e assim foi feito*. VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62).

²⁰ As informações eram disseminadas por jornais como “Correio da manhã”, “O Globo” e “Estado de São Paulo”.

FIGURA 3 – Cartaz do D.I.P. (Departamento de Imprensa e Propaganda)1943.



Fonte: Disponível em <<http://www.jacareitempoememoria.com.br/2014/02/o-brasil-na-ii-guerra-mundial.html>>

Para Ferraz (2012, p.48) a tomada de posicionamento popular no Brasil, foi incentivada pela mobilização induzida pela propaganda oficial do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), a qual buscava mostrar através de “cinejornais, programas de rádio e cartazes, a necessidade de mobilização nacional, de sacrifício e as missões de cada cidadão para a defesa da pátria”. Contudo, mesmo diante do entusiasmo das massas, esse sentimento não se fazia presente no corpo do exército e muito menos nos voluntários, os quais não eram expressivos. Foi preciso reformular a Lei do Serviço Militar em 1939²¹, obrigando toda a população masculina

²¹ Essa reformulação se deu em relação à Lei n°. 2556 - de 26 de setembro de 1939, a qual regulamentava o recrutamento na forma de sorteio de jovens para o Exército e forças Armada. Disponível em <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=56717&norma=72568>>. Acessado em: 09/04/2017.

jovem à se apresentar para o serviço do exército, sendo essa a forma como os grupos foram organizados e incorporados a cidadania nacional no Brasil (FERRAZ, 2012, p.58) Assim, Vertino (2013, p.37) afirma que “a FEB teve que ser organizada com a juventude humilde do Brasil: operários, lavradores e empregados do comércio. (...) os recursos humanos para a formação da FEB era o retrato da realidade social pobre do Brasil”. Segundo Vertino (2013, p.38)

Pela precariedade do tempo, os profissionais responsáveis pela seleção da tropa não realizaram exames complementares ou psicológicos com eficiência omitindo processos básicos de grande importância para o emprego de um soldado na guerra moderna. O recrutamento apresentou índices espantosos de problemas dentários e de saúde (VERTINO, 2013, p.38).

Ferraz (2012, p.64) mostra que os primeiros resultados dos exames de aptidão intelectual e física, realizados com os candidatos a soldados da FEB foram bem abaixo do esperado, já que não alcançaram os critérios rigorosos exigidos para um soldado ir à guerra. Assim, “a solução foi rebaixar o nível de exigência dos exames, de modo a incluir na FEB os classificados como normais, bem como rever os resultados das incapacidades” (FERRAZ, 2012, p.64). Agravando ainda mais esse quadro, pertencer a FEB era um castigo, uma punição (FERRAZ, 2012, p.61), logo muitos convocados para servir a pátria desertaram, gerando instabilidades a um sistema que já era frágil, pois segundo Vertino (2013, p.38) antes do Escalão da FEB se direcionar para a capital (RJ), “os convocados eram amontoados em quartéis improvisados. Os exercícios e manobras da tropa eram realizados na zona rural dos arredores dos quartéis”. Esse cenário foi noticiado até em jornais da época, como visto na fotografia abaixo:

FOTOGRAFIA 5 – Notícia em jornais a situação do treinamento da FEB em solo brasileira, antes do embarque para a batalha.



FONTE: Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR).

Foto: KUGLER, R., 2016.

Org.: CALISKEVSTZ, V, 2016.

Como se não fosse possível agravar ainda mais esse quadro, o cenário nacional apresentava uma crescente descrença do papel da FEB, agravado pela crise interna que se instalava com os grupos contrários ao governo, que defendiam que o grupo da FEB deveria derrubar a ditadura local e não a estrangeira. Mesmo diante desse cenário turbulento, Ferraz (2012, p.68) aponta que grande parte da população não se importava com a situação que se instalava no cenário nacional, preocupando-se muito mais com seus conflitos cotidianos, com o futebol e o carnaval, do que com os soldados que seriam enviados a guerra.

Direcionados os escolhidos para a capital, foram concentrados numa vila militar como forma de finalizarem seus treinamentos. Contudo, sem estrutura para

receber tantas pessoas, esse estágio de preparação foi se agravando com o entulhamento de soldados, que começaram a sofrer com a falta de saneamento e higiene dos alojamentos. Somado à saudade de casa e familiares, as fugas se tornaram constantes, graças à proximidade da ferrovia a bases da FEB, onde com o apoio dos ferroviários, os soldados fugiam pelos trens que ali passavam. Por medidas de segurança a data de partida dos contingentes não era divulgada, e quando embarcavam, os soldados sofriam com as más condições dos navios e com a pouca comida.

O governo brasileiro previa o “envio de três divisões, porém a realidade econômica social brasileira possibilitou o envio de apenas uma divisão com aproximadamente 25 mil homens” (VERTINO, 2013, p.37), formado pela FEB, Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira e Corpo Voluntário de Enfermeiras (FERRAZ, 2012, p.46), comandado então por João Batista Mascarenha de Moraes. A difícil questão econômica em que o Brasil se encontrava era tão acentuada que todo o material utilizado pelos soldados fosse doado pelos EUA. Segundo relatos de um ex-combatente, esse afirma que os soldados brasileiros não utilizaram nada do material nacional, pois não tinha qualidade para suportar o clima da Europa.

Na Itália, juntamente com tropas de países aliados, o Brasil travou batalhas com o exército alemão em diferentes locais, o que rendeu elogios segundo Costa (2015, p.15) do comandante geral do IV Exército Americano, General Crittenger, *“Na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão Brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade”*. A fama dos soldados brasileiros e de sua atuação na Europa é sempre apontada pelos ex-combatentes, que em várias entrevistas afirmaram que não havia soldado melhor do que o brasileiro.

Em análises de diferentes jornais da época é possível perceber o discurso nacionalista direcionado a população, a qual era influenciada pelos jornais a vivências o cotidiano da categoria da FEB em campo de batalha, nas mais diferentes formas: fotos dia a dia da tropa, e até fotos “posadas” dos soldados em suas

atividades em campo de batalha²², textos em forma de poemas²³ constantemente lançados, exaltando a categorias e seus feitos, sempre ligados à ideia de pertencimento à “Pátria”; além de longos discursos feitos por oficiais chamando o povo para a exaltação de seus heróis compatriotas²⁴.

Durante os deslocamentos das tropas, a FEB e seus aliados foram avançando dentro do território italiano, e mais tropas brasileiras iam chegando e juntando-se às tropas e companhias de tanques americanos. O clima da região não favorecia aos combatentes que sofriam com a chuva e o frio rigoroso, esse, aliás, apontado como um grande inimigo, já que causava o que os expedicionários chamavam de “Pé-de-trincheira”, ou seja, o congelamento dos pés dos soldados em combate.

Segundo Alves (2012, p.17)

Em 27 de abril os alemães ainda resistiam ao cerco e na tarde daquele dia o padre Don Alessandro Cavalli da igreja do vilarejo de Neviano de Rossi levou a viva voz a ordem de rendição ao comando alemão, que respondeu que os brasileiros deviam expor os termos para que eles se entregassem. Os brasileiros disseram que deveria ser uma rendição incondicional, ao que os alemães não responderam e foram novamente atacados em 28. Em 28 à noite chegou o padre novamente e dessa vez com o Chefe de Estado Maior Alemão, Major Kuhn e mais três militares autorizados pelo General Otto Fretter Picco, comandante da Divisão Alemã. Assim, por volta da zero hora do dia 29 de abril eram assinados os termos de rendição, onde primeiro seriam levados aproximadamente 800 soldados doentes e feridos e em seguida o restante da tropa. Em 30 de abril, quase 15 mil alemães e italianos se rendiam aos brasileiros de uma única só vez (ALVES, 2012, p.17).

Em 08 de maio a guerra chegara ao fim. Ao voltarem para o Brasil, a FEB já estava dissolvida²⁵ segundo o aviso ministerial de Getúlio Vargas, pois como afirma

²² (APÊNDICE B)

²³ (APÊNDICE C)

²⁴ (ANEXO D2).

²⁵ Segundo relatos encontrados no site "Ecos da Segunda Guerra, <http://segundaguerra.net/feb-o-retorno-dos-pracinhas-ao-brasil/>, “no dia 18 de julho de 1945 desembarcava no Rio o primeiro escalão expedicionário, ovacionado pela cidade inteira, mas então, a FEB não existia mais, pelo menos como corpo regular do Exército. Deixara de existir 12 dias antes, no dia 16 de julho,

o autor, se tornou insustentável manter um regime ditador no Brasil, diante do feito em que soldados da nação lutarão contra a ditadura estrangeira. Assim, a FEB se tornaria uma ameaça à estabilidade política de Getúlio Vargas²⁶. Em seus apontamentos, Costa (2015, p.20) afirma que

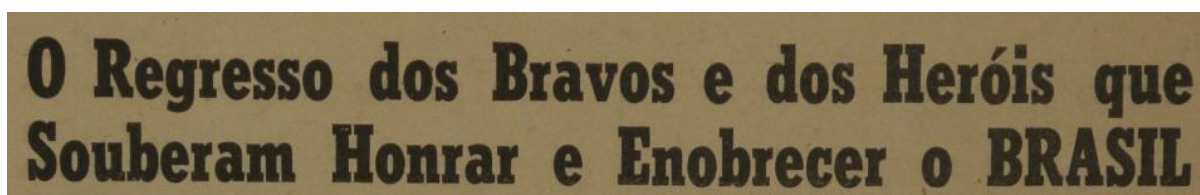
A ordem dizia que na medida em que as tropas fossem chegando ao Brasil fossem excluídas da FEB, ficando automaticamente subordinadas ao Comando da 1ª Região Militar até que seus superiores decidiram seu destino final. Os efetivos deveriam ser desmobilizados ao mínimo possível. Os conscritos (convocados pelo Exército quando já haviam dado baixa), os voluntários e o pessoal da Reserva foram mandados para casa. Os oficiais que ficaram no Exército foram espalhados pelo país. Outros oficiais da ativa foram passados para a Reserva, aposentados antes do tempo. Oficialmente o governo dizia não ter condições financeiras de manter tamanha tropa. (...) Os expedicionários passaram por situações difíceis e constrangedoras nos pós-guerra. Para boa parte dos cidadãos comuns, os veteranos eram “neuróticos” e “encrênqueiros”. Ao voltarem para casa, em 1945, os poucos mais de 25 mil integrantes da FEB diluíram-se entre a população de quarenta milhões de pessoas com quem não conseguiam relacionar suas experiências de guerra. Colegas de trabalho, familiares e amigos tinham dificuldades de entender o drama e a selvageria vivenciada pelos jovens veteranos e mesmo aqueles que haviam retornado fisicamente incólumes estavam, em seu íntimo, transformados de maneira irrevogável. A exultação inicial das festividades pelo retorno logo deu lugar a normalidade e a labuta cotidiana para a esmagadora maioria de expedicionários que gradualmente retornavam as suas ocupações de antes da ida à Itália (COSTA, 2015, p.20).

exatamente na data em que o primeiro escalão embarcava na Itália de volta ao Brasil. À providência fora do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, que determinava, através de uma portaria, que as unidades expedicionárias chegadas ao Rio deviam “passar automaticamente à subordinação da 1ª Região Militar”. É que o Estado Novo, ainda vigente, que temera a ida da FEB, temia ainda mais, agora, a sua volta. E a apressada desmobilização e dissolução da FEB, apenas dois meses após o término da Guerra e 12 dias antes do seu retorno ao Brasil, era a prova mais flagrante dos temores da ditadura brasileira”.

²⁶ Um item pertencente ao acervo do “Museu da Guerra” é um livreto anônimo intitulado “Seja o Juiz: entre o Império Britânico e o Terceiro Reich”, editado no Brasil durante a 2ª Guerra Mundial e trazido da Alemanha. Em seu conteúdo, textos com planos de combater a ideologia Nazista no Brasil e de seus simpatizantes, dentre eles, o próprio Getúlio Vargas. Nesse, inúmeros planos de Hitler para uma parceria com o Brasil. Esse livreto faz parte do acervo particular exposto de forma itinerante desde 2013, com relíquias da Segunda Guerra Mundial, reconhecido como o maior museu de guerras do Sul do país, com sede em Joinville (SC), com página na rede social Facebook (<https://www.facebook.com/museudaguerra/?fref=ts>). O acervo pertence a 4 colecionadores, e o responsável pela curadoria das mostras é Doraci Vodzynski. O acervo é composto por mais de 600 peças, do montante de 6000 itens que ainda se encontram na Alemanha, dos quais: documentos, fardas e equipamentos de guerra usados nos campos de batalha, além de itens pessoais de soldados e de Hitler.

Com a chegada da FEB ao Brasil, uma comissão formada por ministros, militares, civis, diplomatas, dirigentes de associações comerciais e autoridades em geral, foi criada para apoiar os soldados regressos, denominada de Comissão de Honra de Recepção da Força Expedicionária Brasileira, a essa cabia coordenar as homenagens e apoio aos expedicionários de todos os escalões, a qual foi dividida em: “Festejos Públicos” (desfiles da vitória nas ruas do Rio de Janeiro); “Solenidades em Recintos Fechados” (eventos em teatros, clubes, escolas, etc) e “Comissão de Assistência” (coleta de sugestões e contribuições públicas para auxiliar na assistência material dos expedicionários e das famílias dos mortos) (FERRAZ, 2012, p.121). A chegada dos Batalhões da FEB foi programado para ser efetuada em cinco escalões entre 10 de junho de 1945 a 3 de outubro desse mesmo ano (FERRAZ, 2012, p.128). Ferraz (2012, 119) ainda aponta que a imagem construída da FEB deveria ser diferente do que se construiu na partida do território, “Partiram soldados – voltaram heróis!” (frase de texto do Jornal “Fon – Fon”, 28/04/1945). Agora com a chegada, os soldados teriam que ter a postura de heróis, assim antes de atracarem na Baía de Guanabara, a FEB recebia instruções de comportamento público. Público esse que segundo o autor, assustou os expedicionários, já que manifestaram estupenda exaltação e entusiasmo.

FOTOGRAFIA 6 – O Globo de 24 de novembro de 1945*.



Fonte: Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR).

Foto: KUGLER, R., 2016.

Org.: CALISKEVSTZ, V, 2016.

As ruas se encheram de pessoas para receber os Pracinhas. Por todo o território nacional as festas se alastraram por dias. As rádios tocavam canções feitas em homenagens a esses combatentes e os jornais exaltava esse retorno, como o retorno dos “Heróis”. As comemorações se estenderam por meses, onde até as festividades de Sete de Setembro foram unidas as comemorações a vitória do Brasil.

Contudo, o tempo foi passando, batalhões continuavam a chegar e a empolgação do país foi diminuindo, já que a FEB legalmente deixará de existir. Os ex-combatentes civis tiveram que retornar para suas vidas antes da guerra, muitos sem dinheiro, sem emprego, doentes, e com problemas emocionais, causam transtorno e medo na população. Muitos ex-combatentes foram direcionados as associações criadas para dar assistência, principalmente no Rio de Janeiro. Algumas leis foram criadas ainda no ano de 1945, através do Decreto Lei nº 8.361, de 13 de dezembro de 1945, que assegurava aos convocados ou voluntários direitos a ingressarem no Serviço Público Federal, e o Decreto Lei nº 8.794, de 23 de janeiro de 1946, que regulava as vantagens aos herdeiros dos militares. Contudo, inúmeros relatos²⁷, histórias e pesquisas mostram que a reintegração dos soldados da FEB

²⁷ No artigo publicado na revista Nossa História – ano 2 – nº 15 – Janeiro de 2005, com título “Brasil na Segunda Guerra – Das Trincheiras ao Pavilhão de Doentes Mentais”, “Soldado com neurose de guerra. Esse é um exemplo de soldado doente, mas milhares de ex-combatentes sadios tiveram que mentir, humilhando-se, pra conseguir amparo do governo. (...) Quando retornaram, foram recebidos com as mais efusivas comemorações, versões locais de manifestações como as do Rio de Janeiro. Cada uma de suas casas ostentava orgulhosamente um cartaz: “Daqui saiu um expedicionário!”. Mas, se os pracinhas, entusiasmados com a calorosa recepção, imaginavam que os dias penosos se transformariam em uma vaga lembrança, logo se deram conta do engano. Aqui mesmo, em solo brasileiro, outra guerra começava – a luta pela sobrevivência. Neste combate esteve meu pai, Francisco Pedro de Resende, que me revelou, numa conversa emocionada, o “terrível sacrifício e tremenda injustiça” que enfrentou no pós-guerra. Seu relato é um emblema daquilo que aconteceu com boa parte dos nossos pracinhas. Poucos dias após o desembarque no Brasil ele, entre tantos outros, já estava “abandonado à própria sorte”. Em função de sua baixa escolaridade, meu pai foi logo licenciado, passando a engrossar as fileiras de desempregados do país. De todas as suas lembranças a mais tocante, certamente, foi o alto preço que pagou pela tão almejada reforma – a garantia de um soldo proporcional à patente. Para consegui-la teve de “baixar no pavilhão de doentes mentais” do Hospital Central do Exército do Rio de Janeiro, pois, conforme dispunha a lei, esse benefício destinava-se àqueles que tivessem alguma limitação por motivos de saúde. Ele foi “obrigado a mentir” dissimulando desequilíbrio emocional, para obter o parecer favorável da Junta Médica. Permaneceu no HCE por longos quatro meses, na primeira internação, e mais 17 dias, na segunda. Enquanto isso, minha mãe, professora primária, se incumbia, em Minas Gerais, da responsabilidade de cuidar dos 11 filhos. Não eram loucos, eram jovens motivados a defenderem a pátria, e o que ganharam como agradecimento? Apesar da morosidade, a reforma foi aprovada para

não funcionou como previa a lei de apoio.

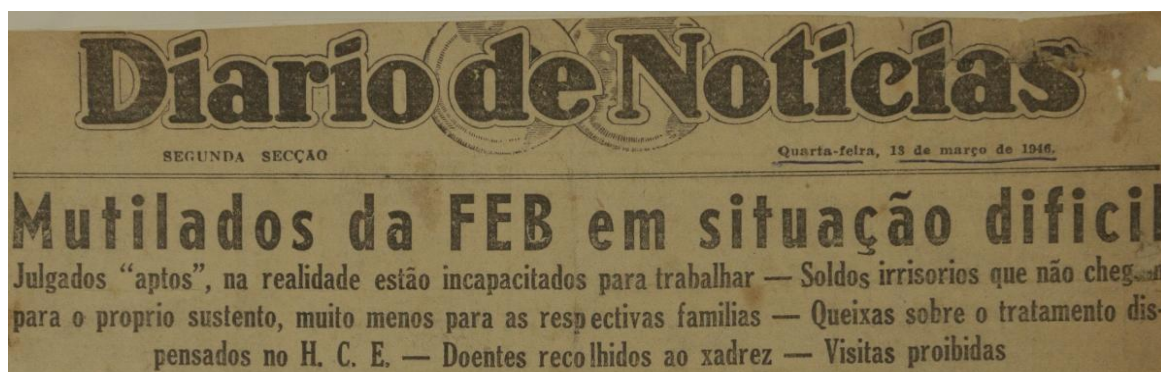
Costa (2015, p.21) aponta em seus estudos que

Em 1950 ex-febianos foram às ruas protestar pela falta de assistência, o que foi usado pelos opositores do governo como motivo de críticas. Os jornais vez ou outra publicaram alguma coisa sobre a FEB ou sobre um de seus pracinhas. Leis para auxiliar feridos e incapazes começaram a vigorar em 1945, mas, para beneficiar aqueles que não tinham rendimentos nem condições de trabalho só mesmo em 1963 (...) herói não foram só aqueles que morreram em combate, mas, também aqueles que conseguiram viver com dores, remorsos, medos, tristezas e lembranças de um tempo que haviam passado dispostos a morrer por um país que hoje sequer é capaz de reconhecê-los nos livros oficiais que são dados em boa parte das escolas públicas e particulares do Brasil (COSTA, 2015, p.21).

Nos períodos que sucederam os anos do pós-guerra, os jornais, já sem o controle do DIP e do governo Vargas, passaram a reivindicar das autoridades governamentais auxílio aos ex-combatentes de todas as partes do país, aprovadas na forma de ações, leis e decretos. Os pedidos sempre acompanhados de um discurso que buscava lembrar o Brasil, de que, milhares de soldados deram a vida para defender a pátria e mereciam reconhecimento, respeito, e auxílio dos mais variados. Assim, inúmeras campanhas promovidas por diferentes jornais, estampavam as páginas quase que diariamente, principalmente nas grandes capitais, num esforço quase que em vão, diante do sucessivo abandono do Estado.

muitos e a do meu pai, finalmente, publicada no Diário Oficial em novembro de 1976. Seja como for, não fosse a coragem para enfrentar “tamanha humilhação” meu pai – entre tantos outros pracinhas – sequer teria conquistado algum reconhecimento até a Constituição de 1988, quando, enfim, transcorrido quase meio século, foi assegurada uma pensão especial aos ex-combatentes. Essas páginas, lamentáveis e vergonhosas, não se encontram registradas nos compêndios sobre a Segunda Guerra Mundial. Vieram à tona – não sem dor e amargura – através do desabafo de meu pai. Resistindo a todo esse descaso, mesmo assim ainda encontrou ânimo para tocar nessas “feridas” pacientemente – como é de seu temperamento (ou do que a vida lhe exigiu) -, como que reforçando o valor e a fortaleza de sua geração. Arriscar a vida contra os alemães pareceu ser menos difícil que encarar o desprezo de seus próprios compatriotas” (Site “Ecos da Segunda Guerra: o maior acervo sobre a segunda guerra mundial” <<http://segundaguerra.net/feb-o-retorno-dos-pracinhas-ao-brasil/>>. Postado em 26 de Fevereiro de 2010).

FOTOGRAFIA 7 - Diário de Notícias de 15 de março de 1946*.



*Fonte: Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR).

Foto: KUGLER, R., 2016.

Org.: CALISKEVSTZ, V, 2016.

FOTOGRAFIA 8 - Diário de Notícias de 24 de junho de 1946*.



*Fonte: Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR).

Foto: KUGLER, R., 2016.

Org.: CALISKEVSTZ, V, 2016.

FOTOGRAFIA 9 - Diário de Notícias de 01 de setembro de 1946*.



*Fonte: Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR).

Foto: KUGLER, R., 2016.

Org.: CALISKEVSTZ, V, 2016.

Quase 10 anos após o término da guerra, os ex-combatentes que voltaram ao país ainda penavam em busca de assistência médica, psicológica, financeira. Sem contar inúmeros casos de reintegrações familiares mal sucedidas. Em entrevista a familiares de ex-combatentes foi relatado um caso em que ao retornar para a casa da irmã, a qual já possuía família no interior do estado do Paraná, o ex combatente ficava o tempo todo sozinho no quarto, e caso os horários das refeições atrasasse minutos, do horário ao qual era acostumado em campo de batalha, esse se negava a realizar a refeição, ficando às vezes o dia todo sem comer (relato).

Com a Constituição Federal de 1988, alguns direitos foram firmados aos ex combatentes como o aproveitamento dos mesmos no serviço público, o pagamento de pensão especial correspondente ao soldo de Segundo Tenente, assistência médico-hospitalar, aposentadoria e prioridade na aquisição de casa própria.

Mas em uma entrevista com o organizador e administrador do *site* “Portal da FEB” Derek Destito Vertino, pela rede social *Facebook*, para a referida tese, a deficiência da assistência dada aos ex-combatentes foi comentada pelo mesmo, quando perguntado se as pessoas que entram em contato no *site*, comentam algo sobre a não valorização da categoria por parte dos órgãos oficiais?

Sim, só para você ter noção, a pensão de ex-combatente foi aprovado apenas em 1988. Mais de 40 anos após o fim da guerra, alguns parentes de expedicionários ainda não conseguiram adquirir ao direito. Acesse os nossos dois artigos sobre o FUSEX (Fundo de Saúde do Exército) e Dúvidas sobre direitos de ex-combatentes e seus dependentes (<http://www.portalfeb.com.br/fusex-fundo-de-saude-do-exercito/>) e (<http://www.portalfeb.com.br/duvidas-sobre-direitos-de-ex-combatentes-e-seus-dependentes/>), são dois artigos que mostram mais de 200 comentários sobre dúvidas jurídicas, mas infelizmente não posso ajudar. É complicado, eu deixei no texto o contato de um advogado especialista em direito militar de SC, mas nem sei se ele é um bom profissional, foi o único advogado da área que ofereceu ajuda. Já recebi e-mails tristes, como filhos de expedicionários com problemas de saúde e sem orientações, o pior deles era uma viúva de expedicionário com 2 filhos especiais.

Esses relatos também foram dados por vários familiares de ex-combatentes, dos quais muitos ainda hoje não tiveram acesso aos benefícios prometidos pelo governo através das leis e decreto. Em sua dissertação sobre a reintegração dos ex-combatentes do estado do Paraná, Rosa (2010) entrevista 6 ex-combatentes, e dentre as questões perguntadas, “Quais foram os tipos de reconhecimento de que se recorda?” merece destaque:

- Não percebi nem um tipo de reconhecimento, nem lembro de nenhum que possa ter acontecido.

- O que vejo de reconhecimento, foi a forma como o povo nos recebeu, como foi noticiado em jornais, rádio. Essas coisas eu vejo como forma de reconhecimento. Não vi outros tipos de reconhecimento.

- Que eu saiba não. Teve um acontecimento, uma vez eu estava na estação ferroviária, ia para Irati, minha terra natal, acabei verificando sobre um expedicionário. Era um ferido de guerra com a perna inteira no gesso, foi dado a ele uma passagem fornecida pelo exército em um vagão de segunda, com bancos de madeira. Saiu do Rio de Janeiro, atravessou São Paulo, indo com destino aos confins do Rio Grande do Sul, lamentavelmente eu não tinha dinheiro para comprar uma passagem de primeira ou ainda para ajudar ele. Eu dei o que tinha, umas frutas, umas bolachas, mas aquilo me marcou profundamente. Ele era ferido de guerra e estava passando por uma situação tão triste.

- Havia, no meu caso e de meu irmão, que éramos do mesmo grupo de artilharia, quando viemos, nós fomos apresentados na nossa cidade, as pessoas tinham orgulho de nós e até mesmo dentro da caserna. Éramos convidados para palestrar nas escolas, muitas vezes.

- Nenhum.

- Não teve muito reconhecimento, não valorizaram como deveriam ter valorizado.

Outra indagação feita por Rosa (2010) aos entrevistados foi sobre o retorno de volta para o Brasil e a receptividade que tiveram?

“Foi aquela recepção maravilhosa, com muito patriotismo, muito papel picado, tudo muito lindo, o dia todo andando pra lá e pra cá. O povo aplaudindo, nós tomando coca-cola, o que era novidade naquela época, é como de fosse dar champagne Frances nos dias de hoje. Após as festividades foi dado um fora de forma, e como eu já disse antes, estávamos em um país super organizado, para aqueles que não eram do Rio de Janeiro, tiveram que permanecer em bancos de praças, na sarjeta, pra no dia seguinte conseguir bilhetes de passagens, e ainda de segunda categoria, com banco de madeira, pra viajar por dois dias até chegar em casa, esse foi o primeiro prêmio que muitos ex-combatentes receberam, assim como eu. Quem falar algo contrário a isso é por que não tem coragem de dizer a verdade. Eu tinha uma reserva de dinheiro e procurei comprar uma passagem de primeira classe por que eu ficaria com vergonha de dizer para meus familiares que o governo tinha agido daquela forma. Por que naquele tempo era assim, soldado era comparado ao mais simples dos animais. (...) A guerra que nós enfrentamos aqui, foi muito pior que a guerra enfrentada nos campos de batalha. Pois aqui quem nos ignorava eram nossos próprios compatriotas. Foi percorrido mais de 40 anos até que comessem a ser reparadas algumas injustiças feitas até naquele momento. Tremendas decepções”.

“Todos foram desligados aqui no Brasil, a única coisa que houve mesmo é que o brasileiro não tinha tradição de estar em guerra. A solução foi dissolver a FEB, cada um voltou para suas origens, isso ocasionou uma tragédia muito grande. Por que como eu vim normal, vários vieram com trauma, tendo problemas sérios, inclusive aqui no Paraná, na casa do Expedicionário, tratamos de muitos. Foram mandados sem apoio nenhum, tempos depois que começaram a ser lentamente assistidos pelo Estado, 15 anos depois do final da guerra, teve uma lei do General Andrade Cerpa, que todo soldado deveria ter o soldo de segundo tenente. Foi um período terrível, muito crítico, devido a grande falta de experiência. (...) Sentiram-se completamente abandonados”.

“Eu nunca ouvi falar de uma festa tão grande no Brasil quanto à chegada dos pracinhas. Só que eles chegaram a uma festa muito grande e posterior a isso foram esquecidos. Na verdade leis existiam, mas quando eles chegam de volta da Itália elas foram esquecidas também. Essa mágoa eu carrego comigo, pois quando os pracinhas foram partir para Itália, para combater, Getúlio Vargas disse aos componentes da FEB, que as famílias seriam amparadas. Aí quando eles voltaram da guerra acabaram ficando, como já falei antes, esquecidos. Muitos voltaram com problemas sérios de saúde, ninguém prestava apoio, ninguém lembrava que haviam voltado de uma guerra. Poucos foram os que tiveram sorte”.

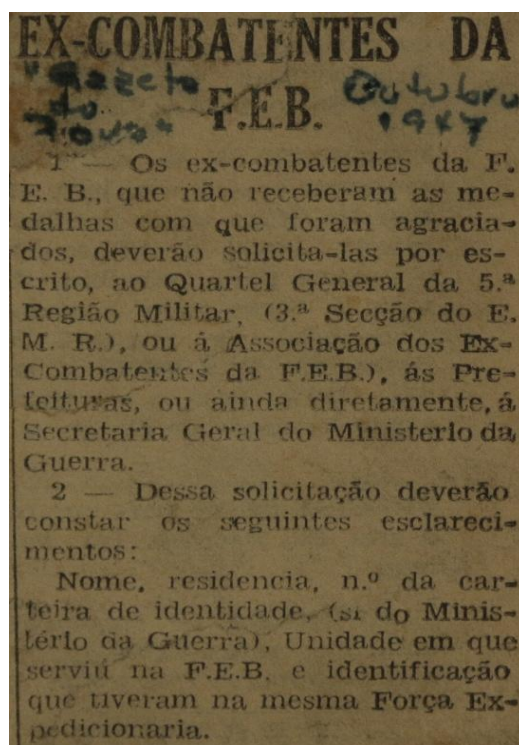
“As leis foram importantes, só que tinham que ser feitas antes da guerra, aqueles que moravam no interior, distante de tudo, foram ficar sabendo só muitos anos depois, já tinham passado por tantos sacrifícios. Alguns nem

tiveram tempo de saber que existiam direitos, morreram sem nenhum apoio”.

Para Rosa (2010), assim como para muitos outros pesquisadores que buscaram compreender o papel da FEB na memória nacional brasileira, afirmam que a batalha mais difícil não foi em solo estrangeiro, mas em solo da pátria mãe, “pois se instaura uma luta diária, num tentativa de conseguir se restabelecer dentro da sociedade. Esta, por sua vez, também não havia sido preparada para esse procedimento” (ROSA, 2010, p.94).

Em análises realizadas em jornais do período pós-guerra, percebe-se que muitos dos ex-combatentes condecorados com medalhas e homenagens em eventos pertenciam a patentes mais altas dentro do regimento, quase sempre soldados que já prestavam serviço ao país. Em nota no Jornal Gazeta do Povo (Curitiba – PR) de outubro de 1947, indicações e procedimentos de pedido de medalhas direcionado a ex-combatentes que não receberam condecorações.

FOTOGRAFIA 10 - Jornal Gazeta do Povo (Curitiba – PR) de outubro de 1947.



Fonte: Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR).

Foto: KUGLER, R., 2016.

Org.: CALISKEVSTZ, V, 2016.

Além disso, as iniciativas criadas pelo governo tais como: escola de alfabetização, bolsa de estudos, casas de apoio, moradia²⁸, pensão e aposentadoria, não chegaram a atender o número de 25 mil pessoas que foram à guerra. Os números desses itens de serviço aparecem nos jornais limitados às centenas, sendo as principais batalhas enfrentadas pelos ex-combatentes em seu país.

Nas notícias analisadas, a única presença constante de apoio aos ex-combatentes, são as chamadas “Legiões”, organizações formada por familiares,

²⁸ Mais um item pertencente ao acervo do “Museu da Guerra” é um arquivo datilografado, organizado pela Legião Brasileira de Assistência ao Expedicionário, com dados de 2000 nomes de ex-combatentes, os quais teriam direito a uma casa e emprego. Mais informações: *Facebook* (<https://www.facebook.com/museudaguerra/?fref=ts>).

militares e Combatentes da FEB, presentes em algumas capitais, as quais construíram casas de apoio, que serviria de espaço de acolhimento, escola de alfabetização, espaço de socialização e museus, em casos como o Museu do Expedicionário em Curitiba (PR) e Casa da FEB no Rio de Janeiro. A reivindicação dessas associações se faz constante nas páginas dos jornais das décadas de 45 e se estendem por jornais de décadas de 50. Pelo menos 4 Convenções Nacionais foram realizadas para traçar metas de apoio e cumprimento da legislação criada para atender os integrantes da FEB, no entanto, estas também se estenderam por anos consecutivos sem solucionar os problemas da categoria.

A exemplo disso, a Casa da FEB no Rio de Janeiro vem desde 2015 passando por instabilidade com o governo. Essa propriedade foi construída em 1976 com ajuda dos ex-combatentes, em terreno cedido pelo governador Carlos Lacerda, na década de 60. Mantido pela mensalidade dos associados, a casa de apoio acabou virando um espaço de memória, que guarda, além de acervos da categoria, a presença de 100 veteranos frequentadores. Contudo, o atual governo quer reaver e vender a propriedade alegando não pagamento de aluguel, num valor estimado em 1 milhão e 600 mil reais. Em reportagens de dois veículos de comunicação num intervalo de 3 dias, Portal G1 *online*²⁹ e jornal impresso “O Globo”³⁰ as notícias mostram que além de esquecidos, os heróis de guerra estão sendo despejados de seus lugares. Em Brasília, no ano de 2013, outro entrave envolvendo terreno cedido à categoria ganha as páginas dos jornais: terreno doado em 1991 e vazio até hoje, iria receber um projeto de Oscar Niemeyer, no qual seria erguido o Memorial dos Heróis da Pátria, no Eixo Monumental, entre o Memorial JK e a Igreja Rainha da Paz, em Brasília, corre o risco atualmente de receber um monumento ao ex-presidente João Goulart³¹.

Outra constatação do abandono e esquecimento da categoria, diz respeito ao Corpo de Enfermeiras da FEB que atuaram nos campos de batalhas, dando

²⁹ Reportagem disponível em:< <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/justica-do-rio-bloqueia-contas-da-associacao-de-veteranos-da-feb.html>>. Acessado em: 22/09/2016.

³⁰ (ANEXO E).

³¹ Reportagem disponível em:< <http://www.portalfeb.com.br/a-homenagem-esquecida-memorial-aos-pracinhas-da-feb-em-brasilia/>>. Acessado em: 05/08/2016.

assistência aos feridos da guerra. Pouca ênfase é dada a elas em jornais da época³² ou nas diversas formas de manifestações simbólicas realizadas atualmente pelo país. No Museu do Expedicionário em Curitiba (PR), a parede de uma sala foi destinada a fotos, nomes e utensílios utilizados por elas. O site “Portal da FEB” disponibilizou uma relação nominal das 73 enfermeiras que atuaram na FEB na Europa. (<http://www.portalfeb.com.br/relacao-nominal-das-enfermeiras-da-forca-expedicionaria-brasileira/>) Os dados extraídos do livro: Álbum “Fotográfico das FEBIANAS” do Centro de Documentação Histórica do Brasil e Centro de Documentação da II Guerra Mundial “Capitã Altamira Pereira Valadares”. Essa relação pode ser vista no quadro que se segue:

QUADRO 4 - Relação nominal das 73 enfermeiras que atuaram na FEB na Europa

LOCAL DE TRABALHO	NOME
32nd Field Hospital – Platoon “B” – Valdibura – Itália	1 – Altamira Pereira Valadares 2 – Juracy França Xavier 3 – Carmem Bebianio 4 – Jacyra de Souza Goes 5 – Neuza de Mello Gonçalves
16th Evacuation Hospital – Pistoia	6 – Bertha de Moraes 7 – Antonieta Ferreira 8 – Elza Cansação Medeiros 9 – Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero 10- Silvia de Souza Barros 11- Maria do Carmo Correia e Castro 12- Maria Belém Landi 13- Maria José Aguiar 14- Jurgleide Doris de Castro 15- Sylvia Pereira Marques 16 -Novembrina Augusta Cavallero 17 -Elita Marinho 18 -Elza Miranda da Silva

³² (APÊNDICE D)

	19 -Ondina Miranda de Souza 20 -Helena Ramos 21 -Wanda Sofia Magewsky
7th Station Hospital – Livorno	22 – Olímpia de Araújo Camerino 23 – Maria Aparecida França 24 – Ignácia de Mello Braga 25 – Fausta Nice Carvalhal 26 – Lindaura Galvão 27 – Haidée Rodrigues Costa 28 – Acácia Cruz 29 – Alice Neves 30 – Aracy Arnaud Sampaio 31 – Amarina Franco Moura 32 – Elza Ferreira Vianna 33 – Hilda Ribeiro 34 – Ilza Meira Alkmin 35 – Jacy Chaves 36 – Lygia Fonseca 36 – Nícia de Moraes Samapio 37 – Nilza Candida da Rocha 38 – Virginia Leite
Nápoles “S.H.B.” anexa ao 182th – General Hospital sob a chefia do Cel. Médico Dr. Augusto Sette Ramalho. “S.H.B.” anexa ao 35th General Hospital HEADQUARTER BUILDING, sob a chefia do Major Médico Dr. Azais de Freitas Duarte. “S.H.B.” anexa ao 35th FIELD HOSPITAL, sob a chefia do Cap. Médico: Dr. Édson Hypólito da Silva, em SPARANISE, anexa ao DEPÓSITO DO PESSOAL.	40 – Lúcia Osório 41 – Nair Paulo de Melo 42 – Maria Luiza Vilela Henry 43 – Zilda Nogueira Rodrigues 44 – Jandyra Faria de Almeida 45 – Carlota Mello 46 – Edith Fanha 47 – Izabel Novaes Feitosa 48 – Maria Conceição Suarez 49 – Roselys Belém Teixeira 50 – Maria Hilda de Mello
EVACUADAS – Via USA ou BRASIL	51 – Graziela Affonso de Carvalho do 38 th Evac. Hospital PISA 52 – Olga Mendes do 16 th Evac. Hospital PISTOIA 53 – Heloisa Cecília Villar do 7 th Station Hospital LIVORNO

	54 – Lília Pereira da Silva do 300 th General Hospital NÁPOLES 55 – Maria de Lourdes Mercês do 16 Evacuation Hospital PISTOIA 56 – Guilhermina Rodrigues Gomes do 7 th Station Hospital LIVORNO 57 – Maria Celeste Fernandes do 16 th Evacuation Hospital PISTOIA 58 – Mathilde Alencar Guimarães do 7 th Station Hospital LIVORNO 59 – Orminda Célia Barroso do 16 th Evacuation Hospital PISTOIA 60 – Jandira Bessa de Meirelles do 7 th Station Hospital LIVORNO 61 – Gema Imaculata Ottolograno do 16 th Evacuation Hospital PISTOIA
SERVIÇO DE EVACUAÇÃO DE FERIDOS – Via Aérea Nápoles ao Brasil	62 – Maria José Vassimon de Freitas 63 – Dirce Ribeiro da Costa Leite 64 – Joana Simões de Araujo 65 – Lenalda Lima Campos 66 – Sara de Castro 67 – Semiramis de Queiroz Montenegro
As Enfermeiras da “ANA NERY” que serviram junto ao I GRUPO DE CAÇA AÉREO	68 – Isaura Barbosa Lima 69 – Judith Arêas 70 – Antonina de Hollanda Martins 71 – Ocimara Moura Ribeiro 72 – Regina Cordeiro Bordallo 73 – Maria Diva Campos

FONTE: Site “Portal da FEB”. Disponível em: < <http://www.portalfeb.com.br/relacao-nominal-das-enfermeiras-da-forca-expedicionaria-brasileira/>>. Acessado em: 09/04/2016.

Org.: CALISKEVSTZ, V., 2016.

Abaixo, fotografia disponibilizada no *site* mostrando o “Corpo de Enfermeiras da FEB designado para servir num hospital americano atendendo aos doentes e feridos. 16º Hospital de Evacuação, Pistóia-Itália. 10/03/45”. Acervo pertencente ao Museu Casa de Memória dos Ex-Combatentes, mantido pela Associação dos Ex-Combatentes de Brasília.

FOTOGRAFIA 11 - Corpo de Enfermeiras da FEB designado para servir num hospital americano atendendo aos doentes e feridos. 16º Hospital de Evacuação, Pistóia-Itália. 10/03/45



FONTE: Site "Portal da FEB". Disponível em: < <http://www.portalfeb.com.br/relacao-nominal-das-enfermeiras-da-forca-expedicionaria-brasileira/>>. Acessado em: 09/04/2016.

Uma das características do site "O Portal da FEB" é a contribuição das pessoas com informações opiniões, principalmente em seu campo de comentários³³. Sobre essa postagem, relacionada às enfermeiras inúmeras solicitações foram surgindo, complementando o conteúdo do mesmo. Os comentários sempre vão se complementando e tornam-se uma rede social de familiares dos veteranos brasileiros. Assim como em outras análises, o posicionamento de indignação pela perda da memória nacional relacionada aos feitos da FEB são os comentários mais constantes.

Construída segundo interesses brasileiro e americano a FEB foi desmontada antes mesmo de seu retorno ao solo brasileiro. A FEB foi um instrumento político do

³³ (APÊNDICE E)

governo de Getúlio Vargas, e como instrumento foi descartado. O que restou foi além de pracinhas desamparados, que morreram antes mesmo de ter seus problemas resolvidos, ou que viraram velhos aleijados, traumatizados, desprovidos de seus direitos já assegurados, são então somente lembrados e reconhecidos por certa parcela da sociedade que ainda se identifica e cria mecanismos de valorização institucionais e muitas vezes próprias como forma de preservar as memórias desse período da história nacional, feita para não ser lembrada desde sua criação.

CAPITULO 4

PATRIMÔNIO CULTURAL MILITAR: ALGUNS EXEMPLOS DE EXPOSIÇÃO EM ESPAÇOS DE MEMÓRIA

O contexto da 2ª Guerra Mundial não só para o Brasil, mas para o mundo, assim como os participantes desse episódio, se faz presente na memória de uma parcela da sociedade atual e apresenta elementos que são pilares para a identificação de elementos patrimoniais culturais, sejam eles: memória e relatos, simbolismo social, forte representatividade, acervos particulares, reconhecimento de acervos em museus.

Oliveira (2011), vinculado a um grupo de pesquisa paranaense, apresenta estudos sobre o processo de reintegração social dos ex combatentes de guerra no estado do Paraná, no qual questões de ordem social, política e de saúde física e mental são abordados, mostrando que o estado direciona pouca atenção a essa categoria, com forte representatividade social. Além disso, o autor afirma que a temática específica de ex-combatentes de guerra, com foco no seu papel no pós-guerra, recebe pouca atenção acadêmica ficando no plano das causas e efeitos dos conflitos.

Nesse sentido, o autor afirma que:

A história e a memória dos eventos relativos à participação do Brasil no conflito tem reconhecidamente um impacto substancial na cultura política do pós-guerra, e isso tem ajudado a atrair o interesse dos pesquisadores para o tema da reintegração social dos ex-combatentes (OLIVEIRA, 2011, p.10).

Em suas pesquisas, Oliveira (2011) constata que a preocupação com essa categoria no pós-guerra transformou-se numa batalha em solo brasileiro, onde as dificuldades de assistência social enfrentadas por eles levaram milhares de ex-combatentes a mendigar por ajuda ao Estado que defenderam.

A luta por reintegração social e direitos políticos e reconhecimento social também é tema de pesquisa de Silva (2012), no qual o autor aborda os espaços de memórias (museus) construídos em homenagens a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial. Para o autor, a luta dos ex-combatentes se transformou em uma forte identidade social da categoria, denominada pelo autor de “Identidade Febiana”, principalmente durante a década de 1980 a 1990, onde várias conquistas foram alcançadas, tais como: pensão, direito de participar em desfiles cívicos e inúmeras instituição de museus. O autor afirma que o movimento de reconhecimento social da categoria já havia iniciado em 1948, no Rio de Janeiro, com a construção Associação Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil. Outras iniciativas de reconhecimento pelo país, assim como as conquistas da categoria, são apresentadas pelo autor, o qual defende que a “Identidade Febiana” foi construída coletivamente, constituindo e representando o grupo social dos ex-combatentes.

Ligados ao Patrimônio Militar, o Brasil apresenta alguns caso de espaços de memórias e museus relacionados à temática da FEB. Para Gomes (2011, p.307) o espaço é considerado resultado materializado de um processo histórico, com dimensões reais e físicas, mas também construído através de simbólicas que associam sentidos e ideias. Assim, Gomes (2011, p.312) afirma que

A representação espacial significa, aqui, mais do que uma simples indicação da localização dos fenômenos; ela permite, com efeito, resgatar a inteligibilidade que os fatos espaciais adquirem quando são compreendidos a partir de seus contextos próprios (Gomes, 2011, p.312).

Para Massey (2012, p.29), o espaço é um produto de “inter-relações” em diferentes esferas e escalas, condicionante de relações sociais plurexistenciais e em constante construção. Em outra análise mais geral sobre o espaço, a autora traz Kant para afirmar que “o espaço e o tempo são categorias *a priori* que nós impomos ao mundo” (MASSEY, 2012, p.91). Para a autora, pensar o espaço em suas diferentes dimensões e esferas, leva a uma nova forma de educação política, visto que essa dimensão jamais pode ser descartada, assim como a econômica e sociocultural. Assim, a produção espacial depende de diferentes elementos, mas um

dos principais condicionantes são as identidades, as entidades sociais e as relações entre esses, construídas num processo conjunto. A isso, dar-se o exemplo das nações, enquanto identidades construídas espacialmente, as quais incluem sempre subjetividades políticas, “são reconceitualizadas em termos relacionais” (MASSEY, 2012, p.31), relação (e capital) enquanto dimensões que jamais podem ser deixadas de lado no processo interpretativo de qualquer espaço.

Enquanto espaços forjados pela ideia nacionalista, Anderson (2008, p.246) aponta que toda forma de museu e imaginação museológica são profundamente uma herança política em andamento. Concebido através de investimentos do Estado, os museus no oriente, no século XIX, mostra que os trabalhos se concentravam na restauração de monumentos imponentes, ligados ao poder do Estado. Enquanto estratégia de consolidação nacionalista, esses monumentos era mapeados e apresentados à população, numa forma de fazer com que essa, absorvesse a ideia de tesouros nacionais. As características dos museus no cenário oriental e Europeu se configuram como “repositórios de insígnias do Estado” (ANDERSON, 2008, p.250). Tem-se então

Monumentos cercados de gramados elegantes traçados, sempre com placas explicativas, cheias de datas, dispostas aqui e ali. Além disso, foram feitos para permanecer vazios ou com meia dúzia de turistas perambulando (na medida do possível, nada de peregrinações ou cerimônias religiosas) (ANDERSON, 2008, p.250).

Dessa forma, os museus, juntamente com os mapas e o censo, são colocados pelo autor como os principais instrumentos de domínio e formação de um pensamento nacionalista pelo Estado, advindo das “tecnologias de navegação, astronômica, horologia, topografia, fotografia e impressão gráfica, impulsionados pelo capitalismo” (ANDERSON, 2008, p.254). Toda forma de registro realizada com objetivos ideológicos nacionalistas era uma forma de mostrar ao coletivo a história e a grandeza dos feitos de seu país, assim os museus se transformaram numa narrativa cultural.

No Brasil, o número de museus atualmente ultrapassa os 3 mil registrados. Para Abreu (2006) museus são espaços de memória, assim como “arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, rituais, cultos aos mortos”, que buscam um resgate dos laços de continuidade (ABREU, 2006, p.66) ao discutir se o país estava sofrendo de uma síndrome de museus, coloca que até o ano de 1922 os museus eram raros, existindo apenas 3, de caráter enciclopédico: Museu Paraense (Belém), Museu Paulista (às margens do Rio Ipiranga) e o Museu Nacional (RJ) considerado o maior do país, localizado na então capital federal. Esse museu teve como principal idealizador, Gustavo Barroso o qual buscava constituir um espaço “onde se pudesse reunir acervos para ensinar o povo a amar o passado, os objetos de toda sorte que ele representa” (DUMANS, 1947 *apud* ABREU, 2006, p.55). Após esse período, os museus começaram a surgir em várias partes do país. A autora cita a edição de 1992 do “Jornal do Brasil”, que levanta o problema da proliferação desses espaços enquanto um problema de falta de gestão e de políticas culturais mais definidas. Os museus eram nessa época, uma espécie de “depósitos ordenados de uma cultura material fetichizada e submetida a uma lógica evolutiva” (ABREU, 2006, p.51). Comparar, classificar e concluir eram as grandes metas dos pesquisadores estrangeiros que utilizavam-se dos museus daqui como laboratórios de coletas de informações sobre as terras exóticas do Brasil. Contudo, no final do século XIX, esse cenário foi se alterando, com a mudança de foco adotada pelos novos museus e por pesquisadores ligados a eles, agora a busca era mostrar o local. Diferentemente do cenário europeu, onde os museus tinham raízes nacionalistas, no Brasil, os primeiros museus buscavam a cientificidade naturalista, mesmo que exportada pelos cientistas estrangeiros. A primeira busca de consolidação nacionalista ligada a acervos foi a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, na época do Império. Sua função era forjar a história brasileira com uma atuação “iluminada, esclarecida e civilizada” (ABREU, 2006, p.52), na busca pelo progresso.

Buscava-se entender as especificidades nacionais para criar uma identidade que desse conta da totalidade cultural, que mostrasse a história, a arte e o folclore nacional. Nesse processo, empregou-se vários elementos, tais como, o processo de branqueamento, a discriminação das raças através da ideia de miscigenação e

implantação de símbolos que se cultivaram com na mentalidade coletiva, ou seja, a identidade nacional deveria ter a essência da elite branca. Mas como não havia material didático suficiente para a transmissão de uma visão histórica e geográfica do país, alguns intelectuais burgueses passaram a cogitar políticas culturais ligadas a educação nas escolas, assim como a criação de símbolos, que ao serem adotados pela população, geraria uma adesão coletiva ao projeto de uma nação soberana. A autora cita alguns dos principais intelectuais desse movimento: Gustavo Barroso, ligado ao Museu Nacional e Mário de Andrade, o qual deu as bases para as primeiras políticas públicas culturais e para o surgimento do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), fundado em 1937, no governo de Getúlio Vargas, passando em 1957 ao atual IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Esse órgão tinha como objetivos o mapeamento e a preservação do patrimônio nacional, restaurando os monumentos ligados a história do país, e a transformação dos museus para ações educacionais. A isso, Abreu (2006, p.54) cita o trecho da carta enviada por Paulo Duarte a Mário de Andrade: “Museus à moderna, museus vivos, que sejam um ensinamento ativo”. Essa nova configuração vai contra a ideia adotada até então pela elite, onde impunha a população, símbolos e alegorias que supostamente representavam um país de exuberante natureza e povo pacífico e ordeiro. Esse novo movimento cultural-ideológico pautava-se nos ideais Iluministas, onde somente pela razão seria possível a criação de uma integração nacional, buscando educar o povo através de materiais didáticos, mapas e painéis que pudessem representar as diversas expressões da cultura nacional. As novas políticas de museus direcionam ao Estado as funções de responsabilidades pela preservação e valorização dos acervos patrimoniais. No entanto, esses projetos só foram acatados e implantados, porque os idealizadores tinham acesso ao poder executivo nacional, segundo Abreu (2006, p.54).

Nesse período, o Museu Nacional funcionava como escola de formação de Museologia, e mesmo as ações desse novo movimento indo contras a ideologia postulada pela monarquia, Barroso conseguiu fazer a política da boa vizinhança e até arrecadar verba para a manutenção de espaço, colocando dentro do museu os símbolos do período imperial brasileiro. Essa estratégia buscava alcançar os proprietários de grandes e valiosos acervos e obras de arte. Assim, projetou-se no espaço do museu, a história de muitas famílias que, supostamente, construíram a

nação, e que mereciam ser cultuadas pelo povo.

Nesse momento entra em cena Rodrigo de Mello Franco, mentor do então SPHAN, o qual postulou ideias para as novas políticas de patrimônio cultural baseadas na visão de que os museus deveriam contar a história nacional, educando o povo rumo ao progresso e a civilização, onde os “objetos, as casas, as igrejas, enfim, a cultura material a ser preservada relacionava-se intimamente com essa construção histórica” (ABREU, 2006, p.56). Surgem nesse cenário, as chamadas Casas de Memória, ligadas a personalidades ilustres e os primeiros museus regionais, não mais orientados pelo Museu Nacional, mas agora pelo SPHAN, dentre eles destacam-se: Museu de Belas Artes (RJ), Museu das Missões (RS), Museu da Inconfidência e o Ouro (MG), Museu Imperial e Museu do 1º Reinado (RJ). Contudo, diante da expansão do número de museus, o grupo denominado de Folcloristas, percebe que esses museus não representavam o povo. Cria-se então, em 1942, o Museu Ergológico, buscando mostrar as manifestações tradicionais e primitivas do povo. Mas como falar dessas manifestações sem o papel das elites construtoras na nação. A isso, tem-se a união em um único espaço as duas partes que constituíam o país, representada pela cultura erudita e a cultura popular. Do acervo popular, o museu buscou mostrar os “saberes” na forma de arte cotidiana. Dentre os nomes envolvidos nessa proposta destacam-se Gustavo Barroso, Renato Almeida e Cecília Meireles, direcionando esforços para a consolidação de um Distrito Federal de Museu Folclórico Nacional. Mas diante de uma cultura já definida pela elite, tais propostas não foram acatadas, ficando esse projeto restrito a um espaço de duas salas na sede do Palácio do Catete (RJ), antiga sede do governo federal, juntamente com o Museu da República, que nesse momento é transferida para a nova capital. Com esforços diplomáticos, Renato Almeida distribui nesse espaço o acervo que representaria toda a cultura popular nacional. Abreu (2006, p.56) atribui esse movimento de busca pela cultura popular ao ocorrido na Europa do século XVIII e XIX, onde os intelectuais foram os responsáveis pela criação da chamada cultura popular no processo de formação das nações modernas, baseados na pluralidade consentida e controlada, levando a ilusão de diversidade cultural, mas que os nomes e tudo que pudesse criar diferenciações fosse abolido, criando assim, uma internalização de geral e do coletivo, onde a cultura popular de um fosse a cultura nacional de todos.

Com bases no Romantismo e no Iluminismo, as bases desse movimento folclorista brasileiro era o purismo, o primitivismo e o comunitarismo (ABREU, 2006, p.57). Baseado nisso, o museu de Folclore buscava mostrar a imagem construída de um povo através de uma seleção de acervos, que representava as formas do povo pensar, agir e sentir. A união desse museu com o Museu Nacional representava, na visão de Abreu (2006, p.51) uma estratégia pós guerra de pacificação nacional, o que leva a autora a concluir que as políticas de museu no Brasil se firmaram em bases ideológicas sempre dicotômicas (na busca pela construção de uma imagem representativa para a elite e outra para o povo), acertadas no jogo político entre as elites e a burguesia intelectual, onde a proliferação dos museus temáticos, como passou a ser comum, pode levar a banalização da memória e a essência do museu.

A isso Abreu (2006) acrescenta que diante da constante aceleração da transformação social, pensar somente essa dicotomia não representa (se é que representou) a complexidade nacional. Não há como excluir o surgimento de novas configurações culturais (urbana, de massa, virtual). As formas de culturas tidas como “autênticas” não tem mais sentido diante do encurtamento das distâncias, promovidos pelos meios de transporte e comunicação. Enquanto possível compreensão do que chamou de Síndrome de museus, e do surgimento de novas formas de cultura, Abreu (2006) atribui ao processo de individualismo, caracterizado pelo modernismo, o qual tende a romper com a continuidade da coletividade, sendo fenômenos que se espalham pela sociedade mundial. Outro ponto levantado pela autora, diz respeito as mudanças ocorridas nas ciências sociais, através de diversificados estudos sobre as novas configurações sociais pode ter influenciado as ideologias ligadas à construção desses novos espaços de memória. Junto a isso, há também uma tomada de consciência das políticas culturais, que mudam diante de um Estado em crise, que negligencia o setor cultural a ponto deste ser atualmente o que menos recebe recursos quando analisado em escala municipal.

O cenário atual dos museus tende a enclausurar as memórias em espaços singelos, visto por muitos como depósitos de velharias, tendo essas, menos lugar na sociedade moderna do que tinham nas sociedades passadas, perdendo aos poucos sua função transmissora, num processo descrito por Candau (2014, p.188), onde afirma “que é mais fácil assinalar a perda de ordens tradicionais, do que perceber a

emergência de novas”. Logo o surgimento de novas construções de espaços memoriais, utilizando-se principalmente de novas formas de tecnologias, como a *internet*, são realidades postas. Diante de um possível esfacelamento do sentido nacionalista, o momento atual, pautado na globalização e as novas configurações sociais que se ligam por redes de comunicação, apresenta um cenário de construções identitárias que pegam carona nessas novidades, como forma de manter-se vivas ou “retotalizarem-se” (ABREU, 2006, p.65), materializando-se em espaços virtuais, construindo um novo conceito de espaços de memória.

Dados de documentos recentes do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) (BRASIL, 2010; 2015) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) mostram que está havendo aumento na quantidade e na diversificação das atividades dos museus pelo Brasil, quando comparados a uma década atrás. Nos documentos do IBGE, os museus estão presentes em todas as regiões do país, mas é o equipamento cultural menos atrativo para o público. O equipamento museu aparece como item sem qualquer classificação temática ou segmento, sendo a metodologia expositiva itinerante um subitem de estratégia, ação ou meta. O IBRAM promove anualmente duas principais atividades em todo o país, a Primavera dos Museus e a Semana de Museus, as quais têm maior número de visitantes e são avaliadas a cada ano. Contudo, em pesquisas recentes, menos de 50% dos museus cadastrados participaram da última pesquisa realizada, dos quais a maioria é museu municipal e museus tradicionais se destacam. As principais dificuldades de realização das atividades encontram-se nos recursos humanos e financeiros, pois, mesmo com voluntários e recursos oriundos de diferentes fontes, as instituições fecham as atividades com prejuízo.

Visto que o principal ingrediente de construção do imaginário nacional encontra-se no campo simbólico, esse está sempre sujeito a sofrer constante estímulo de mudanças, principalmente diante de novas tecnologias de informação. O processo de resistência dos antigos espaços de memória vive na corda bamba das mudanças sociais, visto que esses possui uma dependência direta com o sentimento da sociedade. A isso se vê muitos exemplos de museus que ao manter-se numa configuração tradicional, não possuem público, caracterizam-se como depósitos de velharias que somam gastos as cofres públicos, ou que fecham as

portas ou fecham-se dentro das instituições das Forças Armadas. A esses exemplos, pode-se citar grande parte dos museus militares, ligados a FEB.

QUADRO 5 – Museus e monumentos da FEB

CATEGORIA	LOCAL	SITUAÇÃO
Museu da FEB em Campo Grande	MS	Inativo
Museu do Expedicionário	Curitiba-PR	Ativo
Museu da FEB José Maria da Silva Nicodemos	Juiz de Fora-MG	Ativo
Museu da FEB em Belo Horizonte	MG	Ativo
Museu da FEB em Petrópolis	RJ	Ativo
Museu da FEB em São Gabriel	RS	Ativo
*Museu da FEB em São Joao Del Rei	SP	Ativo
Museu Conde dos Arcos	RJ	Ativo
Museu de Jaraguá do Sul	SC	Ativo
Forte Copacabana – Monumento aos Mortos da FEB	RJ	Ativo
Museu de Montese	Itália	Ativo
Museu de Gaggio Montano (particular)	Itália	Ativo
Acervo Histórico do Monumento Votivo	Pistóia - Itália	Ativo
* Museu do 9.º Batalhão de Engenharia	Aquidauana - MS	Ativo
* Museu do 6.º BI	Caçapava - SP	Ativo
* Museu do 62.º BI	Joinville -SC	Ativo
* Museu do 20.º BIB	Curitiba - PR	Ativo
* Museu do 5.º RCC	Rio Negro - PR	Ativo
* Museu do CMC	Curitiba - PR	Ativo

FONTE: Portal da FEB <www.portalfeb.com.br>

Org: CALISKEVSTZ, 2015.

*Museus dentro de Batalhões.

Silva (2012) ao analisar espaços de museus urbanos sobre as FEB constata que o objetivo desses, é preservar a memória dos feitos da FEB e despertar as lembranças dos próprios ex-combatentes, como de famílias e agentes envolvidos nesse fato histórico. O autor se propõe a explicar como se dá à elaboração dos espaços de memória e de patrimônio histórico sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial do ex-combatentes, estudando o “Comando Militar do Oeste e a 9ª Região Militar a permissão da constituição dos Museus da FEB² nas cidades de Campo Grande e Aquidauana no Estado de Mato Grosso do Sul, na década de 1990. Como fonte de patrimônio cultural, a autora pesquisa o “Museu da FEB na cidade de Campo Grande e o segundo, o Museu Marechal José Machado

Lopes, localizado dentro da Unidade Militar do 9º BE Cmb3 na cidade de Aquidauana”.

Segundo Silva (2012, p.01),

ambos os museus pretendem resgatar e preservar a memória e os feitos militares que envolveram realizados pelos cidadãos-soldado, chamados hoje de ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira da Segunda Guerra Mundial, força que desenvolveu os seus combates em território italiano entre os anos de 1944-1945 (SILVA, 2012, p.01).

O autor ainda afirma que esses espaços de memórias servem como despertadores de lembranças e vivências dos ex-combatentes de guerra. O processo de reconhecimento social do papel desses combatentes teve início nas décadas de 1980 e 1990, através de iniciativas como conquistas da instituição de uma pensão e o direito de participar em desfiles cívicos, e instituição de museus, lugares estes que se preocuparam em preservar todas as suas memórias de guerra, enquanto participantes de um acontecimento histórico mundial, assim, a autora afirma que esses espaço buscam mostrar a todos os visitantes destes locais, “uma maior compreensão histórico dos efeitos negativos e positivos que o Brasil teve com a sua participação no conflito da Segunda Guerra Mundial” (SILVA, 2012, p.02).

Para Silva (2012), foi na década de 1980 e 1990, que se intensificou o processo de reconhecimento social dos “ex-combatentes” da 2ª Guerra Mundial e desenvolvimento de um processo histórico de formação de uma identidade, enquanto “febianos”, a qual está fortemente consolidada, através da constituição da Associação Nacional dos Veteranos da FEB e da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, entidades que possuem sedes espalhadas por o todo o país.

Mas para o autor, esse movimento de reconhecimento social teve seu começo em já em 1948, quando foi criado na cidade do Rio de Janeiro, a Associação Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil. Dirigida num primeiro momento por praças e oficiais da reserva do Exército brasileiro e com seções constituídas em vários Estados do Brasil - inclusive em Mato Grosso do Sul, cuja seção regional, localiza-se na cidade de Campo Grande, foi fundada em 1947. Essa associação não distinguia os combatentes diretos e os que ficaram em solo nacional. Por isso em

1970 foi criada uma segunda entidade, a Associação Nacional dos Veteranos da FEB. Essa tinha por finalidade promover a luta pela conquista dos direitos dos ex-combatentes perante o Estado brasileiro, além do reconhecimento e a preservação da memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Na década de 1970, Rosa (2010, p.98) afirma que houve um movimento de solicitação do ex-combatentes a eventos comemorativos, e abertura dos quartéis para visitação pública.

Em fins da década de 1970 e décadas posteriores, inicia-se o processo de solicitação da presença dos ex-combatentes em formaturas dentro dos quartéis, conforme afirmações prestadas nas entrevistas com veteranos de guerra. Esse procedimento ajudou a divulgar, tardiamente, os feitos dos ex-combatentes, levando essas informações, de uma forma lenta para o meio social. Essas participações em formaturas perduram até a atualidade, nas quais são realizadas homenagens, sendo ordenado sempre que há presença de um ex-combatente, que seja dado o toque a clarim de: “*ex-combatente presente*”.

Esse procedimento participativo, dentro dos quartéis, pode ser alvo de uma pesquisa futura, a qual vise buscar uma compreensão sobre a tentativa de aproximar a sociedade dos soldados que representaram o país em campo de batalha e em que aspecto isso contribui no processo de preservação da historiografia da FEB. Esse novo foco poderia possibilitar um resgate da memória da Força Expedicionária, uma vez que, na atualidade, há uma grande preocupação por parte das autoridades militares em levar a sociedade para dentro dos quartéis, e realizar uma divulgação das atividades desempenhadas pelas Forças Armadas. Essa abertura ao público externo tem como finalidade estreitar os laços entre o meio social e o meio militar. Grande parte dos acervos históricos, que preservam a memória da FEB, encontram-se em pequenos museus montados dentro dos quartéis. O contato da sociedade com esses pequenos espaços desperta interesse por parte daqueles que desconhecem esse momento histórico. Possibilita que sejam estimuladas leituras de obras que abordem essa historiografia. Esses espaços têm uma concentração de maior acervo dentro das unidades que participaram do contexto da Segunda Guerra, como o 1º RI, 6º RI, 11º RI, o Batalhão de Engenharia, hoje com outras denominações, porém como as mesmas localizações (ROSA, 2010, p.98).

Somando-se a essas, outras formas de manifestações relacionadas ao movimento de apoio e preservação da memória a FEB, surgiram desde 1945: ANVFEB (Associação Nacional dos Veteranos da FEB) – Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (CE) e Recife (PE); Casa de FEB (RJ); Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (SP); Associação de Campinas (SP); Associação de Petrópolis (RJ); Associação de Florianópolis (SC); 19 museus espalhado pelo território nacional e na Itália; Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar (CEPHiMEX); Revista

Militares e Política, e várias casas de apoio que acabaram se transformando em museus; *sites*: Portal da FEB, “Ecos da Segunda Guerra”, além de inúmeros *Blogs*.

Se “as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir” (SANTOS, 1987, p.17), parece compreensível que com o advento de inúmeras tecnologias de informação, a sociedade projete suas identidades e seus valores simbólicos a novas configurações, como por exemplo, os espaços virtuais³⁴. Esses se afirmam enquanto realidades materializadas nas mais diversas camadas sociais, e subjetivamente, nos comportamentos cotidianos dos indivíduos, não sendo possível, sua negação ou indiferença, essas não pode mais ser vistas como algo sem importância, elas “têm de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior” (HALL, 1997, p.06).

Hall (2006) identifica a cultura enquanto ação social, um conjunto de códigos com significados que dão sentido a essas ações. A cultural, na visão do autor vem assumindo novos sentidos a partir do século XX, principalmente relacionada às “estruturas e organizações das sociedades”, definida por ele como “modernas e tardias”, onde “os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação”. Um dos principais elementos apontados por Hall (1997, p.02) no processo de mudança é mídia, enquanto detentora das informações (que são trocas econômicas), “conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e *marketing* de produtos e ideias”, um verdadeiro mercado global. Assim, para o autor, os padrões estéticos e os produtos culturais não podem ser comparados “em termos de valores” a outros momentos históricos. Num mundo globalizado, o mercado global, como citado acima, constitui-se por novas formas de tecnologias, que desencadeia novas concepções de tempo e espaço, gerando mudanças em todas as esferas de relacionamento sociais. Como principal exemplo citado pelo autor, está o virtual, enquanto espaço de relações, condutores de novas relações de

³⁴ Apresenta-se muito extensa a abordagem aqui, a cerca de uma aproximada explicação acerca dos elementos que despertam a atração dos indivíduos pelo espaço virtual: acesso rápido, praticidades, aspectos atrativos, questões econômicas, quantidade de informações, etc.

capital, esses novos “sistemas nervosos” criam uma nova concepção de tempo e espaço, transformam os modos de vida das sociedades mais variadas, e dão origens a novas formas de cultura.

Justificando seus argumentos, Hall (2006) coloca que as novas mídias eletrônicas possibilitam a expansão das relações sociais pelo tempo e espaço, aprofundam as formas de conexão global, anulam as distâncias entre pessoas e lugares, criando novas formas de contato intenso, imediato, presente, e global, sem deixar a conexão com o local, que passa a não ter mais uma identidade fechada, mas sim uma identidade ligada ao global. Identidades essas que são reafirmadas ou assumem novas roupagens diante de embates de culturas diferentes, num movimento que não se restringe na troca “do velho pelo novo”, mas surgimento de “algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas, mas não redutíveis a nenhuma delas” (...) “O próprio ritmo e a irregularidade da mudança cultural global produzem com frequência suas próprias resistências” (HALL, 1997, p.04) num movimento dialético que dá origem às renovações identitárias, constituídas por elementos materiais e subjetivos do passado e do presente.

Como se apresenta como uma nova ordem social, extremamente recente, o estudo de comunicação e interação social através do virtual, qualquer estudo científico se apresenta de forma de processo de descoberta, jamais finalizado e conclusivo. Massey (2012, p.33) enfatiza a necessidade de olhar a “representatividade” dos fenômenos enquanto “trajetória” no tempo/espaço, pois, sendo “uma coisa viva, uma atitude científica, uma coletividade, uma convocação social”, eles estão em constante transformação, assumindo novas posturas, roupagens, adaptando-se às novas ordens sociais, mas sempre na busca pela sobrevivência e pelo reconhecimento (mesmo que esse se dê no campo do não esquecimento).

Um dos principais embates e discussões sobre a temática das relações sociais através da rede de internet se faz diante da questão, trazida por Castells (1999, p.442): se a internet favorece a criação de novas comunidades, as chamadas comunidades virtuais, ou se essa, ao contrário, induz a sociedade a um isolamento entre pessoas e o mundo? Em seus argumentos, o autor coloca que, as pessoas tendem a se reunirem, num espaço virtual em torno de valores e interesses comuns,

que acarreta em novas formas de identidades, que são reforçadas pelos pares e pelos embates. Ao citar Rheingold, Castells (1999) comenta que

Em geral entende-se que comunidade virtual, é uma rede eletrônica autodefinida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comuns, embora a comunicação se torne a própria meta. Tais comunidades podem ser relativamente formalizadas (...), ou formadas espontaneamente por redes sócias que se conectam a rede para enviar e receber mensagens no padrão de horário escolhidos (CASTELLS, 1999, p. 443).

Diante disso, o autor afirma que não está claro o grau de sociabilidade que ocorre nessas redes eletrônicas, e quais são de fato as consequências culturais dessa nova forma de sociabilidade, contudo, não se pode negar que há sempre um movimento constante de sobrevivência dos fenômenos sociais, que tendem a novas adaptações, novas roupagens, que exigem novas interpretações, para jamais afirmar que os novos meios de comunicação sociais, mesmo diante de uma característica pouco sentimental (em termos de isolamento), não possuem sentido. A esse respeito, pode-se observar os museus virtuais, os quais possuem além dos já conhecidos objetivos de valorização da memória e reconhecimento da sociedade enquanto parte do patrimônio ali apresentado, buscam um acesso maior de visitantes através de novas formas de atração, preservação e disseminação das heranças culturais, criando um novo embate entre as velhas estruturas de preservação (físicas e ideológicas – museus, leis, normas) e as novas maneiras de preservação.

Enquanto escolha de análise do patrimônio cultural da FEB, tem-se como foco os espaços de memória: físicos e virtual: o primeiro é o Museu do Expedicionário de Curitiba (PR), situado na Praça do Expedicionário, na cidade de Curitiba (PR), já foi um local de apoio e assistência aos ex-combatentes de guerra, sempre administrado pela Legião Paranaense do Expedicionário (fundada em 1946), sendo configurado como museu no ano de 1980. Projetado por Euro Brandão, o espaço possui 1.264 m², o qual guarda acervo documental (fotografias, documentos, filmes, mapas, livros, ilustrações) e artefatos referentes à 2ª Guerra Mundial. Em seus períodos mais interativos, a administração do museu realizava exposições

itinerantes, com acervos menores, levados pelo país, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Esse projeto iniciou-se em 1996, incentivado pelo pracinha Thomas Walter Iwarsen, mas com sua morte, as atividades se encerraram no ano de 2001. Atualmente é considerado o mais moderno, completo e atualizado do país, com significativo acervo interno e externo. Como parte do prédio, essa praça apresenta 3 monumentos ligados às Forças Armadas: uma âncora, um tanque de combate e um avião Thunderbolt P-47D. Este de fabricação americana e integrou o 1º Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira e participou na Itália do maior número de missões, pilotado pelo 1º Ten. R-2 Alberto Martins Torres, segundo dados do museu. No alto da edificação há uma escultura em pedra sabão de autoria de Humberto Cozzo, representando uma patrulha de infantaria em ação.

FOTOGRAFIA 12 – Museu do Expedicionário – Curitiba / PR.



FONTE: Disponível em: Portal da FEB <www.portalfeb.com.br>. Acessado em: 08/09/2014.

FOTOGRAFIA 13 – Placa com nomes dos soldados paranaense mortos em combate na Itália, em frente ao Museu do Expedicionário – Curitiba / PR.



FONTE: CALISKEVSTZ, 2014.

O museu recebe visita de escolas, pesquisadores, e familiares de ex-combatentes. Em entrevista com José Quinquino, funcionário há 30 anos no museu, o mesmo comentou sobre as várias mudanças ocorridas no funcionamento do espaço ao longo do tempo. As reuniões dos pracinhas tinham cada vez menos integrantes. Os churrascos realizados por eles deixaram de ser frequentes, mostrando que o tempo pouco a pouco os retirou do espaço do museu.

Quando perguntado sobre o que os pracinhas representam para o museu, seu José respondeu que esses são mais que parte do museu, eles são o principal patrimônio ali. Quando indagado sobre o futuro do museu sem os pracinhas, esse acredita que as famílias dos expedicionários, juntamente com a Legião dos Expedicionários, que administra o espaço, darão continuidade as atividades do museu, reconfigurando-o, já que por enquanto ainda o museu divide atenção com a presença de alguns ex-combatentes, mas que o museu nunca será o mesmo sem a presença diária dos pracinhas.

Seu José contou que passou um bom tempo da vida ouvindo histórias, mas

pontuou que essas não eram sobre os combates violentos, pois muitos pracinhas se recolheram dentro de si, não conseguindo expor suas experiências. As histórias eram das mais variadas, “bagunças e farras”, por exemplo, como colocadas pelo seu José. Quando indagado sobre a grande valorização que os pracinhas recebem da Itália, ele esclarece que o estado brasileiro deu apoio, mas nunca se preocupou em valorizar a participação do Brasil na guerra ao longo do tempo, pois uma grande parcela da sociedade atual não lembra ou nem sabe que o Brasil fez parte desse evento, principalmente nas grandes cidades, onde o tempo rápido nos modos de vida se faz mais presente, quando comparado às cidades interioranas, onde é comum todos conhecerem todos. Uma das atrações desse espaço é a presença quase diária de ex-combatentes, como afirmou seu José – “Eles são a atração do museu”. A presença se intensifica nas quarta – feira, onde pelo menos dez pracinhas reúnem-se no espaço do museu para conversar. Em uma das visitas para coleta de dados ao museu, um ex-combatente da marinha, estava presente, contando suas histórias aos visitantes. Esse senhor, com 91 anos, é natural de Natal - RN, e mora em Curitiba - PR a mais de 15 anos. Nunca deixou de frequentar o museu. E sempre aborda os visitantes com suas histórias de vida e luta. Sempre há nesse espaço, comemorações e condecorações aos que ainda estão vivos.

O segundo espaço de memória analisado é o “Portal da FEB”, também considerado um museu pelo idealizador e organizador desse, é o “Portal da FEB”, criado em 2010, é um dos mais importantes museus virtuais do Brasil. Esse já recebeu o acesso de mais de 30 mil pessoas que de alguma forma estão ligadas aos Expedicionários da 2ª Guerra Mundial. O acervo é construído constantemente pelas pessoas que acessam o site, compartilhando mais que as próprias histórias, elas criam um acervo patrimonial pouco visto em museus físicos. No portal, cada expedicionário recebe significado e valorização própria. O “Portal da FEB” materializa num espaço virtual toda a representatividade, valorização e sentimento de familiares, admiradores e pesquisadores dessa categoria, mostrando que eles são “especiais”, e permanecem vivos na memória social nacional. Esse se destina unicamente a valorização da categoria.

FIGURA 4 – Print Screen do site Portal da FEB



FONTE: Disponível em: Pontal da FEB <www.portalfeb.com.br>. Acessado em: 08/09/2014.

Em conversa com o organizador e administrador do site Derek Destito Vertino, pela rede social *Facebook*, algumas questões foram realizadas sobre o papel do Pontal da FEB para a valorização da memória da categoria:

1 - você acha que a valorização dos expedicionários é mais forte nas redes sociais, como o “Portal da FEB”, *blogs* e outros espaços, quando comparado com a valorização material-física dada através dos museus físicos, praças e monumentos urbanos? Você classificaria o portal como um museu *online* desse patrimônio?

“Sem dúvida, eu sou o organizador da página, mas os internautas são os colaboradores, lá temos filhos de expedicionários, pesquisadores, jornalistas e militares que entram em contato para divulgar as suas monografias, teses, documentários ou livros, é como se fosse a Wikipédia, mas passa por mim antes, são 850 artigos no site, eu escrevi no máximo uns 10 ou 15, daí você vê a importância do internauta”, no Facebook as colaborações são ainda maiores com notas de falecimentos e textos menores, e o público é específico, temos quase 30.000 fãs dentro de uns 4 anos de trabalho.

2 - E desses 30 mil “fãs” todos tem relação direta com os expedicionários?

“é um público variado, depende do interesse, às vezes é um escritor pedindo espaço, ou o parente de um expedicionário compartilhando a biografia do veterano ou nota de falecimento dele. Nós temos os gastos com hospedagem e domínio do site. As pessoas compram as nossas camisetas e ainda enviam fotos vestindo-as como garotos propaganda para ajudar a vender mais ainda”.

Após essa conversa, foi realizada uma enquete³⁵ no dia 8 de junho de 2015, sobre a importância do Portal da FEB e postada (postagem permanente) na página do Portal da FEB, hospedado no Facebook. Nessa enquete algumas questões relacionadas ao portal foram feitas, e foram somadas postagens de 19 internautas diferentes, com 81 curtidas e 21 compartilhamentos, sendo que varias não responderam na ordem das questões, sintetizando muitas de suas repontas:

- Qual é a sua opinião sobre as postagens do Portal FEB?

- De grande valia pelo resgate histórico.

- As postagem são excelentes para pesquisar e divulgação da FEB e valorizar os nossos verdadeiros heróis.

- São postagens que elevam e não nos permitem esquecer quem foram esses homens e sua grandiosa missão no mundo. Com postagens ativas, imagens, links, vídeos e etc, mantém o internauta conectado com o passado dos heróis e com o "atual" dos heróis..

- as postagens são grandiosas num sentido moral e histórico! Aprecio muito!

- Acho as postagens da maior relevância, pois são troca de experiências e recordações de filhos, sobrinhos e netos de ex-pracinhas, além de matérias relevantes apresentadas por todos. As fotos dos arquivos pessoais, sempre

³⁵ Link de acesso à enquete disponível em:

<<https://www.facebook.com/portalfeb/photos/a.293679184058126.67223.234557183303660/934438693315502/?type=1&fref=pf&pnref=story>>. Hospedada em 08/06/2015.

inéditas, as histórias e artigos resgatados. Acho fundamental, pois foi esta Liberdade que os Pracinhas foram defender na Itália.

- O Portal da FEB e suas postagens representam um grande serviço à memória e à história do Brasil. Assuntos muito importantes, divulgados com eficiência e qualidade.

- O Portal da FEB reúne informações valiosas, acervo e notícias.

- O melhor site sobre o assunto! Parabéns ao “Portal da FEB” e a todos seus anônimos e patriotas mantenedores.

- As postagens são sempre interessantes e trazem novas informações, dados e curiosidades.

- Importantes por três motivos: (A) resgate histórico; (B) divulgar os heróis desta pátria que, principalmente nos últimos 15 anos, fabricou muitos pseudo-heróis, enquanto os verdadeiros heróis permanecem esquecidos; (C) manter acesa a chama da liberdade dos povos.

- resgate da história principalmente quando os jovens de hoje desconhecem que alguns brasileiros lutaram em terra estrangeira.

- Os brasileiros deveriam saber mais sobre a bravura dos soldados brasileiros e se orgulharem disso.

- Sou de opinião que esses bravos exemplos de brasileiros devam ser tratados com a maior dignidade possível.

- Quais são os atrativos?

- as histórias desconhecidas, as histórias do ponto de vista pessoal e não somente políticos.

- Conhecer melhor a história da FEB e saber mais sobre os Veteranos que contam sua passagem pela Segunda Guerra.

- O atrativo é a ideia de manter viva a lembrança dos que mal são lembrados na nossa história. Homens que levaram a bandeira brasileira aos Aliados para defender a paz no mundo. Homens que se sacrificaram para proteger cada um de nós, do poder nazista na costa brasileira.

- O que atrai é a possibilidade de estar sempre aprendendo sobre a FEB, o acesso a fotos inéditas e as notícias sobre a atual situação dos veteranos do país inteiro. Tudo isso na linha do tempo do Facebook, muito prático.

- A oportunidade de conhecer melhor a nossa história e compartilhar com amigos.

- *Acho que são dois os atrativos da página: o de difundir de forma rápida e o mais ampla possível, seu conteúdo e a diversidade de material.*
- *Conhecer tanto a história divulgada sobre a participação brasileira na II Guerra, como os relatos individuais dos praças e demais combatentes.*
- *é importante permitir que aqueles que tenham conhecido pracinhas brasileiros possam compartilhar seu conhecimento.*

- O que você acha da liberdade dos internautas em colaborar diretamente com a página?

- *útil, toda complementação te seu valor.*
- *Isso incentiva a muitos a se interessarem pelo tema da Segunda Guerra Mundial.*
- *Acho realmente interessante! Pois muitos "curtidores" possuem fatos, evidências, documentos, que auxiliam a contribuir com a exemplar e a grandiosidade e quantidade dos nossos heróis. Principalmente, com a liberdade, certas vezes, de algum artigo publicado.*
- *não existe nada mais rico do que trocar informações, essa oportunidade é única!*
- *Engrandecedora. Permite que todos contem histórias sobre seus parentes que integraram a FEB, enviem fotos particulares inéditas e façam comentários sobre a história. Enfim, permite que informações circulem.*
- *Para mim amo e fico fascinado com às histórias e escórias individuais que são colocadas pelos internautas. (Estou conjuntamente com um professor da UEL, organizando uma página no face, que busca reunir, o extenso material, espalhado pelas diversas plataformas, referente à FEB).*
- *É uma oportunidade de se complementar com novos dados, que passarão a integrar a história.*

- Quais são as diferenças que você observa ao comparar o Portal FEB com os Museus físicos?

- *É um portal que podemos contar com as novidades na hora que precisamos e não temos tempo de visitar um museu físico.*
- *Infelizmente, ainda não pude comparecer a nenhum museu físico.*
- *Aqui no Portal temos um acervo que nenhum museu terá: a memória viva dos descendentes dos pracinhas, além de seus acervos pessoais.*

- quem não tem a oportunidade de visitar um museu, aqui no portal consegue ter uma ideia sobre o assunto.

- É mais dinâmico que os museus físicos pois é atualizado várias vezes por dia e permite uma interação/troca muito maior com todos os "curtidores", que são provenientes de todas as regiões do país. A principal diferença, no entanto, é a praticidade. Temos acesso a tudo isso sem sair de casa, na tela do computador, de forma fácil e rápida. Os museus brasileiros, especialmente os da FEB, têm um grave problema: o horário de funcionamento é muito curto e os dias da semana limitados. Normalmente não funcionam aos finais de semana. Esse ponto é uma diferença fundamental. O digital é o presente e o futuro.

- O primeiro seria a praticidade, visto que em nem todas as localidades existem Museus da FEB, todavia os museus cumprem um papel importante de preservação, não apenas material, mas como Chartier, descreve afetivo-tangível, aos serem espaços onde o visitante pode literalmente tocar em fragmentos da história.

- Os dois se complementam. O Portal FEB aproveita de maneira construtiva o recurso da internet e promove, com grande eficiência, a divulgação da história.

- desconheço museus destinados à FEB - mas é certo que um portal em uma rede social é mais atrativo do que um museu físico.

Os internautas são unânimes em responder que é um espaço do Portal da FEB é de grande interação, divulgação e fortalecimento da memória viva da categoria dos expedicionários. Além disso, afirmam que o espaço virtual reúne acervos que nenhum museu físico possui, e por ser mais interativo, tem um alcance muito maior de compartilhamento da história dos ex-combatentes, servindo como um importante espaço de pesquisa, divulgação e fortalecimento da memória febiana.

O terceiro espaço de memória analisado foi o Museu da Guerra³⁶, da cidade de Joinville (SC), constituído em formato itinerante e exposto desde 2013 em diferentes cidades do estado, este é formado por relíquias da Segunda Guerra Mundial, reconhecido como o maior museu de guerras do Sul do país.

³⁶ Disponível na página virtual do Facebook: <<https://www.facebook.com/museudaguerra/?fref=ts>>.

FIGURA 5 - *Print Screen* da rede social *Facebook* da página do Museu da Guerra.



FONTE: Disponível na página virtual do Facebook:

<<https://www.facebook.com/museudaguerra/?fref=ts>>.

O responsável pela curadoria do acervo é Doraci Vodzynski, mas esse pertence a quatro colecionadores e é composto de mais de 600 peças, do montante de seis mil itens que ainda se encontram na Alemanha, como documentos, fardas e equipamentos de guerra usados nos campos de batalha, além de itens pessoais de soldados e de Adolf Hitler. Por uma questão burocrática da legislação brasileira, os colecionadores tiveram dificuldades de manter-se em um espaço fixo, optando pela exposição itinerante³⁷. Assim, desde sua inauguração, em 2013, o curador percorre

³⁷ (APÊNDICE F)

cidades do interior do estado levando as mais de 600 peças, adquiridas na cidade de Weiskirchen, na Alemanha, por um grupo de quatro colecionadores que desde 1946 se dedica ao resgate de objetos usados pelas tropas alemã e brasileira. Entre esses colecionadores, destaca-se Rochus Misch, guarda-costas de Adolf Hitler, um dos financiadores da ideia de montar um museu das guerras mundiais no Brasil. Segundo o curador da exposição, o acervo completo, ainda na Alemanha, contém mais de seis mil peças, com itens que datam da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, de tropas alemã, brasileira, francesa, japonesa, russa e americana. Entre os objetos da exposição, estão armas, uniformes, utensílios para alimentação e saúde, documentos pessoais, cartas, fotos livros, arquivos secretos dos pracinhas brasileiros, capacetes, mochilas, material de sinalização, granadas e, em destaque, a máquina de escrever utilizada por Hitler e sua secretária, além do “Rádio do Povo” de 1933, aparelho presente em todas as casas alemãs, usado para disseminar a propaganda nazista.

Em entrevista com o curador, Doracy comenta que, quando o contêiner do acervo chegou ao Brasil, em 2013, não havia dinheiro para pagar os impostos de importação, e o acervo acabou ficando preso no porto durante um ano com uma dívida cada vez mais alta. A ideia inicial era construir um acervo permanente na cidade de Pomerode (SC), contudo isso não foi possível, passando o acervo a ser itinerante. Para custear a forma de exposição, são cobrados valores simbólicos de R\$ 3 e de R\$ 6 por pessoa. Para Doracy, o principal motivo de levar esse acervo às pessoas é contar uma história esquecida pela maior parte dos brasileiros, que muitas vezes nem reconhecem os feitos realizados por esse contingente de soldados na Segunda Guerra Mundial, por não conhecer a participação do país nesse conflito mundial. Outra questão apontada pelo curador é o costume das pessoas de não visitarem museus e o fato de estes não serem atrativos, pois muitas vezes as pessoas não se reconhecem enquanto parte dessa história.

A região de colonização alemã no estado de Santa Catarina viveu intensamente o reflexo da Segunda Guerra Mundial, e as histórias estão presente na memória da população, desde os mais velhos aos mais jovens, o que pode explicar o alto número de visitantes nas inúmeras exposições, chegando a uma média de cinco mil pessoas no período de dez a 15 dias em que a exibição fica aberta, em todas as cidades porque já passou. Em visita à exposição, o que mais chama a

atenção é o comportamento dos visitantes, os quais passam vários minutos observando as peças e comentando com os demais sobre esses itens, sempre se referenciando a suas histórias pessoais, mostrando de fato que possuem forte ligação com a história que cada artefato conta.

Esse formato de levar um acervo até as pessoas de forma itinerante tem a ver com a democratização do acesso aos instrumentos culturais. Busca-se não somente atrair, mas expandir o número do público, levando “as coleções a outros públicos em contextos diferentes, afastando-se um pouco dos modelos e dos locais tradicionais de exibição” (XAVIER, 2012, p.69), dessacralizando a imagem do museu tradicional. Esse acervo passa a ser uma instituição viva. Enquanto nova metodologia surgida pós-Segunda Guerra Mundial, como uma concepção ideológica de mudança social, ligada à ideia de desenvolvimento dos cidadãos, os quais deveriam ter acesso à cultura e às artes, os museus itinerantes firmaram-se como importante ferramenta de educação cultural. Diante de uma realidade brasileira, em que os museus tradicionais são os equipamentos culturais menos atrativos pelo público, essas ações de ir ao encontro das pessoas pode ser uma interessante alternativa de expansão das artes. Diante das análises, percebe-se que os museus reais na sua maioria, constituem-se de narrativas nacionais, diferentemente dos museus virtuais, que mesmo tendo elementos ligados a nação, são constituídas por narrativas pessoais.

Nesses espaços virtuais o sentimento de identidade tende a se fortalecer ainda mais quando os sujeitos passam a fazer parte da construção histórica e simbólica de um patrimônio, processo esse que depende unicamente da identificação dos sujeitos com esse acervo. No entanto, não há também como negar que a maior perda que se tem com as interações virtuais, é a falta de contato entre os sentidos e o mundo material. Logo, o virtual (pelo menos por enquanto) não ira proporcionar as mesmas sensações de viajar pela história ao adentrar um museu, com seu cheiro, suas cores, sombras e luzes. Como negar que viajamos nas asas da imaginação ao ouvir histórias narradas por sujeitos que muitas vezes, são a própria história viva. Assim, diante do fato de que a substituição de sistemas técnicos leva a perdas e ganhos incalculáveis, podemos apenas concluir que se faça um uso duplo desses modelos, para eu assim, perca-se o mínimo de sensações e sentimentos que a história e a memória social possam proporcionar, pois como

coloca Sahr (2007, p.70), seja pela comunicação face-a-face ou pela *internet*, os “esquemas de integração funciona com base nas ações humanas, sejam esses materiais ou imateriais”.

Percebe-se que não há a possibilidade de manter nas memórias somente dos líderes mais velhos de determinados grupo, as histórias de base da sociedade em questão. Novas formas de preservação e disseminação das heranças culturais surgem e são adotadas pelos grupos sociais, criando um novo embate entre as velhas estruturas de preservação (físicas e ideológicas – museus, leis, normas) e as novas maneiras de preservação (ex: virtuais). Assim, entender a materialização virtual de novos espaços de memória e até um possível processo de patrimonialização virtual, leva sempre a buscar o entendimento que os novos significados do patrimônio adquirem.

CAPÍTULO 5

FEB - PATRIMÔNIO VIVO DA SOCIEDADE

A sociedade constrói seus espaços pela (rel) ação que exercem com o ambiente através das representações que dão sentido a essas ações. Esses espaços são formados por subjetividades (sentido/ideias) que materializam formas/objetos (casas, prédios, estradas, monumentos, tradições, manifestações – culturais em geral) que serão incorporadas pelo social através da relação entre social (cultural) e ambiente (natural), dando início a um processo de troca simbólica, resultando em cultura e moldando o espaço. Essas trocas colaboram com a construção, afirmação e embates de identidades, processo esse comum a toda forma de cultura. Assim, todo patrimônio cultural é materializado num determinado espaço e tempo, e produz sentido a indivíduos ou grupos sociais a partir do momento que essa materialidade desperta um sentimento de representatividade e pertencimento (social ↔ espaço), ou seja, um “ato de inscrição do sentido no espaço” (SAHR, 2007, p.62). Dessa forma, como coloca Sahr (2007, p.63) “as interpretações (sentidos) dos signos reproduzem no espaço uma grande variabilidade de intenções e objetos existentes na sociedade”.

Kozel (2007, p.120) afirma que “representação se faz através de signos. Um signo é aquele que representa algo para alguém”. Sua função é “significar” (KOZEL, 2007, p.123). O sistema de representação é “provenientes de imagens mentais e não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo”. (KOZEL, 2007, p.121). Ao citar Bakhtin (1996 *apud* KOZEL, 2007, p.122), a autora afirma que “um signo somente pode existir quando pessoas estão inseridas num contexto social, em um determinado momento histórico, pois as palavras são neutras, os contextos é que lhe dão significado”. Nesse sentido, todo signo “é apenas uma possível interpretação da vida real e não a vida real em si” (SAHR, 2007, p.63). Todo esse sistema de representação só é possível devido a alguma forma de linguagem, que tem como objetivo, comunicar. E é o processo de comunicar que gera e dá sentido ao signo, ou seja, dá-lhe significado. Esse significado é gerado no

sujeito social que possui uma interação com o objeto ou signo. Essa comunicação se dá por alguma forma de diferentes linguagens sempre carregadas de discursos: “imagens, formas, cheiros, odores, sabores” (KOZEL, 2007, p.122), sons, língua, escrita, quer dizer, toda forma de manifestação cultural que os homens produzem passam por esse sistema de representação. Não existe signo sem sentido ou significado e não existem esses sem um significante, ou seja, sujeito (s) que lhe deem sentido. E todos esses necessitam de um espaço para reprodução desse sistema, pois como afirma Sahr (2007, p.62) é no ato de inscrição do sentido no espaço que a significação é gerada, assim “as interpretações (sentidos) dos signos reproduzem no espaço uma grande variabilidade de intenções e objetos existentes na sociedade” (SAHR, 2007, p.63).

Um exemplo desse sistema são os objetos e ações sociais, que ao adquirirem sentido/significado indenitário ou histórico passam a ser reconhecidos como Patrimônios. Patrimônios são construções sociais – conceitos, com data de nascimento, e como representação, despertam sentidos diversos e complexos a qualquer indivíduo ou grupo social que tenha contato com esse. Contudo, como toda invenção social, todo patrimônio (material e imaterial) só adquire sentido se estiver ligação de pertencimento com os sujeitos, ou seja, não é o conceito que determina os sentidos no sujeito, mas o sentido (ideológico e simbólico) do sujeito que molda/dita (indica) o conceito. Aqui, o que determinará esse pertencimento será a identidade (reforçada pelos pares ou pelos embates com identidades diferentes), que tais signos despertarão nesses sujeitos, seja em qual espaço geográfico estiverem, os sentimentos de ligação com o mundo. Um único sujeito pode ter inúmeras identidades. O seu determinante dependerá do contato e relações que esse estabelecer com outros mundos vividos. Essas ligações podem ser de vivência direta com o objeto ou ação patrimonializada (no mesmo tempo/espaço) ou de pertencimento a contexto histórico com tempo/espaço diferente (moradores de uma cidade onde ouviram histórias sobre um casarão que mesmo sem uso, é tombado como patrimônio).

Há também, outra forma de reconhecimento patrimonial, onde os sujeitos não estão envolvidos diretamente com o bem patrimonializado (brasileiros que defendem o tombamento e preservação da Muralha da China, mesmo nunca tendo contato real

com esse bem). Contudo, esse reconhecimento se dá por ações externas, as quais são institucionalizadas (inventadas) legalmente por grupos sociais, quer dizer, são construídas enquanto conceitos (Patrimônio) por diferentes discursos (ligados historicamente a construção das nações), normas e leis, que tem como objetivo ligar os indivíduos a esses bens, através de identidades (simbolismo). Nesse caso, o conceito molda o sujeito, mas esse processo jamais seria possível sem que já houvesse no sujeito, sentimentos ou signos, que o liguem, enquanto pertencente, de alguma forma a esse bem patrimonializado. Nesse exemplo de reconhecimento patrimonial, presente na construção das Nacionalidades, o conceito cria simbologia (sentido) para signos que tem como única função a unificação da sociedade (ex.: bandeira, hino, futebol, carnaval, estátua do Cristo Redentor, etc.).

Sobre isso Kozel (2007, p.124) aponta que

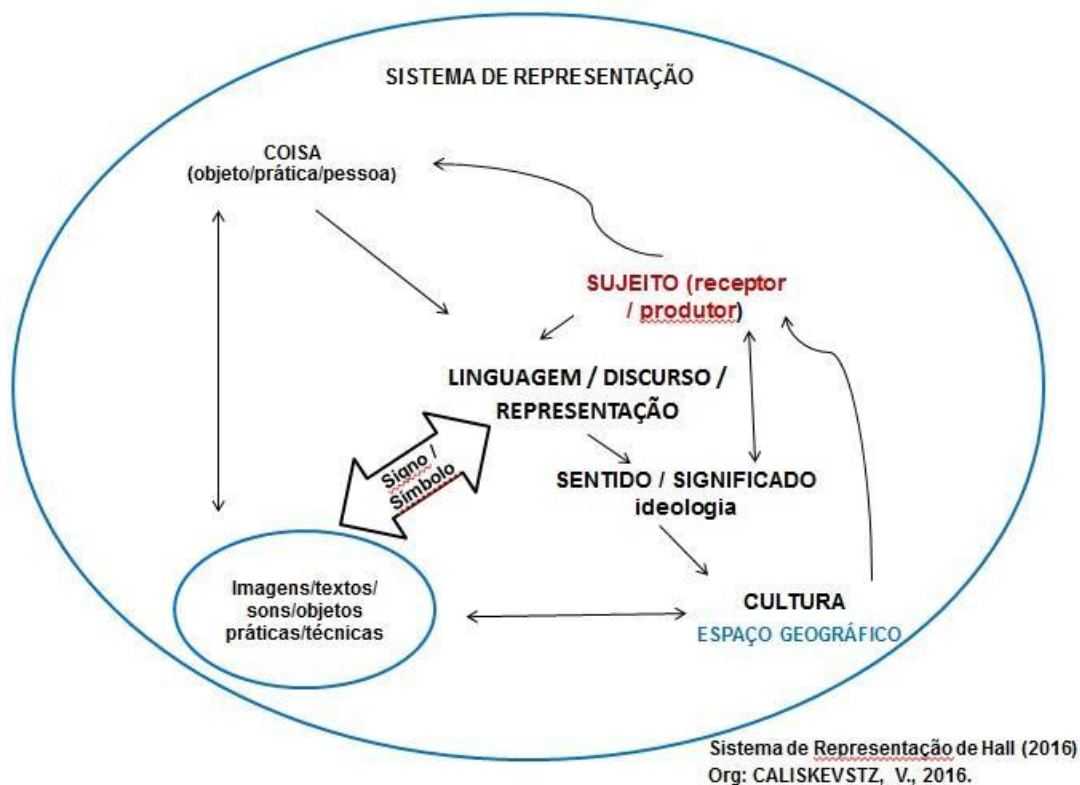
Um signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e retrata uma outra. Ele pode distorcer uma realidade, ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico [...] o signo está sujeito a avaliação ideológica (KOZEL, 2007, p.124).

Hoje, mais do que nunca a sociedade vive no mundo das imagens. Nesse sentido, Hall (2016) se debruça nos estudos sobre a representatividade e o papel das mídias sociais, trabalhando com a corrente filosófica do construtivismo, na busca pela compreensão de como a sociedade constrói seu mundo real através de signos, símbolos, linguagens (discursos) e representa-o na forma de conceito (coisas, pessoas, instituições, mitos), defendendo que a representatividade deve ser olhada e entendida como uma política, para que ela não se torne uma opressão existencial. Para isso, o autor utiliza-se de dois principais e diferentes conceitos do construtivismo: semiótica e discursiva. A primeira, “se concentra em como a representação e a linguagem produzem sentido” (HALL, 2016, p.26). Já a segunda, busca entender os “efeitos e consequências da representação” (HALL, 2016, p.27), ou seja,

Examina não apenas como a linguagem e a representação produzem sentido, mas como o conhecimento elaborado por determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados (HALL, 2016, p.27).

Mas o que é representação? Para o autor, representação é uma das práticas central que produz cultura através de “significados compartilhados” (HALL, 2016, p.17). Para que haja essa transmissão é necessário haver um signo (objetos/práticas), uma forma de linguagem (imagens, sons, discurso) e um receptor (indivíduos/significante). Nesse processo, a forma de linguagem transmite o sentido ao receptor, que a reconhece ou identifica-a (identidade), produzindo assim a cultura e consequentemente o espaço. A linguagem aqui é a representação composta por ideologias e características reconhecível (semelhantes), que despertará significado (sentimento) no receptor quando esse entrar em contato com o signo, pois como afirma Hall (2016, p.23) “o sentido é um diálogo – sempre parcialmente compreendido, sempre uma troca desigual”. Esse receptor é produto e produtor desse sistema, o que o coloca no centro desse processo. Pela interdependência entre os elementos, esse processo é complexo e dinâmico, e constitui o que Hall (2016, p.18) chama de “Sistema de Representação”, representado no esquema abaixo:

ESQUEMA 1 – Sistema de Representação de Hall (2016)



É esse sistema, segundo Hall (2016, p.19) que organiza, regula, influencia e comanda as condutas e práticas sociais, gerando como efeito o real (espaço e cultura). As práticas são os mecanismos que dão significado às coisas, pois os, através do uso e experiências (técnicas/saber-fazer), agregando valor (ideológico/conceitual/capital/simbólico) e transformando a coisa em elemento cultural, compartilhado por linguagens (representações) a outros indivíduos, num ciclo infinito e constantemente em mudança. Assim, o sentido ou representação é o que permite cultivar e reforçar a noção de identidade (quem somos e pertencemos), reprimir indivíduos e reforçar os laços identitários dentro de grupos (HALL, 2016, p.21).

Esses símbolos/signo são inventados, e como ferramentas da construção da

nacionalidade, as escolhas e vivências individuais são negadas, pois nem todo símbolo representa a totalidade de indivíduo de um país, pela simples questão de que não despertam significado, mas no caso da construção das nacionalidades toda a sociedade acaba por absorvê-los como sendo símbolos (patrimônio) de todos. Os mecanismos que se encarregam de realizar essa absorção forçada são os meios de comunicação, através dos mais variados e atrativos discursos, os quais “ao serem incorporados se constituem em signos que se transformam em enunciados ou representações nas diferentes formas de linguagem” (KOZEL, 1997, p.126).

Como visto no terceiro capítulo desta tese, os discursos foram uma das principais ferramentas utilizadas pelo governo getulista e pelos jornais para justificar a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, e construir a imagem de herói dos soldados inexperientes que compunham a comunidade da FEB. No processo de pesquisa as palavras “Herói”, “Orgulho” e “Bravos” foram as mais citadas quando referidas à comunidade da FEB, suas citações se deram por pessoas comuns ou admiradoras, por estudiosos da temática, nos textos de *sites* e *blogs*, por familiares e por ex-combatentes. A exemplo disso, o *Blog* “O Lapa Azul”, o qual faz menção ao Documentário do mesmo nome, dirigido por Durval Jr. sobre a FEB, é um espaço com publicações de textos e links relacionados a temática da FEB: filmes, livros, e portais assim como o Portal da FEB e o “Ecos da Segunda Guerra”. Nesse uma postagem representa bem uma cena muito comum, mas em extinção nos desfiles de 7 de setembro, a presença de veteranos da Segunda Guerra Mundial:

“Quem são esses velhinhos?”³⁸, foi a pergunta ouvida na rua por Sírío Sebastião Fröhlich de um adolescente, durante um desfile cívico-militar em que os pracinhas passaram à frente do grupamento na cidade de Santa Maria – RS. Diante dessa pergunta, Sírío lançou a obra intitulada “Longa Jornada – Com a FEB na Itália”, como forma de “despertar nos estudantes a consciência de que, quando virem um desses velhinhos, possam admirá-los com a convicção de que estão diante de um humilde mas autêntico Herói da Pátria”. O sentimento motivador desse escritor se soma a maioria dos relatos de pesquisadores, familiares e admiradores da categoria (agora idosa e pequena) dos pracinhas brasileiros combatentes da 2ª

³⁸ Disponível em:< <http://olapaazul.com/2012/07/17/longa-jornada-com-a-feb-na-italia/> >. Postado em 17/07/2012. Acessado em: 30/02/2015.

Guerra Mundial.

Outro espaço de memória analisado foi o “Portal da FEB”, no qual além de relatos contando e mostrando a vida de pracinhas ainda vivos ou não, são rodeados de comentários e histórias fragmentadas de pessoas que conhecem ou são parentes desses veteranos, e no processo de postagem, percebe-se uma construção coletiva da vida desses soldados. A palavra “Herói” pode ser considerada a expressão que mais aparece nesses relatos, seguidas da indignação e repúdio para com a nação, que “virou as costas a aqueles que deram a vida pela pátria – mãe”, outra constatação comum nos relatos é a postura de coesão nacional, onde os autores dos depoimentos se colocam como “irmãos” dos soldados da FEB, pertencentes todas de uma única pátria-mãe, característica principal do processo nacionalista e da formação das comunidades imaginadas. A isso, pode-se observar inúmeros comentários encontrados no site “Portal da FEB”³⁹:

- C- *Meu pai participou da campanha na Itália II Guerra Mundial”, quero mostrar ao meu filho, que não conheceu o avô, mas não encontro nenhuma relação nominal dos soldados que lutaram **bravamente** em Monte Castelo. Onde tenho que procurar? Meu pai se chamava Ernani da Conceição. R - Há relação dos mortos e relação nominal de todo o contingente (foram 25.334 componentes)... Sugiro que você procure uma associação de veteranos ou órgãos de documentação do Exército. No meu artigo vera que o seu pai foi um dos **heróis** que este país teria que reverenciar.*

- C - *Me propus a buscar informações sobre um expedicionário da segunda guerra mundial que vive em minha cidade. Ele foi internado em um hospital psiquiátrico durante anos. Conta fatos marcantes da guerra. Este senhor não sabe sequer seu nome verdadeiro. Há alguma forma de identificá-lo, por meio de digitais para que ele possa requerer seus direitos? Se ele procurar em Resende, Academia militar de Agulhas Negras conseguirá ser identificado?*

- C - *Como admirador da história da FEB gostaria de saber se vocês tem uma relação nominal dos integrantes ou fotos de arquivo dos mesmos, pois minha sogra me contou recente que teve um primo chamado César Malgaresi (ela não lembra bem da grafia) que foi, também pelo que ela lembra, um padioleiro (corpo de saúde?) e chegou a estar na batalha de Monte Castelo sendo que ela inclusive chegou a fazer promessa, para que ele voltasse vivo da guerra, na igreja do Rosário aqui em Porto Alegre – RS...detalhe...ela pagou a promessa pois ele voltou vivo e bem.*

C - *Parabenizo pela publicação do artigo, dedicado à figura incomparável*

³⁹ Comentários organizados em forma de conversa e respostas mostrando que há uma construção coletiva dos depoimentos: (C – comentário / R – resposta dos administradores do site).

do Sargento Max Wolf Filho. Cabe, contudo, as seguintes correções (...) qual a fonte para se afirmar que “aniquilou várias posições inimigas”? Até onde se sabe Wolf se notabilizou por salvar vidas, não por tirá-las em ações ofensivas como a descrita. R - “Max ia sempre à frente. Num dos ataques a Montese destruiu inúmeras posições inimigas e conseguiu preciosas informações que muito serviram ao então Major Mamede, oficial de operações do Regimento”. Não há nenhuma dúvida que o objetivo de um soldado em uma guerra é matar o inimigo. Pode-se discutir as circunstâncias que cercam essa assertiva sejam elas humanitárias, religiosas, filosóficas, etc., mas é indiscutível a ideia central que ela encerra.

C - Sargento Max Wolf Filho (...) Foi homenageado com a distinção de ser agraciado com quatro medalhas: de Campanha; sangue do Brasil; Bronze Star (americana) e Cruz de Combate de 1ª Classe. Eis a síntese do **heroísmo** de um homem simples e valoroso. Seus restos mortais encontram-se no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no jazido 32, quadra G. (...) Este foi um dos dias mais tristes para o batalhão. Perdeu-se um bravo. (...) “Tornou-se conhecido pelo seu destemor, renúncia e espírito de sacrifício, oferecendo-se para as mais arriscadas missões das quais sempre se saía triunfante”. (...) Um verdadeiro **herói** nacional. Uma história de vida que vale a pena ser contada!

C - o sargento sempre foi uma inspiração para mim, conheci toda sua história no museu expedicionário de Curitiba, meu pai contou para mim eu conto para meu filho, meu filho conta para o filho dele é assim ninguém se esqueça.

C - O trabalho de pesquisa e publicação de artigos sobre os Combatentes Brasileiros é de suma importância para a imortalidade de nossa FEB e sua História.

C - O nome do meu pai é José Varela e é muito bom saber que houve um herói para o Brasil com este nome. Meu pai honrou este nome até o final, e eu fiquei feliz de saber desta história. Hoje papai não está mais aqui, mas continua sendo o meu **herói**.

C - Gostaria de obter mais informações como fotos, documentos diversos a respeito desse nosso grande **herói**.

C - Este fato jamais será esquecido por mim, e gostaria que todos os brasileiros tivessem informação sobre este SOLDADO (PRACINHA) brasileiro que como muitos outros, lutou e infelizmente tombou morto em terras longínquas, por um mundo melhor. Cabe a nós, não permitir que esta história se acabe.

C - Ao despertamos não nos damos conta que nosso conforto foi conquistado com o sacrifício de **heróis**, não nos damos conta que temos escolhas hoje; porque pessoas interromperam suas vidas e em prol da humanidade. Homens que em um esforço derradeiro fizeram do seu corpo uma trincheira custando-lhes muitas vezes a própria vida, vendo seus **irmãos** caindo-lhes aos pés, sem que nada os impedisse de ir à frente ao holocausto. Lamentando muitas vezes sim! não terem tombado com seus irmãos. Obrigado! é só que posso dizer.

C - Leonilo Amaro de Melo – 1º RI, esse **bravo** pracinha foi meu padrinho de batismo.

C - Nossa gloriosa FEB é formada de atos de **heroísmo**.

C - Um exemplo de **herói** de verdade.

C - **heróis** imortais sofreram morreram pela **nossa pátria** lutando contra um inimigo, **nostros soldados** brasileiros fortes destemidos serão sempre **heróis**. **Bravura** extraordinária, dores, medos, fome, frio, sol, chuva, mas lá estava o soldado brasileiro sempre disposto e uma força soberana e a cobra vai fumarrrrrrrrr.

C - Isso merecia uma minissérie, ou mesmo um especial de TV de uma hora. Enfim, alguma coisa no campo da dramaturgia deveria ser realizada como uma forma de prestar uma justa homenagem, não só ao soldado Olavo, mas a vários outros **heróis** “esquecidos” que deram suas vidas na Itália, como o bravo Srg. Max Wolf Filho!

C – A Miguel Soares de Azevedo, ex-combatente de Parelhas-RN, minhas sinceras condolências à família desse homem extremamente simpático e querido por todos os Parelhenses, que disse “sim” ao Brasil e colocou a própria vida à disposição dos compatriotas durante a Segunda Guerra Mundial. Como todas as palavras elogiosas são poucas para definir esse grande parelhense, posto aqui seu depoimento que tive a honra de coletar para minha dissertação de mestrado. Que Deus o guarde numa morada confortável e de muita paz grande guerreiro. (...)“...Meu nome é Miguel Soares de Azevedo. Nasci em 22 de novembro de 1922 no sítio Suçuarana, em Parelhas. Essa foto foi lá na Universidade. Esse menino aqui me botou para falar. Eu disse: “não sei falar não, sou maluco”, mas falei muito. Eu morava no sítio antes da Guerra. Com dois dias de nascido fui para Várzea do Barro [zona rural de Parelhas], onde passei 11 anos. Depois fui sorteado para o Exército em 1943. Morei em três cantos, sofri muito. Morava na Serra das Queimadas e fui sorteado em Jardim [Jardim do Seridó-RN]. Daqui para lá era estrada de barro, tempo de sofrimento. Alistei-me, fui para o BCC e passei 10 dias dormindo no chão. Recebi o nome de guerra, passei 7 dias em Ponta Negra e voltamos para a cidade no tempo que a Guerra arrouchou. Eu fiz exames no quartel. Tinha um tenente que era muito meu amigo e disse que podia falar com um médico para ele me tirar, aí fui para o hospital militar fazer todo tipo de exame e dali fomos para Recife. Lá tinha 10 mil homens para fazer exames de manhã e de noite, todos nus, um atrás do outro. Aí passei... Li o boletim e passei; então o major deu 10 dias de licença para a gente vir para Natal e depois para casa, tomar a benção aos pais, na Serra das Queimadas. De lá vim pra rua e da rua peguei o carro para Natal. Minha mãe ficou muito aperreada, chorou demais dizendo que eu ia morrer. O povo na rua assombrado... Que besteira rapaz! Aí fui e peguei bexiga, passei quase 5 dias baixado em Natal. Quase que morro com a bexiga. De lá fui para Recife, mas a FEB já tinha embarcado. Fiquei lá em Recife esperando outro contingente (da FEB), o 3º escalão. Eu ia no segundo mas não deu. Fui para Natal esperar lá, me apresentei no quartel e perguntaram se eu queria ir para a Itália. Eu disse: “vou na hora”, mas só que a Guerra acabou e foi uma festa medonha no quartel, em Natal. Antes disso já tinha gente se mudando de Natal pela proximidade com a guerra, lá era bombardeado na hora. O povo todo aperreado. Mandaram-me fazer um curso em Recife e eu passei 4 dias lá, aí fiquei na boa, trabalhando e ganhando bem. O cabra ganhava bem naquele tempo. Dei baixa em vez de ter engajado mais. Perdi a chance de ir para a polícia, entrar como cabo. Podia ter trabalhado lá, tava tudo pronto e vim embora. Casei-me, o tempo passou, fui arrancar toco, trabalhar... Aí foi que veio isso aqui [aposentadoria de ex-combatente] dado por Deus. Me aposentei, tenho INPS, mas demorou demais. Hoje tenho todos os direitos. Com essa carteira aqui por onde eu passar o povo respeita. Certo dia nós vínhamos

de Natal, aí a Federal [Polícia Rodoviária Federal] me parou. Quando eu mostrei a carteira ele falou: “pode passar”, não quis nem ver mais nada. Ônibus... É porque eu não quero mais usar [se refere ao fato de não pagar passagem nos ônibus]. Quando voltei de Natal me casei e fui morar no sítio. Quem passou quase 4 anos numa vida boa... Minha mulher bonita, noiva e fui arrancar toco. Depois fui negociar com uma bodega. Passei 18 anos. Meus filhos todos estudaram, nunca trabalharam. Inácio de Loiola, que morreu, era sabido, todos são sabidos. Naquele tempo tinha muito minério, eu vendi demais. Era só eu. Hoje tudo é em saco, antes era só no papel. Mas papel é sebo, por isso que não querem mais. Pois é, eu fui para Caicó, fui entrevistado lá, foi muita festa mesmo, todo mundo arrumado, eu em pé lá disse: “eu quero falar”, disseram que podia e acharam bom demais. Eu contei toda minha vida, ele (Muirakitan) me abraçou e tirou uma foto comigo. Fui para Jardim do Seridó; lá estava cheio de gente e eu com a bandeira do Brasil junto com um bando de malucos [outros ex-combatentes]. Eu já fui marchar em Natal, no 7 de setembro. Eu sei marchar. Lá era aberto, cheio de velho ex-combatente, e marchei do começo ao fim. Aplaudiram a gente do começo ao fim. No final um moço no carro me chamou e me deu os parabéns, eu me arrepio todinho. Ano passado me chamaram mas eu não quis ir, mas próximo ano eu vou, eu acho bom. Os lesados daqui não vão. Aqui tem bem uns 20 abetalhados que não saem para nem um canto, acredita? Conheço Caicó, Jardim, todo canto. Antes da convocação eu conhecia Campina Grande, Patos, Caicó... Cidades da Paraíba. Jogava bola e apanhava muito. Sofri muito, fiquei nervoso, passei quase um mês em Recife pronto para ir para a Itália, no quartel em Olinda dentro dos matos. O quartel era grande e eu dormia dentro dos matos, tinha que me esconder. Eu fui ao comandante e falei: “Major, quero permissão para ir para cidade, já que eu estou aqui para ir para Guerra, quero dá uma volta em Recife”. E ele deu permissão e fui para Recife andar. Era longe. Tudo lá era longe, mas a gente ia andar. Graças a Deus! Eu sofri, fiquei nervoso. Meu amigo, você ter família... Meus amigos conhecidos foram todos para a guerra e eu fiquei sozinho, no quartel esquisito, dormindo de noite no chão, só tinha percevejo. Tomava café e ia para dentro dos matos. É negócio de doido. Não fazia nadinha no quartel, ficava de contingência esperando para embarcar no próximo contingente, mas peguei bexiga e quase que morro. Se você vê, eu sou todo pelado ainda. Fiquei no hospital e a pele largou todinha. Passava uma pomada vermelha. Ouvia tanta coisa da guerra... Tinha um cabo, colega meu, que morreu. O cabra chegava e dizia: “fulano ou sicrano morreu”. As bombas lá pegavam e estouravam o cara todo. Eles pegavam um cabo brasileiro e matavam, espancavam... Um colega meu chegou daquelas cidades e disse que lá era uma tristeza, que andava naquelas cidades todas abandonadas. No quartel diziam que se nós fossemos para a guerra e víssemos algo de valor, de ouro, para que não pegasse, pois podia ser uma armadilha, podia detonar. Mesmo assim nós ganhamos. Brasileiro é demais mesmo. Eles subindo o morro e os alemães atirando de metralhadora. Eles me contavam que lá fazia pena, muita gente estropiada, lascada, perna quebrada, corpo rasgado por estilhaços de bombas. Eles no quartel me contavam tudo. Morreu muita gente. Lá tem cemitério brasileiro. Lá em Recife eu estava pronto para tudo. Só ficava nervoso, porque vivia só, dentro dos matos escondido. Eu tinha medo de ir sozinho para a Itália, sem conhecidos. Quando vai uma turma grande é bom... Mas valeu a pena. Eu encarei, graças a Deus fui e voltei e meu ganho hoje foi Deus quem deu. Se fosse hoje eu ia de novo. Não sou covarde, não tenho medo. Ficava só, mas Deus me ajudou. Hoje não pago imposto de renda, nem imposto de casa, tenho direito a advogado de graça... Muitas coisas.

A comida no quartel era boa, nunca achei ruim. Tinha carne todos os dias e eu comia a vontade. No café era pão com manteiga... A janta era boa,

comia a vontade. Eu gostava. Lá em Natal faltava comida, mas no Exército não faltava. Matavam muitos bois lá. Tinha quartel com 10 mil pessoas para pegar o rancho [refeitório do quartel]. Depois que eu fui trabalhar de armeiro fiquei na boa, mexendo com mosquetão, revólver... Quem mandava lá era eu. Só não gostava quando chegavam melados de areia, por que eu tinha que limpar, mas eu tinha uma turma para me ajudar. Mas era bom... Eu só namorando, raparigando... Mas meu filho, mulher era demais. Peguei mulher demais. Hoje graças a Deus vivo bem, mas minha mãe chorou muito na época. A gente ganha bem, tem todos os direitos, não pagamos impostos, tenho direito a empréstimo de 27 mil. Aqui [em Parelhas] teve muitos convocados, principalmente quando a Guerra archoou mesmo. Foi a cidade onde mais se chamou no Brasil, dos 18 aos 21 era convocado, o resto era sorteado. Conhecia todos os convocados, um bocado já morreu, eram meus amigos. Eu sofri, dormi no chão numa barraca. De meia noite tocava uma corneta e todo mundo tinha que entrar em forma, era uma putaria do diabo. Eu andava com um capitão do Exército e achava muito bom. Sofri mas também achei bom. Tinha muitos estrangeiros que falavam com a gente, mas a gente não entendia nada. Tinha demais. Agora, brasileiro é muito ladrão, por que os que iam trabalhar em Parnamirim roubavam eles demais. Colchas, lençóis, calçados... Tinha muito americano. Você entende a fala deles? Eu não sabia nem o que fazer quando eles falavam..."

C - Fico emocionada quando vejo que a Itália está sempre lembrando de **nossos HERÓIS** e sempre fazendo homenagens maravilhosas.

C - os brasileiros foram os únicos aliados que ajudaram a população italiana os americanos e ingleses simplesmente os deixavam morrer de fome mais os brasileiros com a compaixão de Jesus e a convenção de Geneve ajudavam o povo e os prisioneiros com pão e água, viva a FEB e a marinha do Brasil.

C - Os meios de comunicação no Brasil não dão destaques a estes eventos, é uma pena.

C - Sou grato por tudo que estes senhores fizeram pelo mundo. Arriscaram suas vidas por um ideal.

C - "Para nós, brasileiros, o Dia da Vitória, que é lembrado por uma minoria da população, com notas de 30 segundos em jornais, serve para não esquecermos que um dia..." Fé na missão.

C - Uma simples homenagem ao Dia da Vitória, quando as Forças Armadas de vários países comemoram seus feitos e reverenciam **homens valerosos** que brindaram a humanidade com a liberdade que hoje desfrutamos, e a todos os pracinhas brasileiros que já chegaram **heróis** aos campos de batalha da Itália, os quais eu tive a felicidade de conhecer alguns deles.

C - **Heróis** nunca morrem, apenas continuarão outras missões ao lado de Deus!!! Obrigado pelo que fez por **nossa Pátria**, orgulho de ter seu nome. Missão aqui Cumprida com louvor Guerreiro. SELVA!!!!

C - Meu avô, 2º tenente Aduino Rodrigues da Cunha esteve presente em Monte Castelo, Orgulho!

Percebe-se que enquanto comunidades nacionais imaginadas, a FEB se constituiu por discursos e palavras de forte impacto, criando uma forte ligação entre seus membros e a população geral. No período da Segunda Guerra, foram os discursos de Getúlio Vargas e dos meios de comunicação da época (rádio e jornais) que construíram a imagem da FEB como heróis defensores da pátria. Como criador Getúlio Vargas acreditou que poderia destruir sua criação, e o fez de certa forma, a partir do momento que negou aos membros dessa comunidade os direitos, por lei adquirido (lembrando que Getúlio Varga também criou a lei que colocou milhares de jovens em campo de batalha). Como colocado por Anderson (2008), uma das maneiras mais camufladas de ação de um governo com relação à destruição de comunidade é o simples abandono e negação de seus direitos.

A isso, tem-se como exemplo um dos maiores símbolo da FEB, o seu Hino, cantado na atualidade somente em eventos específicos da FEB. Essa restrição faz com que essa temática seja muito debatida pelos internautas, que sempre citam o vídeo⁴⁰ em que crianças italianas na cidade de Montese (Itália) cantaram em um dia de comemoração, em português o hino do Expedicionário, o qual homenageia os soldados brasileiros⁴¹. As análises feitas no campo de comentários no Portal da FEB mostram que as manifestações de indignação referem-se ao reconhecimento que o Brasil não deu a categoria:

- Muitas crianças no Brasil não conhecem e nem reconhece os feitos do seu povo no passado. Isso que é gratidão de um povo. Aqui em nosso país os jovens nem sabem quem foram os EXPEDICIONÁRIOS da FEB que lutaram lá na Itália?

- Como pode né?! Na Itália as crianças aprendendo a canção do expedicionário, enquanto aqui as nossas nem sabem o que foi a FEB...

⁴⁰ Disponível em:

https://www.facebook.com/portalfeb/videos/900979933328045/?_mref=message_bubble.

Acessado em: 02/04/2014.

⁴¹ Segundo relato do Professor e jornalista Helton Costa, que estava presente no evento na Itália, o Hino foi previamente ensaiado com os alunos para homenagear os visitantes brasileiros. Mas esse ato não se repete pelos alunos italianos, visto que foi um evento isolado, segundo Helton. Contudo, as interpretações que surgem no cenário social brasileiro, não leva em conta a questão de ser esse um evento isolado, por questões de não terem conhecimento desse fato, mas isso não desqualifica a representatividade que a categoria da FEB tem na população brasileira que acessa o vídeo.

- Quem dera reconhecêssemos nossos heróis com esta gratidão que se vê em solo italiano. Obrigada, Itália, pelo culto aos nossos militares da FEB.

- Nossas crianças não conhecem a história, enquanto essas crianças de Montese cantam, em português, a Canção do Expedicionário.

- Só no Brasil estes HERÓIS BRASILEIROS não são reconhecidos e valorizados. Nossos Pracinhas pelo menos recebem a justa homenagem e o justo valor em outros países e são tratados, como devem ser tratados, como HERÓIS. Quando eu era criança e estudava em colégio público no Governo Militar, todos nós aprendíamos este hino e outros hinos, aprendíamos a ser patriotas, a valorizar que tinha valor real.

- Enquanto as crianças brasileiras nem conhecem este hino, as italianas prestam esta homenagem aos nossos queridos pracinhas!

- Bonito e triste de ver, porque nossos pracinhas são mais valorizados fora do Brasil.

- A canção dos expedicionários. A canção mais bonita nas forcas armadas!

- Quando cantávamos ela, sempre cantávamos alto, vibrando e sempre arrepiava.

- É lamentável hoje vemos nas escolas cantando em funk o hino nacional.

- Só temos que agradecer nossos irmãos do BRASIL e da ITÁLIA parabéns!

- Estou ensinando meu garoto de três anos a entoar este hino sagrado!

- Isso que se chama cultura, ensinar pras crianças, a história de seus libertadores.

- Fiquei emocionado com o que acabei de ver! Meu pai fez parte da FEB e lutou em Montese. Que aula de civismo a Itália deu ao Brasil!!! Compartilho com todos que deixaram suas mensagens. Aqui no Brasil as crianças aprendem que heróis são os jogadores da seleção e aprendem a cantar rap. Lamentável...

- Emocionante! Que bela demonstração de civismo e gratidão, dessa gente, em honra à memória de nossos soldados, cujo esforço heróico em favor da libertação dos italianos foi tingido com o sangue de nossas tropas! Viva a FEB

- Lindo!!!! Estou emocionada!!! Aqui no Brasil as crianças nem sabem que houve a Segunda Guerra Mundial, quanto mais que houve a FEB... Tenho orgulho do meu pai, ex-combatente do Regimento Sampaio, Armando Jost!!! #meupaiheroi

- VERGONHA!! OS ITALIANOS NÃO ESQUECEM E ENSINAM SUAS CRIANÇAS A HONRAR NOSSOS HERÓIS DA FEB, ENQUANTO NÓS BRASILEIROS NEM SABEMOS O QUE FOI ISSO. OBRIGADO ITÁLIA !!

- Quando eu era criança em São João Del Rey, cantávamos esses hinos, ainda me lembro de alguma coisa.

- Além de ser muito lindo ouvindo estas crianças italianas cantando em português, fica aqui registrado a nossa homenagem aos nossos valorosos Expedicionários. Reconhecimento dos Italianos e agradecimentos.

- É deixar qualquer um arrepiado. A Canção do Expedicionário e o Cisne Branco considero as mais belas canções durante as festividades nas

Unidades militares. Enquanto italianinhos cantam a canção dos Expedicionários eu duvido que onde sabem cantar ? Somente nos Colégios Militares e colégios apoiados por Unidades militares. E o Nosso Hino Nacional? No meu tempo todas as sextas feiras nós cantávamos o Hino Nacional. Hoje só se canta durante os Jogos de Futebol. Muito triste este nosso reconhecimento pelos valores da Pátria. Parabéns a estes Italianos, que prestaram homenagem aos nossos expedicionários enquanto que milhares de brasileiros nada sabiam.

A crítica ao esquecimento do feito da categoria é relatada por inúmeras pessoas. Em entrevista com um historiador e antigo secretário da cultura da cidade de Irati (PR), José Maria Graça Araújo, o qual juntamente com colegas da gestão municipal construiu um monumento em homenagem aos iratienses que fizeram parte da FEB. Para Araújo, uma pequena parcela da população ainda lembra desse período ou ouviu falar, mas segundo ele, as gerações mais novas não se interessam ou não conhecem essa história. A esse fato seu Araújo afirma que, somada à diminuição da população idosa que esteve em contato com esse evento e com essa categoria específica, a extinção da educação cívica nas escolas, a falta de estímulo da população como um todo em (re) conhecer os espaços públicos de suas cidades, ou ainda, a exaltação de “heróis nacionais” que pouco representam as populações locais, tem-se como resultado, o desaparecimento das memórias históricas. Essa última questão levantada por seu Araújo, é apontado nos estudos de Miceli (1991), ao estudar a construção da ideia de herói com crianças de escolas públicas. Para o autor, ensina-se nomes, datas e feitos de pessoas que não tem significado para as crianças, mas que por serem impostos pelo Estado, acabam permanecendo no imaginário dessas. Contudo, o autor mostra que ao indagar os alunos sobre quem seriam os heróis que eles têm contato, eles citam seus pais e pessoas próximas. Miceli (1991) afirma que com o fim do ensino obrigatório da disciplina de Educação Moral e Cívica, as novas gerações de alunos já não conheceram nem mesmo os heróis construídos pelo Estado. Ele defende a busca e reconhecimento pelos heróis locais, pessoas próximas da realidade dos grupos sociais, pois somente assim, essa representatividade fará sentido.

Contudo, mesmo diante desse esquecimento, principalmente pelas novas gerações, os símbolos da FEB e a própria categoria como símbolo se mantiveram

desde sua criação presentes no imaginário de uma parcela da sociedade e representadas em diferentes formas no espaço, visto que, como colocado por Kozel (2007, p.123), “os signos só podem existir onde os indivíduos estejam socialmente organizados, formando grupos ou sociedades organizadas”. Nesse sentido, percebe-se que a FEB, enquanto uma comunidade ideologicamente imaginada, constituídas por sujeitos que realizaram feitos notáveis, criaram seus signos e se tornaram símbolos por si só, ao exteriorizá-los materialmente no espaço, criando significados dentro de um contexto temporal e social: hinos, medalhas, monumentos, espaços de memória, acervos particulares, memórias, construído assim, um arsenal de representatividades. Nesse processo a própria comunidade da FEB transforma-se em simbologia, passando a ter representatividade junto a uma parcela da população que a vê como símbolo de patriotismo e heroísmo. As pessoas relatam histórias ouvidas dos feitos e glórias dos pracinhas, sobre o período tenso da guerra e perseguição aos imigrantes, e sobre o abandono pelo Estado, contudo, a grande maioria não levanta questionamentos sobre como foram escolhidos os combatentes, quais eram os reais motivos da entrada do Brasil no conflito, e porque heróis são esquecidos, quando apontam a falta de memória nacional. A imagem desses heróis é suficiente para o conhecimento e identificação da sociedade, pois como símbolos nacionais sua função é fazer com que a população naturalmente acredite e absorva-os como verdade. Dessa forma, quanto mais simples e direta for a representação, mais fácil será a absorção do significado. Na construção nacionalista os símbolos não são questionamentos, são absorptivos e reproduzidos.

Nesse sentido, inúmeras outras representações da FEB são realizadas por familiares, admiradores, pesquisadores, militares e diretores de cinema em diferentes partes do país. O quadro abaixo apresenta algumas dessas representações, encontradas em busca na internet:

QUADRO 6 – A representatividade da FEB em diferentes formatos (audiovisual / livros / *site* / *blog*)

TÍTULO	AUTOR/DIRETOR	CATEGORIA	ANO	INFORMAÇÕES
A Montanha	Vicente Ferraz	audiovisual	2008	Longa de ficção filmado em 2007 com co-produção Brasil – Itália (ANCINE), com orçamento de 9 milhões de reais, tendo nesse 25 atores.
Relatos da Segunda Guerra: -Um Ucrâniano na FEB - Um soldado perdido na floresta - Candinho	Vicente Ferraz	audiovisual	?	Três documentários compõem a série, com relatos de expedicionários ainda vivos.
Estrada 47	Vicente Ferraz	audiovisual	2015	Longa de ficção exibido em cinemas das grandes capitais. Premiado com o Kikito no 42º Festival de Cinema de Gramado
O caminho do herói	João Barone	audiovisual	2014	João Barone é baterista da banda “Paralamas do Sucesso”, e filho de expedicionário. É presidente do Clube Militar, grupo com publicações hospedadas no site <i>Youtube</i> , denominado “De volta ao conflito”. Esse documentário foi exibido no programa “Guerras mundiais” do canal <i>The History Channel</i> (TV a cabo).
A cobra fumou: o Brasil na 2ª Guerra Mundial	Vinicius Reis	audiovisual	2012	
Sente a Pua	Christian Castro e Erick de Castro	audiovisual	1999	Documentário premiado em festivais, baseado no livro escrito pelo Brigadeiro Rui Moreira Lima e distribuído pela Rio Filme.
Menino 23: infância perdida no Brasil	Belizário Franco	audiovisual	2016	Documentário que conta a história da descoberta da fazenda “Rocha Miranda” no interior de Monte Alegre), pelo historiador Sidney Aguilar, na qual tijolos com o símbolo da Suástica foram encontrados nas paredes

				do chiqueiro de porcos, além de ferros de marcar animais com o mesmo símbolo. A fazenda pertencia a família de um tropeiro José Ricardo Macial, e no período da 2ª Guerra Mundial passou para uma família poderosa do RJ. Nessa crianças eram usadas como escravas nos trabalhos. Na exposição itinerante, com base de acervo em Joinville (SC)*, há um exemplar desse tijolo. *Mais informações sobre o acervo no cap. 4 desse trabalho.
Rádio Auriverde: a FEB na Itália	Sylvio Back	audiovisual	1991	
O Lapa Azul: os homens do 3º Batalhão do 11º Regime na 2ª Guerra Mundial	Durval Jr	audiovisual	2007	Produzido em Juiz de Fora com Lei de Incentivo (ROUANET/ANCINE)
Aleluia Gretchem	Sylvio Back	audiovisual	1977	Ficção que mostra a vida de imigrantes alemães no estado do Paraná em 1937.
Heróis	Guto Aeraphe	audiovisual	2011	(websérie) em cinco capítulos semanais, a produção narrou a sangrenta batalha de Montese
Batismo de Fogo	Durval Lourenço Pereira	audiovisual	2016	
1942: o Brasil e sua Guerra quase desconhecida	João Barone	livro	2013	
O inverno da guerra	Joel Silveira	livro	2005	
A guerra que não acabou: a Reintegração Social dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)	Francisco Cesar Alves Ferraz	livro	2012	
Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial	Francisco Cesar Alves Ferraz	livro	2005	
Os Soldados Brasileiros de Hitler	Dennison de Oliveira	livro	2008	
Os Soldados Alemães de Vargas	Dennison de Oliveira	livro	2008	
Da glória ao esquecimento: os socorrenses na 2ª Guerra Mundial – resgatando a	Derek Destito Vertino	livro	2013	

memória da cidade				
Brasil: os frutos da guerra	Neill Lochery	livro	2015	
Longa Jornada e vozes da guerra	Tenente Sírio Sebastião Frohlich	livro	2015	
Confissões do front: soldados do MS na 2ª Guerra Mundial	Helton Costa	livro	2012	livro-reportagem
Uma vez na Itália	Helton Costa	livro	2009	ficção
II Guerra: Documentos Secretos da luta na Itália	Helton Costa	livro	2015	livro-reportagem
Troféus de Guerra Memórias do front: Objetos trazidos da Itália na II Guerra Mundial	Helton Costa	livro	2015	livro-reportagem
Tiro, guerra e mito: a história de um barreirense na 2ª Guerra Mundial	1º Tenente, João Paulo Pinheiro	livro	2015	Conta a história de uma pracinha que se transformou em mito na cidade de Barreiras – SP, livro disponibilizado para doação e download.
Barbudos, Sujos e Fatigados - Soldados Brasileiros na Segunda Guerra Mundial	Cesar Campiani Maximiano	livro	2010	
Crônicas da guerra na Itália	Rubem Braga	livro	1985	
Guerra em surdina	Boris Schnaiderman	livro	1964	
A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945	Ricardo Bonalume Neto	livro	1995	
1944: O Brasil na Guerra	Hélio Silva	livro	1964	
O Brasil na Mira de Hitler	Roberto Sander	livro	2007	
A estrada para Fornovo: a FEB-Força Expedicionária Brasileira, outros exércitos & outras guerras na Itália, 1944-1945	Fernando Lourenço Fernandes	livro	2009	
A Luta dos Pracinhas — A FEB 50 Anos Depois: Uma Visão Crítica	Joel Silveira e Thassilo Mitke	livro	1995	
Aliança Brasil-Estados Unidos — 1937-1945	Frank D. McCann	Livro	1995	
Quebra-Canela — A Engenharia Brasileira	Raul da Cruz Lima	livro	1982	

na Campanha da Itália	Junior			
Terceiro Batalhão — O Lapa Azul	Agostinho José Rodrigues	livro	1976	
Operação Brasil: O Ataque Alemão Que Mudou o Curso da Segunda Guerra Mundial	Durval Lourenço Pereira	livro	2015	
Bom Dia, Meus Camaradas — Marechal Aguiinaldo Caiado de Castro	Magaly Caiado de Castro	livro	?	
A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial	Ricardo Seitenfus	livro	1985	
O Expedicionário — Memórias da 2ª Guerra Mundial	Joaquim Pinto Magalhães	livro	?	Expedicionário
“As Duas Faces da Glória”	William Waack	livro	1985	
Lembranças da Luta	Belisa Monteiro, Dérika Kyara e Letícia Santana	livro	2011	
A VERDADE SOBRE A FEB: memórias de um chefe de Estado-maior na campanha a Itália: 1943-1945	Marechal Floriano de Lima Brayner	livro	?	
Senta a Pua!	Rui Moreira Lima	livro	1980	
A FEB Por um Soldado	Joaquim Xavier da Silveira	livro	1989	
Heróis Esquecidos	Paulo Vidal	livro	1960	
Guerra Sem Guerra	Roney Cytrynowicz	livro	2000	
O Rádio na Segunda Guerra	Rose Esquenazi	livro	2014	
Batalha Sonora — O Rádio e a Segunda Guerra Mundial	Cida Golin e João Batista de Abreu	livro	2006	
Deslocados de Guerra em Goiás	Jan Magalinski	livro	1980	
A FEB Pelo Seu Comandante	João Baptista Mascarenhas de Moraes	livro	1947	Principal comandante da FEB
Cinquenta Anos Depois da Volta	Octavio Costa	livro	1995	
Mina R	Roberto de Mello e Souza	livro	1995	
Suástica Sobre o	Stanley E. Hilton	livro	1977	

Brasil				
A Campanha da Força Expedicionária Brasileira Pela Libertação da Itália	Durval de Noronha Goyos Jr.	livro	2013	
O Brasil e a 2ª Guerra	João Falcão	livro	1988	
O Brasil na II Grande Guerra, Biblioteca do Exército	Manoel Thomaz Castello Branco	livro	1960	
“Francisco Miranda”: História...Sem a Máscara Ideológica!	Francisco Miranda	<i>blog</i>	2010	Divulga informações e vídeos exaltando a categoria da FEB
Portal da FEB	Derek Destito Vertino	<i>Site / página no Facebook</i>	2010	Considerado um dos mais importantes museus virtuais do Brasil. Mais informações sobre o acervo no cap. 4 desse trabalho.
Ecos da 2ª Guerra Mundial	André Luiz de Almeida	<i>Blog / página no Facebook</i>	2008	
Sentando a Pua	Luis Gustavo de Barros Gabriel	Loja virtual / página no Facebook	2006	Loja virtual especializado em vendas de objetos variados sobre a FEB e 2ª Guerra Mundial. Parceria da editora ADLER.
1º Festival de Filmes Militares	Exército Brasileiro	Festival de filmes	2016	Primeiro festival brasileiro de filmes da temática militar, no qual teve 59 obras de audiovisual inscritas.

FONTE: Internet (2013 / 2017).

Org.: CALISKEVSTZ, V., 2016.

É notável que os movimentos de valorização e preservação da memória da FEB se dão em diferentes instâncias, sejam elas oficiais e institucionais, tais como os museus ainda ativos espalhados pelo Brasil, assim como em iniciativas que partem da própria sociedade, manifestadas das mais diferentes formas. Nesse processo, o jogo de esquecimento e luta pela preservação, as representações são reforçadas, criando novos signos e novas linguagens para representá-los, mostrando que mesmo os signos da FEB pertencerem a um contexto histórico do passado, manifestam-se na atualidade despertando sentido a uma parcela da

sociedade, pois mesmo que de modo geral os brasileiros não exaltam os feitos da FEB, como já exaltaram no passado, sempre há pessoas em diferentes cidades que indicam uma praça em homenagem a um ou aos expedicionários, e conhece ou conheceu algum pracinha, e quase sempre indicam familiares desses veteranos. Assim, não somente os símbolos materiais da FEB se faz presente na memória das pessoas, mas os sujeitos que deram a vida e deram vida a esse simbolismo.

Um caso interessante sobre como os próprios veteranos se colocam como símbolo é da cidade interiorana de Teixeira Soares (PR), com 11.130 habitantes (IBGE, 2015), onde ainda há um pracinha vivo, conhecido como Leão_Marchinski, com 95 anos de idade. Filho de pais poloneses nasceu em 13 de abril de 1920, em solo brasileiro. A herança militar veio com o pai que era oficial da Marinha na Polônia. Ficou por mais de três anos engajado no Exército, onde passando para o contingente da FEB, fez guarda no litoral do estado do Paraná. Seu Leão comenta que quando a Alemanha tomou vários países, foi pedido ajuda ao Getúlio Vargas, o qual enviou de início, dois navios para a Itália, os quais foram afundados. Diante disso, optou-se por mandar mais, “abrindo guerra contra a Alemanha”. Seu Leão foi para o treinamento na cidade do Rio de Janeiro, onde segundo ele, “tomou várias vacinas, que tiraram seu medo”. Nesse ponto ele aguardou juntamente com muitos outros soldados o embarque para a guerra. Contudo, chega à notícia de que a guerra havia acabado, e que os soldados brasileiros havia conseguido derrotar os alemães. Nesse momento, seu Leão afirma que todos agitavam a bandeira gritando: “Brasil Herói”. Esse momento de embarque dos soldados permanece como forma representatividade na memória coletiva, já que é lembrado por vários ex-combatentes que fizeram parte da FEB, mas que não chegaram a embarcar para a guerra, além de familiares e admiradores desse fato.

Seu Leão criou em sua casa um acervo de fotografias, e DVDs onde conta as histórias, e faz questão de distribuir esse material para seus filhos e netos, pois segundo ele, os mais novos não se interessam por esse fato histórico, e o Poder Público pouco ou nenhuma importância manifesta a essa categoria e seus feitos. Para ele a participação do Brasil na 2ª Guerra não deveria desaparecer na memória da população, e os ex-combatentes deveriam ser sempre homenageados pelos seus feitos. Diante disso, seu Leão entrou algumas vezes em contato com o

Batalhão do Exército da cidade de Ponta Grossa (PR) para reivindicar um data comemorativa para os pracinhas paranaense, mas segundo relato do mesmo, esse pedido não despertou interesse do Batalhão já que o número de pracinhas não era representativos para haver essa homenagem. Essa situação fez com que seu Leão construísse na cidade de Teixeira Soares (PR) uma praça com seu nome e uma estátua sua de bronze, como forma de fazer com que todos que passam ali se lembrem de que o Brasil participou da 2ª Guerra Mundial.

FOTOGRAFIA 14 – Monumento em homenagem aos Expedicionários – Teixeira Soares (PR).



FONTE: CALISKEVSTZ, V., 2014.

Sobre seu acervo, ele afirma que na época não dava valor, mas que depois passou a valorizar sua história na FEB e de seus colegas. Desse feito, ele guarda a medalha que ganhou por ter feito parte desse grupo. Quando perguntado se esse

acervo particular seria seu patrimônio, seu Leão diz que não, que seu patrimônio são suas propriedades (casa, chácara). Já seus acervos de memórias e objetos são sua vida, sua história, tudo que ele é. Nas imagens abaixo, seu Leão mostra com orgulho o broche da FEB, usado por ele em todas as cerimônias em que foi homenageado.

FOTOGRAFIA 15 - Pracinha Leão Marchinski



FONTE: CALISKEVSTZ, V., 2015.

Seus relatos mostram que havia vários ex-combatentes na cidade de Teixeira Soares (PR) e nas cidades vizinhas, mas que a maioria deles não gostavam de falar sobre suas participações na FEB, e que ao retornarem para casa, mesmo os que não chegaram a embarcar, se tornaram reclusos. E como o poder público local nunca teve interesse em homenagear esses ex-soldados, o esquecimento se tornou comum. E foi diante desse desinteresse que seu Leão iniciou sua coleção de

acervo. Quando perguntado sobre seu acervo ser seu patrimônio, seu Leão responde que não, que seu patrimônio é sua propriedade, o acervo que ele construiu são suas histórias, sua vida. Isso demonstra que enquanto uma categoria construída ideologicamente ou conceitualmente, o termo patrimônio pode não ser representativo, mas seu significado permeia as ações sociais, até mesmo as particulares.

Percebe-se que é uma característica comum os membros da categoria da FEB não reconhecem seus acervos, suas histórias e suas representatividades como patrimônio, visto que esse é relacionado, por eles a bens materiais de ordem econômica de propriedade privada. Mas se reconhecem como parte importante da história e como heróis, e tem ciência de seus feitos e do papel que exercem nos grupos sociais em que estão inseridos. Os membros dessa categoria fazem questão de colecionar objetos pessoais e histórias, como forma de servirem de referências para as novas gerações. Afirmam que são os detentores de tais acervos pessoais, por terem participado e serem os únicos, a poder compartilhar tais experiências. Identificam a falta de reconhecimentos dos órgãos institucionais envolvidos nas diferentes esferas de poder, mas reconhecem que uma parcela da população reconhece seus feitos. Mas afirmam ser necessário e importante que os mais novos sejam contemplados com tais histórias, visto que o acontecimento histórico deixou de fazer parte da memória social das novas gerações.

Levando essa questão a outro público, os internautas, uma enquete⁴² virtual foi realizada e hospedado na página da rede social *Facebook* e na página do site “Portal da FEB”, no dia 8 de junho de 2015, na qual levantava a hipótese de que seriam ou não a categoria d FEB patrimônios vivos da sociedade sobre a importância da categoria da FEB, assim foi perguntado:

-Você acredita que os veteranos são patrimônios vivos? (Foram somadas postagens de 9 internautas diferentes) **(grifos meus)**

⁴² Link de acesso à enquete:

<<https://www.facebook.com/portalfeb/photos/a.293679184058126.67223.234557183303660/934438693315502/?type=1&fref=nf&pnref=story>>. Hospedada em 08/06/2015.

- os veteranos carregam a história e essa nunca morre!

- Não há dúvida alguma quanto a isso! Os veteranos brasileiros da Segunda Guerra Mundial **são patrimônios** de nossa história e nossa Pátria. Registrar, preservar e cultuar estas memórias é um dever de todos nós! Os veteranos são nossos "Heróis Velinhos", exemplo de um comprometimento que não mais existe nos dias de hoje. São modelo e orgulho e devem ser preservados e lembrados para sempre em nossa História.

- Com certeza são patrimônios vivos e heróis da nossa Pátria e do mundo.

- Com toda certeza

- Não. Ao meu ver, **não pode considerar uma pessoa como "patrimônio" de algo**, mas sim, os veteranos como "fontes históricas" (conceito do historiador fundador dos Annales, Marc Bloch, em "Apologia à História). São fontes vivas, que possuem muito a revelar do passado que está em pedaços. Nós, historiadores, apenas caçamos pequenas peças desse grande quebra-cabeças do passado e jamais viveremos o que nosso veteranos viveram. Por tal sentido, eles são fontes preciosas de estudo para a escrita da nossa história. Mas, patrimônios, não.

- podemos também **considerá-los como Patrimônios Vivos**, segundo as definições do IPHAN, UNESCO, entre autores que agora me fogem há memória, que trabalham com esse conceito, tendo como premissa o indivíduo no contexto histórico.

- Sim.

- meu pai foi um dos pracinhas que lutou na 2a guerra, não era militar de carreira, voltou à vida civil - grande homem, guerreiro e que nunca perdeu de vista os ideais democráticos. Sim, **os sobreviventes são patrimônios vivos**.

Levando-se em consideração que a palavra Patrimônio é conceitual, mas seu entendimento pelos sujeitos vai além da premissa de institucionalização enquanto construções ideológicas e conceituais, que podem ser colocado por pessoas, instituições ou Estado, o entendimento do patrimônio da FEB perpassa pelo reconhecimento do(s) sujeito(s) envolvido(s) com os símbolos e os sentimentos (representatividade) que esses despertam.

Com relação aos sentido/representação Hall (2016, p.22) defende que esse é condutor de ideias (mídias, consumismo, marcas, redes sociais, todo e qualquer objeto cultural), sempre constante, sempre (re) elaborado, e compartilhado constantemente em toda forma de interação social. A exemplo do contexto brasileiro na Segunda Guerra, a sociedade de modo geral passou pelo processo de

construção dos sentidos nacionalistas⁴³, usados para regular e organizar as práticas e condutas sociais. As representações foram utilizadas como forma de estruturar e direcionar (segundo interesse de grupos detentores de poder) a identidade de todos. À sociedade, os discursos dos rádios, jornais e do presidente foram utilizados para que aceitassem a entrada do Brasil no campo de Guerra e torcessem todos juntos pelos 25 mil jogadores. À esses jogadores, os discursos serviram para moldá-los como heróis, salvadores da identidade da Pátria-mãe. Assim, todos compartilharam de um conjunto de representações (sentido) que lhes permitiu sentir e interpretar a realidade construída de forma semelhante.

Enquanto criação, a representatividade da FEB permaneceu forte no período da partida, mas seu futuro não era longo, visto os receios de Getúlio Vargas, e em sua dinâmica natural, seria completamente extinção e parcialmente esquecida, já que vários monumentos em homenagem à figura do expedicionário foram sendo eternizadas em estátuas, bustos e placas pelas praças de algumas cidades. Esse processo identitário com os feitos da categoria da FEB, principalmente em cidades menores, onde a relação entre indivíduos se dá de forma mais direta e o reconhecimento é mais forte, os próprios expedicionários, agora individualizados, com nomes e uma história, passaram a ser a materialidade que a realidade subjetiva das representações nacionalistas construíram, mas que não era palpável, somente imaginada. Os heróis ainda vivos que eram exaltados em jornais e rádios, agora moravam na esquina. Com o passar do tempo, a realidade construída dos heróis da nação, bravos protetores da pátria, foram sendo mescladas por realidades formadas de problemas mentais, abandono, descaso e desrespeito da pátria com seus filhos.

E esse é o ponto em que as identidades tendem a se reforçar, e potencializar suas formas de representação. Assim, novas estátuas, novos bustos, novas placas e novos espaços de valorização da memória dessa categoria, foram sendo construídos. Museus, monumentos, símbolos, acervos, e os indivíduos da categoria, transformam-se em patrimônios nacionais por sua representatividade não somente por despertarem nas famílias, pesquisadores, admiradores, e inúmeros moradores

⁴³ Esse processo já vinha ocorrendo no Brasil desde sua fundação, como apontado por Chaui (2000), potencializado no período republicano (CARVALHO, 1990), e disseminado pelo uso das mídias (rádio e jornais) no período da Segunda Guerra Mundial.

de diferentes cidades que conhecem ou ouviram falar de um expedicionário e de seus feitos, os sentimentos de respeito, pertencimento e preservação de seus bens materiais e suas memórias, mas por terem todos de alguma forma, uma ligação coesa de responsabilidade nacional com a história da participação do país numa guerra mundial, essa se traduz na principal questão apontada pelas pessoas, nos diferentes meios pesquisados, as quais culpam a sociedade e os governos pelo abandono e esquecimento.

Dessa maneira, os feitos e sentimentos da história da FEB materializaram-se na forma de um conjunto cultural representado por um sistema de linguagem: discursos, ritos, imagens, textos, monumentos, espaços de memória e objetos, construídos (num determinado tempo) e transferidos (pelo tempo/espaço, por várias gerações) num processo de troca, aos demais membros da sociedade, que tomaram a decisão de adotá-los em maior ou menor escala, mas nunca negando-os como verdades, pois somente no processo de aceitação e troca é que os indivíduos conseguem ler, decodificar e interpretar os signos, adotando-os através de seu sentir, como pertencentes a eles. Todo esse conjunto cultural da FEB representa as ideias, sentimentos e conceitos de nacionalismo, que um dia foi construído e implantado no cenário social brasileiro. No esquema abaixo, é demonstrado o sistema de representação da categoria da FEB na realidade (construído) atual.

ESQUEMA 2 – Sistema de Representação da FEB



Sistema de Representação de da FEB
Org: CALISKEVSTZ, V., 2016.

No processo de entendimento da representação que a categoria da FEB desperta na população em geral, percebe-se que tanto os monumentos em praças públicas, acervos particulares, museus, e a categoria com seus indivíduos, são lembrados e indicados pelas pessoas com diferentes adjetivos e conceitos, sendo um deles, patrimônio. Como visto todo símbolo, conceito e realidade são construções sociais, inventadas por determinados grupos em um determinado período temporal e transmitida a toda a sociedade para que absorva e reproduza tais “verdades”. Assim, cada elemento, mesmo que comum a toda a sociedade, não desperta os mesmos significados no geral, pois mesmo que de fato sua representatividade se faça presente e internalizada, seu sentir não será igual a todos. No processo de busca pela comprovação da hipótese levantada na presente tese, entende-se que enquanto uma representação (conceito), o patrimônio é

entendido e sentido de diferentes formas, pois se buscar sua compreensão somente no campo legal, essa ficará restrito a uma invenção com data e local definido. Mas se tal entendimento extrapolar as fronteiras das leis, o campo de compreensão e significação desse conceito vai se expandir consideravelmente. Nessa pesquisa inúmeros exemplos de manifestações desse “sentir patrimonial” foram apresentados, demonstrando que a sociedade pode internalizar a categoria da FEB e seus indivíduos como patrimônios vivos do Brasil. Nesse sentido, o termo “patrimônio vivo” não é restrito e direcionado somente aos integrantes da FEB que ainda permanecem vivos, visto que isso leva a um reducionismo da importância histórica e cultural da categoria como um todo, sem contar que essa questão esbarra em proibições legais, mas ao contrário do que o termo possa restringir, reconhecer que a categoria da FEB com todos os seus integrantes, e todo o seu simbolismo representado por monumentos, museus, espaços de memória, acervos particulares e memórias, produções culturais como filmes, documentários e livros, compõem de fato um patrimônio vivo, é reconhecer que ele está vivo e presente nos espaços públicos das cidades, nas casas das famílias dos veteranos, nos museus, nos espaços virtuais, e nas memórias dos expedicionários ainda vivos e de todas as pessoas que lembram, pesquisam, e admiram os feitos desses milhares de homens e mulheres que lutaram numa guerra mundial. Ser um patrimônio vivo é ter um reconhecimento no tempo presente, é estar vivo na memória, é estar materializado nos espaços físico e virtual. Nesse sentido, a categoria da FEB se apresenta como uma categoria especial dentro da sociedade, pois qual outra categoria ou grupo brasileiro já lutou numa guerra mundial, e é esse feito que torna esses milhares de indivíduos patrimônios, por serem especiais, únicos, e por ainda serem referenciados e representados nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sociedades são construídas, e os elementos que a forma, também provém de construções imaginadas e compartilhadas ideologicamente, assim, todos os signos, símbolos, linguagens, discursos, conceitos, são produzidos e produzem sentido nos indivíduos, onde no processo de elaboração e internalização, produzem cultura, estabelecida a partir das relações sociais historicamente herdadas, materializadas de diferentes formas no espaço. Assim, são as (rel) ações da sociedade com seu espaço que produz as diferentes realidades, ou seja, as formas de enxergar, sentir, internalizar e reproduzir no mundo. São mediadas por grupos hegemônicos que tomam a forma do Estado e instituições sociais das mais diversas que conduzem, segundo suas ideologias o andar das realidades, sempre constantes e sempre instáveis, pelo embate entre ideias e posicionamentos dos sujeitos envolvidos.

Neste trabalho foi demonstrado como essas relações determinam e moldam os sujeitos e o espaço social, principalmente se essas estiverem ligadas ao processo de construção do nacionalismo. Dessa forma, abordar tais conceitos, os quais também são entendidos aqui como construções, como forma de compreender a construção de grupos socialmente organizados, como a FEB é mostrar como tais estruturas ideológicas exercem seus poderes sobre a vida das pessoas, sem que elas se deem conta desse processo. Mas as lutas e embates sociais diante de tantas realidades ideológicas criam diálogos e manifestações que se materializam de diversas formas no espaço, firmando-se enquanto estruturas organizadas e resistentes à imposição das decisões das forças dominantes.

Assim, a construção da FEB se deu além das decisões do Estado brasileiro, pautada em interesses próprios e internacionais, que obrigou o país a posicionar-se diante do conflito colocando no campo de batalha, milhares de soldados, os quais muitos sem nenhuma experiência militar, lutaram e morreram para defender ideias nacionalistas que futuramente iria renegá-los e abandoná-los à própria sorte. A categoria foi construída por discursos, e extinta por receio político. Foi recebida com

festa e abandonada sem direitos, tudo num curto espaço de tempo.

Contudo, a situação de abandono serviu de combustível para inúmeras manifestações de jornais, associações e familiares que de início, ou seja, recentemente após o fim do conflito, lutavam pela reintegração desses milhares de soldados em um país que rapidamente esqueceu-se de seus feitos. Posteriormente, essas reivindicações passaram a ganhar novos sentidos, materializando-se em simbolismos em diferentes espaços, na busca por manter viva e compartilhar com as gerações que se seguiram, a memória desse fato histórico negligenciado pelo Estado em todas as suas instâncias.

As manifestações sociais que foram surgindo enquanto monumentos, museus, espaços de apoio a veteranos, produções de livros com relatos de memórias, foram se consolidando em um acervo patrimonial, onde a valorização dessa categoria passou a ser mais reivindicada. Ao passo que mudanças sociais transformam o espaço com novas técnicas e tecnologias, essas manifestações foram se moldando às novas realidades sociais, e adquiriram novos sentidos, reforçando a velha busca pela preservação da memória da FEB. Manifestados na forma de redes sociais virtuais, trocas de informações, depoimentos, relatos e fortalecimento de respeito e indignação perante o abandono dos ex-combatentes, foram se estruturando e servindo de referências a todos os grupos sociais que de alguma forma se identificam com a FEB. Nesse processo uma grande rede de pessoas começou a construir memórias, que a história oficial não contou, dando nomes e voz aos ex-combatentes e suas famílias, num processo de fortalecimento e ajuda mútua na busca pelos seus direitos. Assim, as considerações aqui explanadas não se colocam como concluídas, visto a necessidade de valorização e preservação do acervo patrimonial desta categoria, mas os esforços aqui empregados almejam ser de utilidade a todos os indivíduos e grupos de apoiadores que de diferentes formas lutam pela preservação e perpetuação da representatividade que esse patrimônio possui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, B.; COLODA, T. A. **Patrimônio cultural militar da cidade de Ponta Grossa – PR**. (TCC – Trabalho de conclusão de curso). Departamento de Geografia / UEPG: Ponta Grossa, 2012.

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 2ªed. São Paulo: Companhia editorial nacional, 1944.

BOSI, E. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ªed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CANDAU, J. **Memoria e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas: o imaginário da republica no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. 8ªed. (Trad.) Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHOAY, F. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Trad.: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

_____. *A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia*. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. **Elementos da epistemologia da geografia contemporânea**. (Orgs.) Francisco Mendonça e Salete Kozel. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. Reimpressão 2004.

_____. Convergência Cultural (Apresentação) In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; FILHO, S. G. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. Orgs: Salete Kozel; Josué da Costa Silva; Sylvio Gil Filho. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2a ed. Bauru: Edusc, 1999.

FERRAZ, F. C. A. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da FEB (1945-200)**. Londrina: Eduel, 2012.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. 10ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GOTTDIENER, M. **A produção Social do Espaço Urbano**. Trad.: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da USP, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11ªed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

_____. **Cultura e Representação**. Trad.: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC –Rio: Apicuri, 2016. 260p.

HOBSBAWN. E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 4ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1997.

KOZEL, S. *Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas*. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; FILHO, S. G. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. Orgs: Salete Kozel; Josué da Costa Silva; Sylvio Gil Filho. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad.: Hilda Pareto Maciel, Rogerio Haesbaert. 3ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. 3ªed. São Paulo: Contexto, 1991.

ORWIG, C. **A luta criativa: dê o melhor de si e tenha a vida que sempre sonhou**. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2016. 288p.

SAHR, W. D. *Signos e Espaço Mundo – A Semiótica da espacialização na Geografia Cultural*. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; FILHO, S. G. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. Orgs: Salete Kozel; Josué da Costa Silva; Sylvio Gil Filho. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

SANTOS, J. L. **O que é Cultura**. 6ªed. Coleção Tudo é História. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62). (p. 454 – 458).

VERTINO, D. D. **Da glória ao esquecimento: os socorrenses na Segunda Guerra Mundial – Resgatando a memória da cidade**. Socorro – SP: Estúdio Arte D, 2013.

Referências Eletrônicas:

ABREU, R. M. *Síndrome de Museus?* **Revista Encontros e Estudos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 51-68, 1996. Disponível em: <<http://reginaabreu.com/site/images/attachments/artigos/Sindrome%20de%20museus.pdf>>. Acessado em 09/06/2015.

ALVES, V. C. *O Brasil e a segunda Guerra Mundial: autonomia na dependência*. In: OLIVEIRA, D.; (et al). *A força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. **Revista Estudos e Pesquisas – DECEX / DPHCEX / CEPHIMEX**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf>. Acessado em 20/06/2015.

ANVFEB - Associação dos veteranos da FEB. (Disponível em: <http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/medalhas_da_feb.htm, acessados em: junho de 2015).

BLOG – **Fundamentos teóricos em informação I**. Disponível em: <<http://fundamentos1.wordpress.com/2009/09/01/nocoas-de-cultura-erudita-popular-e-de-massa/>>. Acessado em agosto de 2013.

BLOG – **Jacareí: tempo e memória**. Disponível em: <<http://www.jacareitempoememoria.com.br/2014/02/o-brasil-na-ii-guerra-mundial.html>>. Acessado em: 17/06/2014.

BLOG – **O Lapa Azul**. Disponível em: <<http://olapaazul.com/2012/07/17/longa-jornada-com-a-feb-na-italia/>>. Postado em 17/07/2012. Acessado em: 30/02/2015.

BLOG – **Pitoresco**. Disponível em: <<http://pit935.blogspot.com.br/2013/08/eventos->

[em-destaque-no-dia-22-de-agosto.html](#)>. Acessado em: 17/06/2014.

BONET, F. S. **O discurso oficial brasileiro durante a II Guerra Mundial O Brasil se une para a Guerra**. ANPUH – RS, Sessão Vestígios do Passado: a história e suas fontes, 2007. Disponível em: <http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1209067969_ARQUIVO_Odiscursooficialbrasileiro_duranteaIIGuerraMundial.pdf>. Acessado 22/08/2016.

BRASIL. **Decreto - Lei Nº 1.187, de 4 de abril de 1939**. Dispõe sobre o Serviço Militar. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del1187.htm>. Acessado em 06/04/2016.

_____. **Lei nº 6.454, de 24 de outubro de 1977**. Dispõe sobre a denominação de logradouros, obras serviços e monumentos públicos, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 out. 1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6454.htm>. Acesso em: 16 mar. 2015.

_____. **Lei nº 7.709, de 5 de julho de 1945**. Dispõe sobre a criação da medalha "Sangue do Brasil" para os feridos de guerra. Disponível em:< <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1940-1949/decreto-lei-7709-5-julho-1945-378564-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____. Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM). **Brasília: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus, 2010**. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

_____. Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). **Ibram abre pesquisa da 13.^a Semana de Museus para instituições participantes**. 2015. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/13-semana-de-museus/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

CATROGA, F. **O culto dos mortos como uma poética da ausência**. Revista

ArtCultura, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010. P. 163 -182.
Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f_catroga_20.pdf>.

CLAVAL, P. **A volta do cultural” na geografia.** Revista Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.
<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/192>.

COSTA, H. **II Guerra: Documentos Secretos da luta na Itália.** 1ª Ed. Ponta Grossa – PR: Editora Secal, 2015. Disponível em:
<http://www.secal.edu.br/img_editor/II-Guerra_documentos_secretos.pdf>. Acesso em: 01 de outubro de 2015.

HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.* In: **Media and Cultural Regulation**, da série organizada pela **Open University denominada Culture, Media and Identities** (Cf. referências bibliográficas). 1997. Disponível em: <
http://www.educacaoonline.pro.br/artigos_autor.asp?p_id_autor=381>. Acesso em 08/08/2014.

OLIVEIRA, D. **Reintegração social do ex-combatente no Brasil: o caso da Secretaria de Assistência da Legião Paranaense do Expedicionário - SAILPE (1946-1960).** Revista Militares e Política, nº 09, Rio de Janeiro (jul. – dez. 2011), p. 8-23. Disponível em: <
http://www.lemp.historia.ufrj.br/revista/Reintegracao_social_do_ex-combatente.pdf>. Acesso em 20/08/2014.

_____. **Guia do Museu do Expedicionário 2011.** Guia de visitação para o Museu do Expedicionário (MEXP), Curitiba/PR: UFPR, 2011. Disponível em: <
http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/guia_museu_expedicionario.pdf>. Acesso em 21/08/2014.

Portal Museu do Expedicionário de Curitiba – PR: Disponível em: <<http://www.museudoexpedicionario.com/>>. Acessado em: 04/03/2015.

SILVA, M. A. P. **Os Veteranos da Força Expedicionária Brasileira: História, Memória e Patrimônio no Estado de Mato Grosso do Sul**. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Completos/Marcio_Silva.pdf>. Acessado em: 06/02/2014.

SITE Ecos da Segunda Guerra: o maior acervo sobre a segunda guerra mundial. Disponível em: <<http://segundaguerra.net/feb-o-retorno-dos-pracinhas-ao-brasil/>>. Acessado em: 06/09/2015.

_____. Disponível em: <<http://segundaguerra.net/feb-o-retorno-dos-pracinhas-ao-brasil/>>. Acessado em: 09/09/2015.

SITE – Museu da Guerra. Página do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/museudaguerra/?fref=ts>> Acessado em: 13/04/2016.

SITE - Portal da FEB. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/>>. Acessado em: 07/04/2015.

SITE - Portal da FEB. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/a-homenagem-esquecida-memorial-aos-pracinhas-da-feb-em-brasil>>. Acessado em: 05/08/2016.

SITE - **Portal da FEB.** Disponível em: < <http://www.portalfeb.com.br/relacao-nominal-das-enfermeiras-da-forca-expedicionaria-brasileira/>>. Acessado em: 09/04/2016.

SITE – **Porta G1.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/justica-do-rio-bloqueia-contas-da-associacao-de-veteranos-da-feb.html>>. Acessado em: 22/09/2016.

SITE - **Revista Operacional.** Disponível em: <<http://www.revistaoperacional.com.br/2015/historia-2/a-cobra-fumou-entenda-o-simbolo-da-feb/>>. Acessado em: 13/04/2015.

ROSA, A. S. **A reintegração social dos ex-combatentes da força expedicionária brasileira (1946-1988)**, 103f. (Dissertação) Curitiba: UFPR, 2010. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24970?locale-attribute=pt_BR>. Acessado em: 16/05/2015.

ROSENHECK, U. **Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos.** Revista Militares e Política, Rio de Janeiro, Nº 03 - (julho-dezembro 2008), p. 7-16. Disponível em: <http://www.academia.edu/28714455/Entre_a_comemora%C3%A7%C3%A3o_do_passado_e_a_constru%C3%A7%C3%A3o_do_futuro_os_monumentos_da_FEB_em_seus_contextos>. Acessado em: 17/05/2015.

UEPG. **Manual de normalização bibliográfica para trabalhos científicos.** 3ª ed. Ponta Grossa: UEPG, 2010. Disponível em: <http://ead.uepg.br/site/wp-content/uploads/2016/02/LIVRO_Manual-de-Normaliza%C3%A7%C3%A3o-Bibliogr%C3%A1fica.pdf>. Acessado em: 17/05/2013.

UNESCO - **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a**

Cultura. *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial Paris, 17 de outubro de 2003.* Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acessado em agosto de 2014.

VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62). (p.450 – 453). Disponível em: <bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio_vargas.pdf>. Acessado em: 17/12/2016.

XAVIER, D. W. **Museus em movimento: Uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da Nova Museologia**. 150 f. Dissertação. (Programa de Mestrado em Museologia - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciências Sociais e Humanas). Lisboa, 2012. Disponível em: <http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/denise_walter_xavier.pdf>. Acessado em: 17/10/2015.

Entrevistas:

ARAÚJO, J. M. G. **O monumento da FEB na cidade de Irati (PR)**. [setembro 2014]. Entrevistador: Viviane Caliskevstz. Casa da Memória –Irati (PR), 2014. 1 gravador de áudio digital USB.

MARCHINSKI, L. Monumento em homenagens aos pracinhas na cidade de Teixeira Soares (PR). [fevereiro 2014]. Entrevistador: Viviane Caliskevstz. Casa de Leão Marchinski - Teixeira Soares (PR), 2014. 1 gravador de áudio digital USB.

QUIQUINO, J. **Os pracinhas do Museu do Expedicionário (PR)**. [maio, 2015]. Entrevistador: Viviane Caliskevstz. Museu do Expedicionário (PR), 2015. 1 gravador de áudio digital USB.

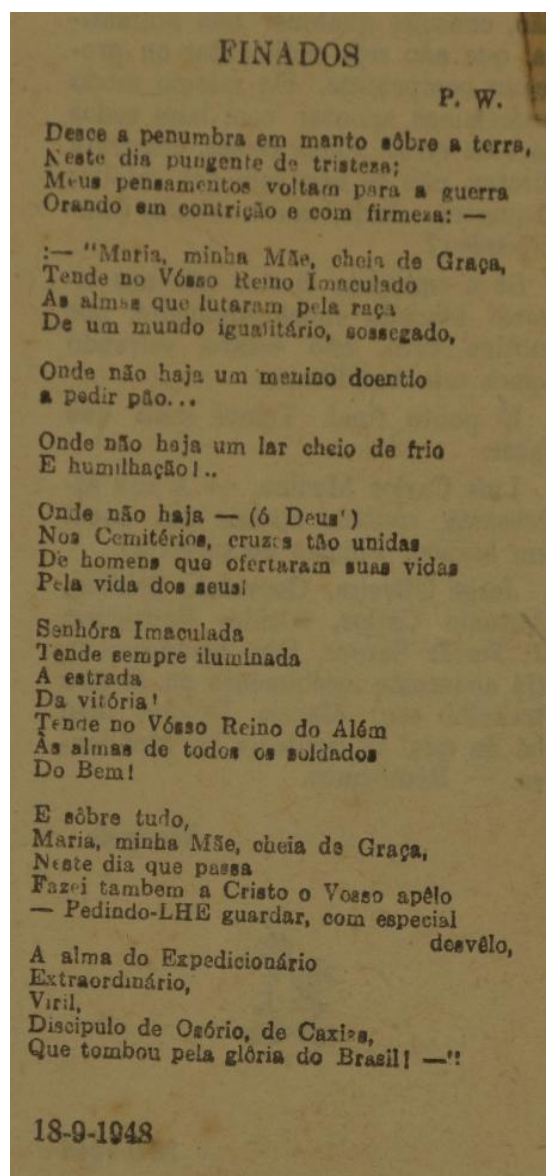
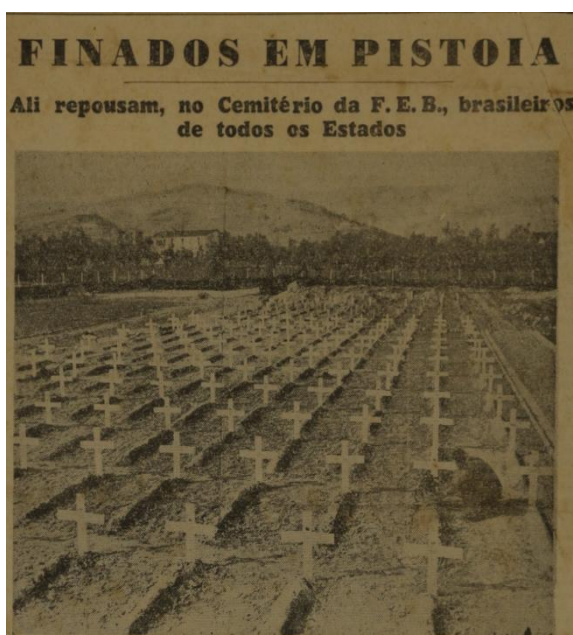
VERTINO, D. D. **O portal da FEB**. [outubro, 2014]. Entrevistador: Viviane Caliskevstz. *Internet* - Rede social Facebook (BR), 2014. Messenger (mensagem instantânea). Enquete disponível em: <https://www.facebook.com/portalfeb/photos/a.293679184058126.67223.234557183303660/934438693315502/?type=1&fref=nf&pnref=story>. Hospedada em 08/06/2015.

VODZYNSKI, D. **Museu da Guerra itinerante da 2ª Guerra Mundial**. [junho, 2016]. Entrevistador: Viviane Caliskevstz. Associação Hansahoere (SC), 2016. 1 gravador de áudio digital USB.

APÊNDICE – Fotografias, discurso e recortes de jornais sobre a FEB

APÊNDICE A - O culto aos mortos, um dos discursos mais fortes do nacionalismo.

O culto aos mortos, um dos discursos mais fortes do nacionalismo. Recortes de diversos jornais coletados em pesquisa do Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba - PR. Cadernos de recortes de jornais das décadas de 40 – 60. Todas as fotografias foram registradas por KUGLER, Ricardo, 2016.



Notícia sobre a construção do Mausoléu que se encontra na Praça em frente ao Museu do Expedicionário em Curitiba – PR. Jornal Gazeta do Povo de 07/06/1957.

Construção do mausoléu do expedicionário



Realizou-se, ontem, no gabinete do secretário da Viação e Obras Públicas, presente o respectivo titular, sr. Eurico Batista Rosas, uma reunião de abertura dos ante-projetos apresentados ao concurso para a construção do mausoléu do expedicionário em frente à Casa do Expedicionário. Tendo a comissão designado uma subcomissão de técnicos para apreciar os trabalhos, a reunião teve como finalidade verificar as atividades da referida subcomissão, relativamente àqueles ante-projetos. A comissão é composta dos seguintes elementos: srs. Eurico Batista Rosas, Prefeito Ney Braga, Tho-

maz Walter Ywersen e cel. Florismar Campelo. Ao ato estiveram presentes o deputado Thadeu Sobocinski, autor do projeto de lei que autorizou a construção e os técnicos, membros da subcomissão: srs. Frederico Brambilla, Mario de Mari e Perí Ferreira Leite. Verificados todos os ante-projetos, que mereceram acurados estudos, chegou-se a esta conclusão decisiva: a classificação em primeiro lugar do ante-projeto apresentado pelo sr. Haroldo Meister, tendo, assim, este concorrente saído vencedor na sua proposta para construção do mausoléu do expedicionário.

A foto acima fixa um flagrante da reunião.

GLORIA AOS QUE MORRERAM POR UM MUNDO MELHOR!

— — A remoção dos brasileiros que ficaram em Pistoia — 451 mortos e 2733 feridos em ação — 39.573 prisioneiros, inclusive dois generais — —

Jornal O Cruzeiro em 19/12/1959.

DEUS SABE O NOME DOS 13 HERÓIS

As treze urnas funerárias que, no Monumento Nacional da F.E.B., ora em conclusão no atêrro da Glória, vão recolher as cinzas dos nossos "soldados desconhecidos" (não identificados) que tombaram heróicamente na 2.^a Grande Guerra Mundial, vão ter uma inscrição de autoria do poeta Lêdo Ivo. Cada lápide terá os seguintes e sumários dizeres: "Aqui jaz um herói da F.E.B. — Deus sabe seu nome". Atendendo a pedido do Marechal Mascarenhas de Moraes, feito através do Capitão Sílvio Reis, Lêdo Ivo fez uma sugestão logo aprovada pelo antigo comandante das nossas Forças Expedicionárias. E assim, é de um poeta (que já cantou o cemitério de Pistóia num poema) a inscrição glorificadora.

APÊNDICE B - Fotos “posadas” dos integrantes da FEB em campo de batalha.

Recortes de diversos jornais coletados em pesquisa do Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba - PR. Cadernos de recordes de jornais das décadas de 40 – 60. Todas as fotografias foram registradas por KUGLER, Ricardo, 2016. Organização: CALISKEVSTZ, V.

Fotos “posadas” dos integrantes da FEB em campo de batalha.



Em pleno inverno dos Apeninos, caminhões da F.E.B. recebem provisões de um depósito instalado nas imediações de La Pieve (vale do Reno).

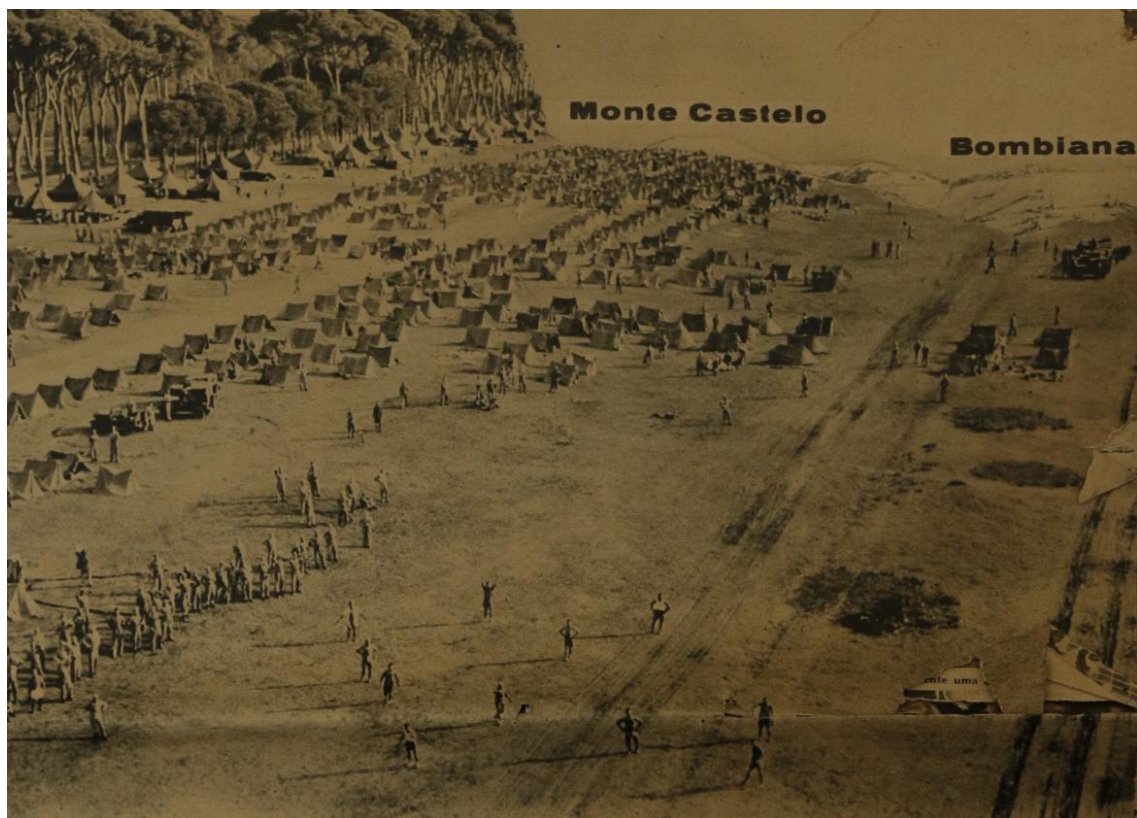
1º Escalão da FEB recebendo instruções sobre armamento americano. Jornal O Cruzeiro Nº49, em 30/09/1944.



Jornal O Dia em 10/01/1945.



Registro de acampamento dos soldados da FEB na Itália.





O soldado José Maria Tôrres, natural de Viçosa, MG, foi o primeiro pracinha a disparar contra as posições alemãs.

Em Montese o grande herói foi o Regimento Sampaio

VALE do Panaro, 14 de abril de 1945. Contingentes alemães são derrotados em Montese pelas tropas brasileiras do 1.º Regimento de Infantaria — o célebre Sampaio — e do Esquadrão de Reconhecimento. Nesta batalha, que se prolongou por quarenta e oito horas, destacaram-se, entre outros, o Major Siseno Sarmento, do Sampaio, e o Capitão Plínio Pitaluga, do ER. Quinze dias depois da vitória brasileira, terminava a II Guerra Mundial.

SEGUE



Após a difícil conquista de Montese

uma vanguarda brasileira marcha em direção ao vale do Panaro para a última ofensiva.



Montese, em chamas, ficou para trás. Mas ainda havia um longo caminho a trilhar, até a rendição da 148.ª alemã, em Fornovo.





Joel Silveira e Egidio Squeff viveram com a FEB seus meses de combate.

O pior da guerra para um combatente é esperar a guerra. Com algum exagero, penso que isto é verdade. Aquêles pracinhas que eu vi a mais de dez graus abaixo de zero, mergulhados no foxhole de neve, dias e noites, como imobilizadas rapôsas sem presa, deram para mim a imagem do desespero à espera do inimigo. Muitos deles tinham vindo do escaldante Nordeste, alguns do Ceará. As longas estiagens de fogo os torturavam como a sede periódica de sua terra natal.

Frente relativamente calma, a frente italiana, inquietação de obuses, algumas granadas, esparsas metralhadoras. A gente bebia e fumava, os correspondentes; era o remédio.

O acampamento de Pisa chovia e enervava a cântaros, em outubro. Confinados em barracas sobre a lama, soldados e oficiais fazíamos a refeição da manhã, seis horas, com as botas molhadas e barrentas. Esperávamos a guerra. Tinha havido um forte bombardeio ao norte, ouvíamos dizer. A ordem era não deixar o acampamento, com instruções de rigor extremo, como é normal em rigor de guerra.

Mas aquela paz prolongada de chuva e lama de todos os dias não era a guerra dos nossos sonhos. Dormia eu na mesma barraca do correspondente Rubem Braga, à luz da vela. Eram silêncios intermináveis. Acabei sabendo que um caminhão, jipe-comando, saía para Pisa todos os dias, antes do amanhecer. Do acampamento à cidade, creio que não se gastavam mais de quarenta minutos. Ainda não clareava o dia, quando o caminhão regressava.

Foi a minha primeira transgressão das leis de guerra, que o Rubem me perdoe esta delação. Acabamos indo e vindo a Pisa para trazer conhaque, que bebíamos, sentados frente a frente, na cama de campanha, até que a vela se apagasse. Muitas vezes pelo vento.

Falei na enervante espera da guerra. Longa espera, até o desembarque em Nápoles. Iríamos embarcar hoje, amanhã, depois, quem sabe? A data se renovava sempre. Sempre a espera.

O transporte de guerra norte-americano General Meigs ficou no cais umas quarenta horas, creio eu, depois de lotado com mais de cinco mil homens. Para mim, para todos nós, foi meio século, aproximadamente. Era setembro e fazia calor. A gente ali, numa grande gaiola camuflada cor de cinza, quase da cor do mar, janelas e portinholas fechadas. Era a precaução contra a quinta-coluna, que agia com a colaboração dos integralistas, tendo já provocado



OS PRACINHAS
INVESTIRAM
QUATRO VÉZES
ATE CONSEGUIR
TOMAR MONTE
CASTELO

o afundamento de vários navios brasileiros. Do cais víamos a cidade em luz. Já pensaram? Partimos — afinal! — a 22 de setembro, em plena primavera. Não direi que os rouxinóis cantavam, mas os pracinhas ficaram em alvoroço. Partíamos!

Quatorze dias de mar. Éramos doze homens, no "camarote", obrigados a dormir com o salva-vidas na cabeceira. Depois da primeira semana, a comida se tornava insuportável para os pracinhas, com os eggs e presuntos, ervilhas adocicadas da cozinha americana. Que afundem o nosso navio, comentava um deles, mas eu quero feijão com farinha. FELJÃO COM FARINHA!

Jornal O Globo de Fevereiro de 1946.



FOTOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NO "FRONT"



Temos no cliché varias fotografias da Força Expedicionária Brasileira em operações no "front" italiano. Da esquerda para a direita: caminhões carregados de abastecimento, para os combates; o cabo Ernesto Souza Vidal, de Piratininga, no Estado de S. Paulo, removendo a neve do capuz de seu jeep, depois de uma tempestade e, finalmente, tropas carregando suprimento de munições para canhões de 105 mm. A localização central permite suprimento rápido para as baterias de artilharia.

Recortes de diversos jornais demonstram para a população a exaltação da categoria da FEB.

**MENSAGEM AOS BRAVOS DO REGIMENTO
E AOS HERÓIS DE MONTE CASTELO**

DERROTADOS OS NAZISTAS RENDEM-SE AOS BRASILEIROS

**Há um ano Montese caía
em poder dos brasileiros**

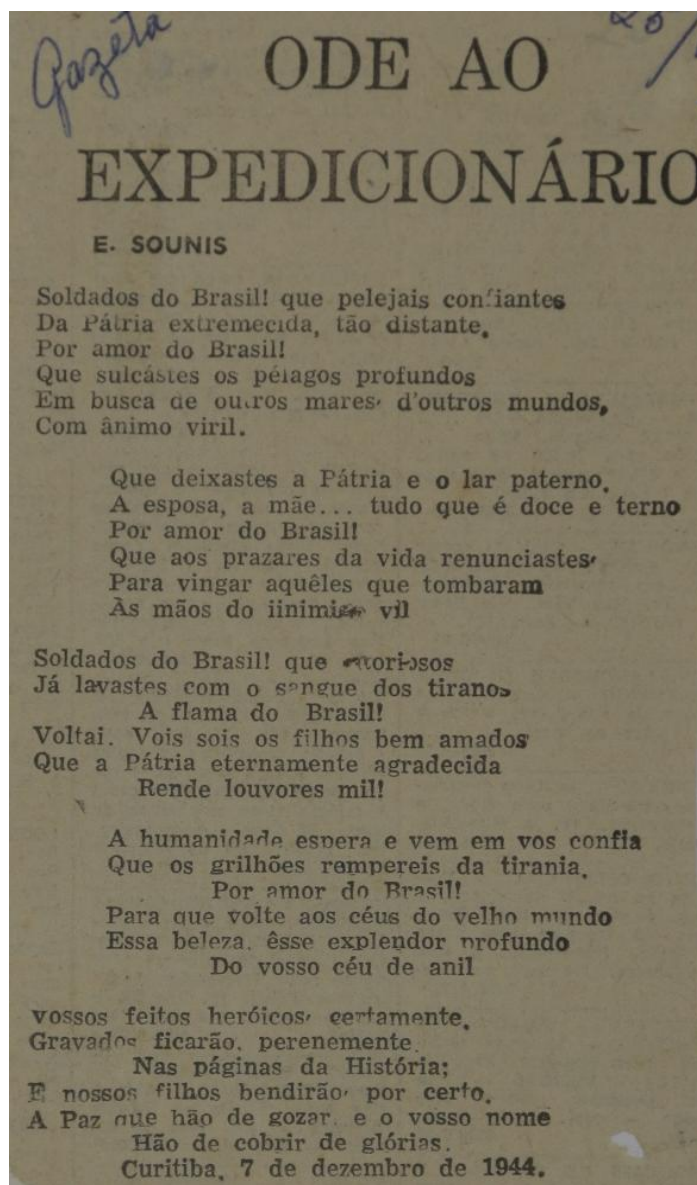
A data será comemorada pelo Exército em
todos os seus quartéis e estabelecimentos

Diário de Notícias
TERCEIRA SECÇÃO Domingo, 16 de setembro de 1945

OS FEITOS DA FEB NO CAMPO DE BATALHA
Como atuou no "front" o 11.º Regimento de Infantaria — Histórico de seu comandante, coronel Delmiro Pereira de Andrade, feito em Francolise, durante a cerimônia da condecoração da Bandeira do Brasil com a Cruz de Combate de 1.ª classe — Homenagens aos que deram a vida pelo engrandecimento da Pátria

APÊNDICE C - Poemas exaltando a categoria da FEB.

Poemas exaltando a categoria da FEB eram constantemente publicados em páginas dos jornais de grande circulação do período da 2ª Guerra Mundial. (Jornal Gazeta do Povo de 07/12/1944 – Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR). Foto de KUGLER, R., 2016. Organização: CALISKEVSTZ, V.).



Poema publicado no Jornal A Gazeta de São Paulo, em 23/02/1955. (Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba (PR). Foto de KUGLER, R., 2016).

Os heróis de "Monte Castelo"

(Do saudoso poeta e pintor italiano prof. ROSARIO BERNAUDO
na tradução de AGOSTINHO SOLIMENE)

Entusiasmados entre a grande pugna,
escalaram a rocha, onde o inimigo
lançava seus morteiros sem descanso.

Mas, rolando os Heróis, uma Bandeira
fixaram sobre a torre do Castelo,
e sobre a neve candida do monte
as impressões do sangue.

E aquele sangue,
já transformado em lindas flores rubras,
dita, ao viajor licenciado da ITALIA,
ao esquiador que transita: "Detem-te!...
Si os membros congelados ressentires
e o coração no afã, uma corola
samente que tu beijes, novo ardor
virá aquecer-te a vida, um novo amor
para elevar-te ao píncaro do monte
co'a glória do "PRACINHA" que vencera
o grande estorvo que o imortalizara"...

Um poeta passou. Passou com asas
ocultas, mas possantes no seu voo,
e atravessou, rasante, o prado ardente.

De cada flor compôs um verso nobre
e o traduziu na tela; pois pintor
ele já fôra, assim como poeta.

E diz o verso — diz, enfim, a pintura:
Suntuosa Catedral se ergue solene,
e à porta um Sacerdote celebrando
a Santa Missa aos Heróis tombados.

O povo ajoelhado, atento escuta
a prece humilde, calorosa, imensa,
enquanto o incenso queima-se no bronze
das tripodes fumantes e expande o hálito
da fervorosa fé que se levanta
com alma bem devota diante Deus.
Rezam, pois, os Heróis sobreviventes,
um, junto ao outro, longo a escadaria,
à guisa de ornamento, na imponência
de um monumento vivo, palpitante.

Nos altos, a montanha gigantesca,
o píncaro nevoso; o Estandarte,
dilacerado em parte sobre as franjas
do Castelo em ruína, que tremula
e alastra aos Céus imensos a Vitória.

Flores de sangue, humanos Rododendros,
vindos do morro em ornamento ao Templo,
completam o sentir, a voz oculta
que o poeta ouviu, bem como ouviu a mãe
do tombado, desconhecido Herói,
que de joelho, curvada, reza, beija
com nobre sentimento o seu pendão,
o sacro pano que, propenso ao chão,
numa harmoniosa dobra flutuante,
descreve — em si — em mística maneira,
o perfil do "PRACINHA" que tombara,
glorificando a PATRIA BRASILEIRA.

Trecho de texto exaltando os Soldados. (Jornal Imprensa Militar de 05/10/1944, p.04
– Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba - PR. Foto de KUGLER, R.)

Soldado expedicionário do Brasil — és tão bom quanto o melhor dos teus camaradas de qualquer outra raça, de qualquer outro povo e de qualquer outra pátria.

Soldado expedicionário do Brasil — és melhor, incomparavelmente melhor, do que qualquer dos teus inimigos, porque, além de seres bravo e heróico, por atavismo e por ações, és livre e te bates livremente pelo domínio da liberdade na face da terra!

Tamanho físico não é documento!

Não te importes que teus inimigos tenham dois metros de altura.

Tua moral é mais alta e mais sólida do que o pedrouço do Pão de Açúcar, do que o bloco granítico do Corcovado, do que a serra abrupta dos Órgãos e do que a alcantilada Itatiaia, com suas flechíneas Agulhas Negras.

É a moral quem ganha a guerra. Tua moral nunca se abateu, teu ânimo nunca se entibiu, tua bravura jamais feneceu!

Vencerás porque és forte, porque és bravo e aguerrido.

Vencerás porque és brasileiro!

Daqui te enviamos o cáldo aplauso da nossa admiração por ti e a afirmativa, muito sincera, da confiança ilimitada que em ti depositamos!

Não há prantos, nem lágrimas, nem soluços pela tua partida, valoroso soldado do Brasil!

Em todos os recantos de tua linda pátria, nas águas espelhadas do Guaíba, nos pinheirais, nas alterosas, nos terreiros de café, na maravilha guanabarina, nos sertões adustos, nos seringais, nas caatingas, nas praias, nas selvas e nas cidades, só deparemos com semblantes cheios de fé, de contentamento e de orgulho por ti, soldado expedicionário!

Mães, espôsas, noivas, namoradas, irmãs e filhas, aguardam o dia radioso do teu feliz retôrno para engrinaldarem, com as flores de seus corações e os ramalhetes de seus afetos, a boca vitoriosa do fusil com que, glorioso e triunfante, pisarás, de regresso, o solo de tua Pátria!

APÊNDICE D - Enfermeiras da FEB.

Enfermeiras fizeram parte do corpo da FEB mas, receberam pouco destaque nos jornais. Nas pesquisas realizadas em acervos de jornais das décadas de 40 a 60 somente essas 3 indicações sobre as enfermeiras foram encontradas. (Jornal O Dia – Curitiba, de 26/08/1944 – Recortes de diversos jornais coletados em pesquisa do Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba - PR. Todas as fotografias foram registradas por KUGLER, Ricardo, 2016. Organização: CALISKEVSTZ, V.

CURITIBA, — SABADO, 26 DE AGOSTO DE 1944 — O DIA —

EMBARCAM AS ENFERMEIRAS PARANAENSES

SEGUIRÃO HOJE AS JOVENS ENFERMEIRAS DO PARANÁ

— A visita ao «O Dia» - Às homenagens da L. B. A. —

As jovens enfermeiras paranaenses, que, num gesto de patriotismo, se ofereceram voluntariamente para acompanhar o Exército Brasileiro no Brasil, foram recebidas hoje, sábado, 26 de agosto, no Palácio da Pátria, por autoridades locais e militares. A recepção foi presidida pelo governador do Paraná, Dr. João de Deus, e contou com a presença de outros altos dignitários do Estado. As enfermeiras, vestidas com seus uniformes de gala, foram apresentadas ao público e receberam aplausos calorosos. Em seguida, foram conduzidas ao Palácio da Pátria, onde se realizou uma recepção formal. O governador, em nome do Estado, fez uma breve declaração de agradecimento pelo patriotismo das jovens paranaenses. As enfermeiras, por sua vez, responderam com uma declaração de gratidão e de determinação de cumprir fielmente seus deveres. A recepção terminou com um jantar oferecido pelo governador. As enfermeiras foram então conduzidas ao aeroporto, onde se realizou uma despedida formal. Elas embarcarão hoje para o Rio de Janeiro, onde se encontram as demais enfermeiras paranaenses. A viagem será feita de avião, e as enfermeiras serão acompanhadas por oficiais do Exército. A L. B. A. (Liga Brasileira de Enfermeiras) também participou da recepção e fez uma declaração de apoio às jovens paranaenses.

VISITA AO «O DIA»
Quem a tarde, as enfermeiras paranaenses, acompanhadas por seus familiares e amigos, fizeram uma visita ao «O Dia». Elas foram recebidas pelo diretor do jornal, Dr. Carlos Velloso, e por outros funcionários. As enfermeiras foram apresentadas ao pessoal do jornal e receberam uma breve explicação sobre o funcionamento da redação. Elas também tiveram a oportunidade de conhecer o trabalho dos jornalistas e de fazer perguntas sobre a profissão de jornalista. A visita terminou com um lanche oferecido pelo jornal.

HOMENAGEM DA L. B. A.
A Liga Brasileira de Enfermeiras (L. B. A.) realizou hoje uma homenagem às jovens enfermeiras paranaenses. A homenagem foi realizada no Palácio da Pátria, onde se realizou uma recepção formal. A L. B. A. fez uma declaração de apoio às jovens paranaenses e de agradecimento pelo patriotismo delas. A recepção terminou com um jantar oferecido pela L. B. A.

Plaqueamento de uma rua, na ocasião de serem as Enfermeiras e a chegada delas ao Estado
A rua foi plaqueada com o nome de «Rua das Enfermeiras Paranaenses». O plaqueamento foi realizado por uma comissão formada por membros da L. B. A. e por autoridades locais. O nome da rua é uma homenagem ao patriotismo das jovens paranaenses.

Alguns da equipe que as enfermeiras expedicionárias receberam ao desembarcar no Rio de Janeiro, e o Dr. Gaspar Velloso, diretor geral do DEEP.

Jornal Imprensa Militar de 05/10/1944, p.04.

ENFERMEIRAS EXPEDICIONÁRIAS

DOR uma especial gentileza do Sr. Comandante Frederico Villar, nos foi dado conhecer pormenores inéditos dos preciosos serviços que nossas heróicas enfermeiras vêm prestando no "front" italiano, por intermédio de uma carta que recebeu de sua gentilíssima filha, Srta. Heloisa Villar, Enfermeira da F.E.B., servindo atualmente no Hospital de Sangue junto às nossas tropas que combatem ao lado do Exército, do Gen. Clark.

Refere-se a Srta. Heloisa com entusiasmo e carinho à capacidade e devotamento das suas companheiras da F.E.B. e das suas colegas americanas que com elas assistem aos feridos em combate e doentes naquele Hospital de Sangue. Mostra-se muito sensibilizada ao cavalheirismo com que os oficiais e Médicos brasileiros e americanos as distinguem, bem como à camaradagem das Enfermeiras do V Exército para com elas.

Relativamente às nossas tropas, diz textualmente :

"Estão em forma. Nada lhes falta. É notável a excelente camaradagem que liga Oficiais, Sargentos e Soldados da F.E.B. o zelo dos Oficiais pelo bem estar das tropas, seus comandados. As características da nossa Força Expedicionária são : compostura — moral elevado e respeito ao povo do país ocupado ; disciplina magnífica e inextinguível bravura. São hábeis combatentes, intrépidos e resistentes.



Enfermeiras brasileiras estiveram no front.

Jornal Diário de Notícias de 24/08/1946.

UMA PALAVRA TAMBÉM PARA OS HERÓIS DO SERVIÇO DE SAUDE

O que foi a atuação dos padioleiros, enfermeiros e médicos nas operações da F. E. B. na Italia — Cerca de cem homens do S. S. morreram na frente para salvar a vida de 98% dos feridos — Somente o Btl., na extrema frente, perdeu 27 homens

Em todas as comemorações antigas e recentes, dos fastos gloriosos da F. E. B., e nas varias entrevistas sobre seus feitos heróicos, dadas no Brasil, nem uma palavra se disse a respeito do Serviço de Saude.

Os que socorreram 2.722 feridos e quase o mesmo numero de doentes, sob fogo inimigo, e sofrendo perdas, são esquecidos sistematicamente; só foram lembrados, em referencias eloquiosas, pelos generais Mack Clark e Crittendenberger.

Os abnegados homens da Saude prestaram, tanto quanto os combatentes, assinalados serviços ao Brasil, e os feridos e doentes brasileiros foram tratados, exclusivamente, por profissionais brasileiros. É necessario esclarecer que nos hospitais da Italia, a maior harmonia existia entre brasileiros e americanos; todos cooperavam no tratamento de seus heróis, sem distincção de nacionalidade.

É conhecido secularmente o importantissimo papel do S. S. na manutenção da moral da tropa e na recuperação dos efetivos.

Na parte moral, é uma simples questão psicológica: o combatente, sabendo existir um serviço de saude eficiente, tem a esperança de se curar, não morrer. Quanto a manutenção dos efetivos, é sabido que nas guerras de longa duração, a victoria final é conseguida com os feridos recuperados.

Também é fato corriqueiro em medicina militar ser o primeiro socorro ou curativo, decisivo fator de cura de um ferido, ao lado de uma rapida evacuação para um hospital, onde ele possa ser operado dentro de prazos fixos e imutaveis.

Esta é a razão de ser da existencia do pessoal de saude desde a extrema frente até a retaguarda. E tudo isto

o S. S. brasileiro, na Italia, cumpriu galhardamente.

O nosso S. S. não pode comemorar uma data pela simples razão de ter atuado em todas as batalhas; entrou em fogo com o primeiro combatente e saiu da Italia com o ultimo soldado.

Os valorosos homens de saude estiveram presentes em Castello, Montese, Soprasasso, Castelnovo, Calcio, nas planícies de Francolise, onde grassava o paludismo endêmico. Nos combates socorriam os feridos; nos acampamentos, saneavam pântanos. Milhares de famílias brasileiras devem a vida de seus entes queridos aos humildes padioleiros, enfermeiros e médicos da frente. Trabalhavam estes homens, sob a metralha, protegidos por um simples braçal da Cruz de Genebra, nem sempre respeitada pelos hunos modernos.

Impávidos, obscuros, heróis anônimos, cumpriam o dever de socorrer os que tombavam no campo da honra.

Na extrema frente eram os homens de saude dos regimentos e os componentes do 19 Batalhão de Saude. Quase uma centena deles repousa em Florencia, mas seu sacrificio possibilitou a cura de 98% dos feridos; eles o fizeram em floresta, em cauda de arco.

Brasil teve seus filhos recuperados, e suas famílias a alegria de rever seus entes amados. Eles palmilharam as estradas da Italia, de Forreia ao Vale do Pô, ombro a ombro com seus irmãos de armas.

Nos três ataques do Castello, primeiro na lama, depois na neve, trabalharam exaustivamente durante e depois do ataque, em Montese muitos morreram, mas os feridos foram retirados do inferno de fogo. Em Fornovo de Taro trabalharam 24 horas ininterruptas, evacuando feridos nosso e mais de uma centena de inimigos.

O arduo e perigoso mister do S. S. da frente pode ser avaliado pelo Batalhão de Saude, que, sendo uma unidade exclusiva de saude, teve 27 perdas.

Nos hospitais, o mesmo espetáculo: médicos, enfermeiras e enfermeiros trabalhando intensamente. No Field Hospital, a 8 km. da frente, e onde eram recolhidos os grandes feridos, o trabalho era intenso de grande responsabilidade; lá não havia hora de trabalho ou de repouso. Lá foram feitas as mais melancolicas operações. No segundo ataque de Castello, em dezembro, médicos, enfermeiras e enfermeiros trabalharam ininterruptamente 27 horas; a recompensa foi o dever cumprido e centenas de vidas salvas. Mais a retaguarda em Florencia, no Evacuation Hospital, quase o mesmo trabalho. Neste mesmo ataque ao Castello, com quase 300 feridos, equipes cirurgicas, enfermeiras e enfermeiros trabalharam 15 dias com seis horas de repouso por dia.

O mesmo espetáculo verificava-se no General e Station Hospital de Livorno, que recebiam os convalescentes e os que necessitavam de operações complementares.

Os homens de saude, na frente e na retaguarda, corriam o mesmo perigo, suportavam o mesmo desconforto, passavam as mesmas vicissitudes dos combatentes. É necessario que os brasileiros saibam o que devem ao S. S., e convençam-se de que, se milhares de patriotas regressaram à Patria e ao lar foram os homens e mulheres, combatentes desarmados, quem isto possibilitaram.

Dois enfermeiras sofreram graves acidentes em serviço, e ainda se encontram em tratamento, de favor, no H. C. E., convindo frisar que até agora desamparadas, sem a sua situação assegurada mediante a reforma que têm direito de obter.

Urge fazer justiça ao pessoal do S. S., que passou 239 dias ininterruptos de ação continua em frente ao inimigo e 140 dias de trabalho intenso após a guerra. Foram 379 dias de trabalho afanoso, cuidando de quase 5.000 feridos, acidentados e doentes da F. E. B.

Honra e gloria aos que não recebem homenagem, aos que são esquecidos, mas que têm a consciencia do dever cumprido, e por estar no coração dos que deles, infelizmente, necessitam na Italia.

DE NOTICIAS"
e 1946

APENDICE E - Relação nominal das enfermeiras que atuaram na FEB.

Comentários relacionados à postagem sobre a relação nominal das 73 enfermeiras que atuaram na FEB na Europa, realizada pelo Site “Portal da FEB”. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/relacao-nominal-das-enfermeiras-da-forca-expedicionaria-brasileira/>>.

Comentário 1 / 26 de outubro de 2012.

Dessas 73 heroínas temos a certeza da permanência, com grande atuação inclusive, de Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero (Rio de Janeiro), Carlota Mello e Roselys Belém Teixeira (Belo Horizonte). Se alguém tiver mais informação, por favor, entrar em contato conosco. A Relação das Enfermeiras obedece ao critério de ordem de vanguarda no *front* italiano, onde ficaram o maior tempo conforme distribuição norte americana na época.

Comentário 2 / 27 de outubro de 2012.

É bom ver essa relação corretamente postada, ao contrário do que costumou circular aqui depois da guerra, incluindo uma versão segundo a qual certa personagem teria “chefiado” as demais enfermeiras.

Comentário 3 / 28 de outubro de 2012.

É pertinente tal colocação, e vou mais além, Altamira Pereira Valadares, Juracy França Xavier, Carmem Bebiani, Jacyra de Souza Goes e Neuza de Mello estiveram à serviço do Field Hospital o mais próximo da Linha de Frente (na região de PAVANA-VALDIBURA), portanto, poderíamos dizer que o papel desempenhado por elas foi o mais importante para salvar os feridos da morte, portadores dos ferimentos mais graves, não podendo os mesmos suportar sua evacuação para outra região. Nesse Hospital de Campo as dificuldades foram maiores também para as ENFERMEIRAS, dada a distância e rigoroso inverno sofreram o extravio de correspondência e a falta de agasalhos adequados.” Éramos então as esquecidas do “Vale-das-Burras), conforme nos apelidávamos em VALDIBURA”.

A seguir transcrevo o texto de apresentação desse trabalho pela autora Altamira Pereira Valadares.

“APRESENTAÇÃO”

Meu trabalho dependeu também da boa vontade das minhas companheiras da Campanha da Itália; procurei fazer o máximo, porém ainda ficou incompleto, pois não me foi possível obter todos os dados necessários, fotografias mais nítidas e informações mais detalhadas sobre vidas tão preciosas. Entrando na guerra muito depois das americanas, as brasileiras se portaram a altura de suas colegas que lá estavam, havia cerca de dois anos. Inteligentes, adaptando-se rapidamente às exigências da técnica de enfermagem, em plena campanha de guerra, à instabilidade oriunda da frente, pelos exércitos em luta, mostraram-se também resistentes fisicamente, inquebrantáveis, diante das longas horas de trabalho, muitas vezes dobrando os serviços, no desconforto do meio em que viviam. Apesar de todas essas desvantagens, as brasileiras jamais deixaram de ser atenciosas com os seus pacientes, por vezes meigas, confortando-os em horas de desespero, estimulando-os com palavras de esperança, alentando-os nos períodos de desânimo, procurando cercá-los de um ambiente familiar, sentindo eles um pouco do bem estar de suas casas, em nossa terra. Vivendo, faz-se história. E essas brasileiras gravaram, para sempre com sua vida nos campos de guerra da Itália, belas páginas na história militar do nosso Brasil. Sendo filha da Capitã Enfermeira da FEB Aracy Arnaud Sampaio cresci ouvindo os feitos delas e melhor, privando da companhia dessas mulheres especiais. Portanto sei que nenhuma foi mais importante que a outra em seus desempenhos, independente de posto ou graduação obtida após a Grande Guerra”.

Comentário 4 / 31 de outubro de 2012.

As enfermeiras militares pracinhas da FEB são heroínas que merecem nossas homenagens. Elas deram sua contribuição humanitária fundamental, na FEB, em pleno território italiano assolado pela guerra e contribuíram exemplarmente para a vitória da democracia sobre o nazi-fascismo. Uma nota: Sei que a jovem romancista Clarice Lispector, estando na Itália, integrou, como voluntária, o corpo de enfermeiras brasileiras na FEB. Você confirma esta informação?

Comentário 5 / 1 de novembro de 2012.

Na verdade ela serviu como “assistente voluntária” junto ao corpo de enfermagem. É que em 1943 ela casou com o Diplomata Maury Gurgel Valente. “Em sua primeira viagem como esposa de diplomata, Clarice morou na Itália onde serviu durante a Segunda Guerra Mundial como assistente voluntária junto ao corpo de enfermagem da Força Expedicionária Brasileira”.

Comentário 6 / 2 de novembro de 2012.

Tenho grande admiração por nosso grupo de enfermagem na FEB, em meio ao qual se encontra minha querida Aracy Arnaud Sampaio, sua mãe. Mulheres desprendidas, corajosas e movidas por um notável ideal norteador, heroínas. Eu, como muita gente em nosso país e fora dele, sou um leitor e admirador da Clarice Lispector. Essa sua disponibilidade para enfrentar a guerra, como “assistente voluntária” a engrandece mais ainda. Sabe que ela e seu marido moraram em Belém, PA?

Comentário 7 / 5 de dezembro de 2012.

Muito valiosa estas informações. Sou filha do ex-combatente Genesio Stefanello-rs ainda vivo com 91 anos. Acompanhamos os encontros e neste último encontramos esta filha da enfermeira Aracy, que, inclusive se pronunciou num dos eventos. Gostaria de ter contato com ela. Por gentileza, teriam vocês o endereço de *email* dela, o pouco que soube, é que ela reside no Rio de Janeiro.

Comentário 8 / 8 de junho de 2013

Por acaso vocês sabem informar a respeito de Jandira acho que é Jandira Faria de Almeida. Ela é enfermeira da FEB. Meu pai é ex-combatente tem 91 anos, e gostaria de ter notícias dela. Pois a mesma cuidou dele na Itália quando adoeceu.

Comentário 9 / 30 de outubro de 2013

Renilda, só agora vi seu comentário pedindo notícias da Enfermeira Jandira Faria de Almeida. Muito linda e abnegada essa baiana de Itaparica deixou-nos em 1995, cumprindo assim sua trajetória coroada de exemplos ao serviço à Pátria.

Comentário 10 / 22 de abril de 2015

Recentemente, por motivo de falecimento de ente querido, tive acesso a um impressionante acervo histórico pertencente da minha estimada madrinha Antonina de Holanda Martins, uma das enfermeiras da equipe da FAB, e que participou ativamente da 2ª guerra mundial nos campos da Itália. O impacto de tudo que vi, percebi e senti, me leva a afirmar que, o meu compromisso a partir de então é um só, ou seja, viabilizar uma organização social do chamado terceiro setor, com o objetivo de resgate da sua memória, e cuja sede deverá ser no bairro de Piedade, município de Jaboatão dos Guararapes estado de Pernambuco.

Comentário 11 / 30 de julho de 2015

O significativo índice de participação ativa de nossas compatriotas na Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial entusiasmou-nos e deixou-nos orgulhosos. E sabendo que é grande o interesse entre as mulheres brasileiras de seguirem a carreira militar, fez crescer e generalizar-se nacionalmente a ideia de facilitar-lhes o ingresso nas Forças Armadas. Que seja então criado no Brasil o serviço militar feminino obrigatório. Completados os 18 anos, apresentar-se-ão nas Circunscrições Militares de suas respectivas Regiões, podendo escolher em qual das três Forças servirão como recrutas. Todas as que foram entrevistadas por nós mostraram-se de PLENO ACORDO. E DISSERAM: HÁ MULHERES SOBRANDO QUE QUEREM SE PROFISSIONALIZAR COMO MILITARES, CHEGAR AO OFICIALATO, E PRECISAM SER ENGAJADAS! ATENÇÃO CONGRESSO NACIONAL! PREPAREMOS JÁ UM PROJETO DE LEI NESSE SENTIDO!!!

Comentário 12 / 8 de setembro de 2016

Lamentavelmente a nossa Historiografia, somente cita os homens. Deixa e muito a desejar o grande e caloroso empenho das Enfermeiras e do Corpo

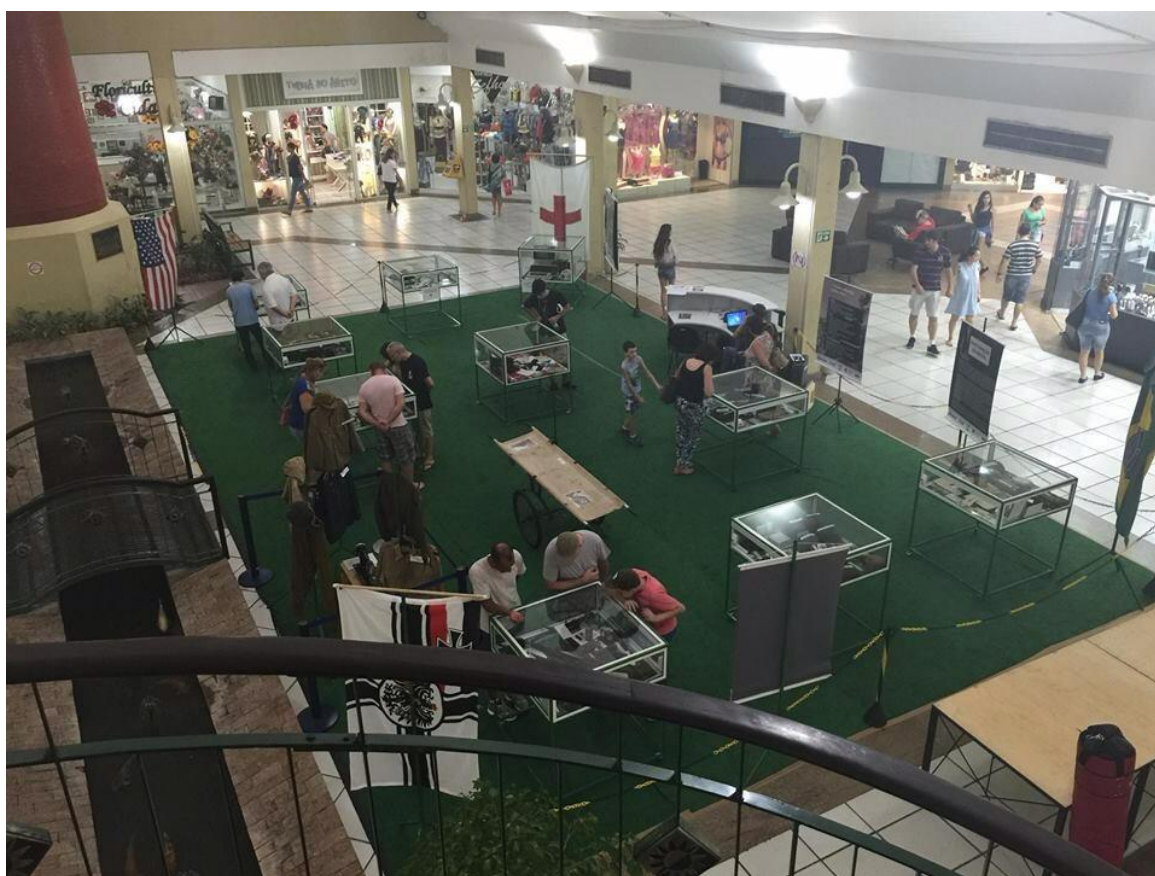
Médico.

Comentário 13 / 13 de setembro de 2016

Quando apresentei minha tese na Universidade Federal de Santa Catarina, 2009 “Diários de guerra...” (Carmen Lúcia Rigoni), grande parte dos estudos estavam voltados para o Corpo de Saúde da FEB. Esta tese deu origem ao livro; Anjos de Branco: o serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945), onde dedico estudos especiais ao Corpo de enfermagem feminino da FEB. Foi pelos diários e depoimentos que conseguimos resgatar esta bela história das nossas enfermeiras.

APÊNDICE F - Exposição itinerante Museu da Guerra.

Exposição itinerante do acervo particular da Segunda Guerra Mundial, pertencente ao Museu da Guerra. Imagens disponíveis na página do *Facebook* em: <https://www.facebook.com/museudaguerra/?fref=ts>.







Em memória aos 71 anos do fim da 2ª Guerra.

Visite a exposição e conheça um pouco da história das guerras que mudaram o destino da humanidade. O Museum da Guerra é considerado um dos nossos maiores museus do Sul do país. Seu acervo veio diretamente da Alemanha e é constituído por itens de grande valor histórico.

VISITE: de 21/Jun a 12/Jul

Horário de funcionamento:
de Segunda a Sábado das 9h às 21h
aos Domingos das 9h às 17h

Local: Colégio Dom Bosco

Rua Dom Bosco, 180 - Centro - Rio do Sul/SC

f /museum da guerra | museudaguerra@gmail.com



ANEXO – Hino, discurso e recortes de jornais sobre a FEB

ANEXO A – Hino da FEB

Canção Do Expedicionário

Você sabe de onde eu venho ?

Venho do morro, do Engenho,

Das selvas, dos cafezais,

Da boa terra do coco,

Da choupana onde um é pouco,

Dois é bom, três é demais,

Venho das praias sedosas,

Das montanhas alterosas,

Dos pampas, do seringal,

Das margens crespas dos rios,

Dos verdes mares bravios

Da minha terra natal.

Por mais terras que eu percorra,

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá;

Sem que leve por divisa

Esse "V" que simboliza

A vitória que virá:

Nossa vitória final,

Que é a mira do meu fuzil,

A ração do meu boral,

A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Eu venho da minha terra,
Da casa branca da serra
E do luar do meu sertão;
Venho da minha Maria
 Cujo nome principia
Na palma da minha mão,
Braços mornos de Moema,
Lábios de mel de Iracema
 Estendidos para mim.
Ó minha terra querida
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim!

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
 A vitória que virá:
 Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu boral,
A água do meu cantil,

As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.
Você sabe de onde eu venho ?
E de uma Pátria que eu tenho
No bôjo do meu violão;
Que de viver em meu peito
Foi até tomando jeito
De um enorme coração.
Deixei lá atrás meu terreno,
Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacaranda,
Minha casa pequenina
Lá no alto da colina,
Onde canta o sabiá.

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

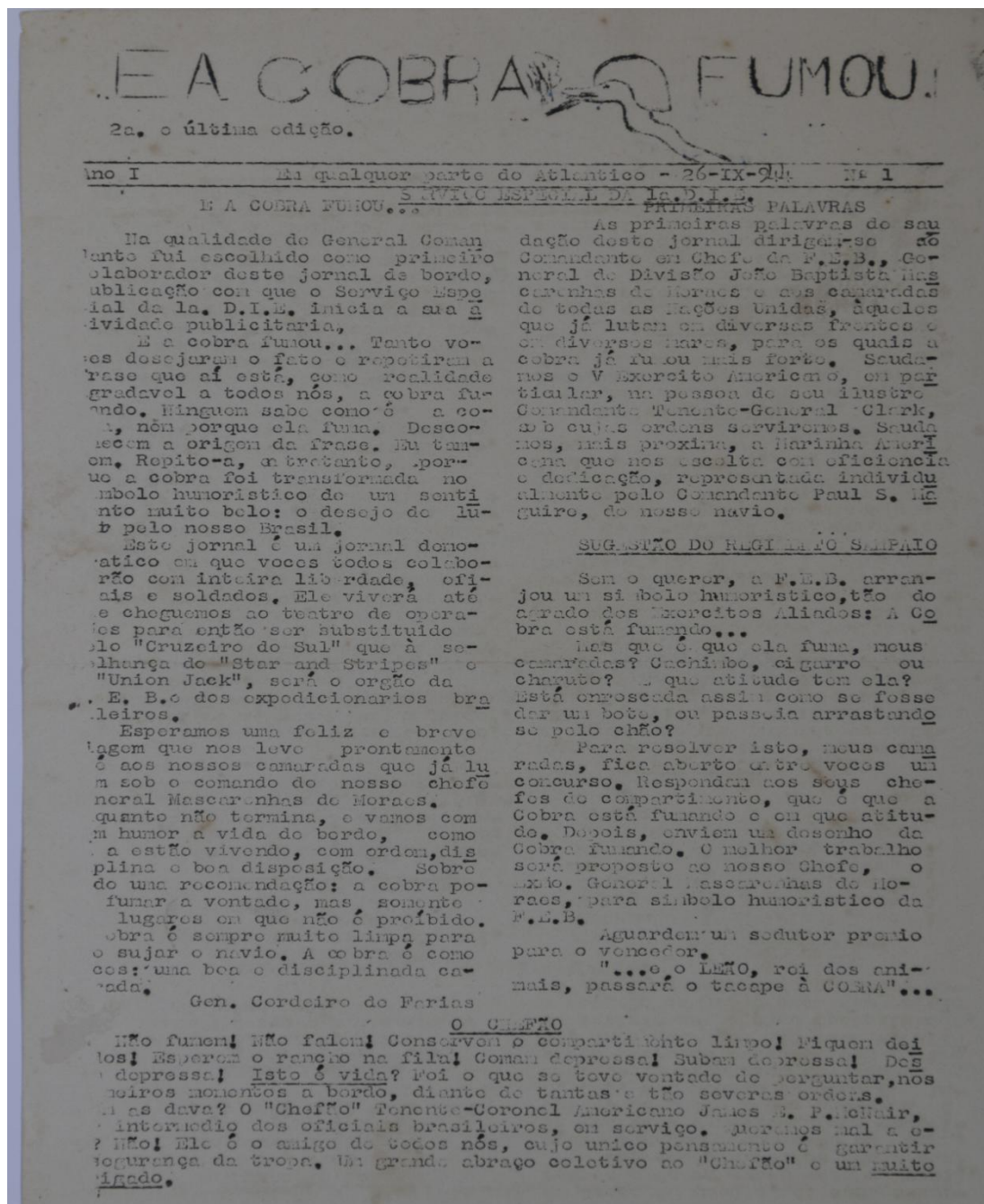
Venho do além desse monte
Que ainda azula o horizonte,
Onde o nosso amor nasceu;
Do rancho que tinha ao lado
Um coqueiro que, coitado,
De saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
Do mais dourado amarelo,
Do azul mais cheio de luz,
Cheio de estrelas prateadas
Que se ajoelham deslumbradas,
Fazendo o sinal da Cruz !

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu boral,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Anexo B - Concurso a Cobra Fumou, elaborado pela FEB.

Jornal elaborado pela FEB em alto mar, em 26 de setembro de 1944, o qual busca a colaboração dos soldados tripulantes na construção da história da "Cobra fumando".

- Recortes de diversos jornais coletados em pesquisa do Acervo Museu do Expedicionário de Curitiba - PR. Cadernos de recortes de jornais das décadas de 40 – 60. (Fotografia de KUGLER, R., 2016).



ANEXO C - Discurso de Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1942.

VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62). (p.450 – 453).

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1942

Discurso pronunciado no Estádio do Vasco da Gama na comemoração do Dia da Independência, com a presença do general Augustin Justo, ex-presidente da Argentina. Vargas menciona os ataques a navios mercantes que ocasionaram a morte de 600 brasileiros e afirma a decisão do país de enfrentar com rigor qualquer agressão à sua soberania ou traição de imigrantes em território nacional.

Brasileiros, a comemoração do Dia da Independência se teve, nos últimos anos, cunho de puro culto cívico, reveste-se, hoje, de significação maior, constitui mesmo acontecimento extraordinário na vida nacional. Por um quarto de século, as festividades públicas serviram de ensejo para demonstrarmos os esforços do Brasil no sentido do progresso pacífico e acolhermos as representações de outros povos que vinham congratular-se conosco e compartilhar nossa justa alegria. A Semana da Pátria, neste ano de 1942, assume o caráter de um movimento de mobilização geral das forças morais e materiais da nação. Serve para conclamar os brasileiros ao cumprimento de obrigações penosas, impostas por circunstâncias incontornáveis, para as quais não concorreremos, mas a que temos de fazer frente com todas as energias de que possamos dispor. Cultivando as boas relações com os demais povos, praticando uma política sadia de aproximação e concórdia, fomos,

entretanto, surpreendidos com uma agressão brutal e inesperada, por parte de Estados que haviam, desde tempos, perdido o respeito de si próprios e não podiam, conseqüentemente, manter o respeito devido aos outros. Como todos vós sabeis, em agosto último navios da marinha mercante brasileira foram torpedeados, à vista das nossas costas, por uma ação deliberada e perversa de corsários sob a bandeira das nações de presa que lançaram o mundo no mais sangrento conflito deste século. O fato não constituía novidade, é certo, desde que países pacíficos e desarmados da Europa viram-se talados pelos carros de guerra e atos nefandos praticavam-se diariamente, em desafio aos princípios de convivência civilizada. Opor-se ao arbítrio, observar normas do direito, repelir imposições e restrições violentas à soberania de cada nação era colocar-se sob a ameaça da força bruta, servida pela técnica aprimorada de oprimir e matar. Tivemos a dignidade de revidar afrontas, guardamos o respeito a nós próprios, defendendo tenazmente a nossa forma de viver e os nossos deveres continentais. Por isso mesmo fomos agredidos, e mais de seiscentas pessoas perderam a vida numa emboscada marítima executada com requintes de inaudita crueldade. A vossa reação, brasileiros, esteve à altura da ofensa. Protestastes com indignação, solicitastes por todas as formas de expressar a vontade popular que o governo declarasse guerra aos agressores, e assim foi feito. A honra e os interesses mais sagrados da pátria exigiam, imperativamente, a atitude que tomamos. Agora nos sentimos de consciência tranquila, resolutos e dispostos a defender os brios legítimos do nosso povo, que nunca se ajustou às atitudes de servo e há de prosseguir independente e soberano. A declaração do estado de beligerância colocou-nos na posição de combatentes, e, de acordo com ela, já assentamos os planos de trabalho e de ação. Militarmente, teremos de completar a mobilização para fazer face às necessidades efetivas da guerra. No setor econômico, chefes de empresa e operários cerram fileiras em torno do governo; e, estou certo, em benefício coletivo, ninguém poupará esforços ou bens. Os dissídios classistas e os choques de natureza política não nos farão, felizmente, perder tempo. Existe, generalizada, a firme compreensão de

que precisamos unirnos e esquecer divergências e particularismos, para só cuidarmos dos objetivos supremos da defesa da pátria. A frente interna coesa e decidida a arrostar, de ânimo viril, qualquer emergência, as forças armadas prontas a repelir qualquer golpe, tudo isto constitui o magnífico espetáculo da vida brasileira, neste momento grave da nacionalidade. Qualquer inimigo que pise o solo pátrio, sobrevoe as nossas cidades ou infeste o nosso mar territorial receberá o mesmo castigo infligido aos submarinos que, em prática de pirataria, investiram contra a nossa navegação costeira e foram afundados pelos intrépidos e eficientes pilotos das forças aéreas brasileiras. Seremos implacáveis no combate aos invasores e aos seus agentes infiltrados, traiçoeiramente, no meio das nossas populações laboriosas. Não importará isso em quebra do nosso sentimento comprovado de hospitalidade. Os nacionais dos países com os quais estamos em guerra, que aqui vieram e construíram os seus lares de forma regular e honesta, nada devem recear enquanto permanecerem entregues ao trabalho, obedientes à lei e prontos a colaborar nas atividades defensivas do país. De modo bem diverso serão tratados os que, traindo os compromissos assumidos e ludibriando o nosso acolhimento generoso, auxiliarem de alguma forma os inimigos, com eles mantiverem entendimentos, espionando ou fazendo sabotagem. A esses, aplicaremos, com rigor, as leis de guerra. E, em relação aos semeadores de boatos e derrotistas de qualquer nacionalidade, nenhuma complacência existirá. Serão segregados do meio social, reduzidos à condição de suspeitos e declarados indignos da cidadania brasileira. Povo pacífico, educado nas virtudes cristãs, não cultivamos pendores guerreiros, mas faremos como os cidadãos pacatos e trabalhadores assaltados na própria casa: devolveremos golpe por golpe, resistindo, por todas as formas concebíveis, aos que pretendam oprimir-nos. Nada nos deterá nessa determinação. Ameaças, injúrias ou violências servirão apenas para acrescer a nossa combatividade e tornar mais forte a reação. As consequências da luta em que nos empenhamos e que decidirá os destinos do mundo não podem causar-nos apreensões. Os privilégios de casta, os preconceitos raciais, as desigualdades de

fortuna, as opressões de classe, os ódios mesquinhos, todos os valores aparentemente inconciliáveis da civilização contemporânea hão de fundir-se nesse incêndio de vastas proporções em holocausto ao surto de uma nova era. O Brasil como país jovem, de estrutura social plástica, rico de possibilidades e com uma formação de equilíbrio adaptável a todas as transformações está, naturalmente, projetado para o futuro e nele terá de encontrar a solução definitiva das equações de seu progresso. Não deve, portanto, temer os dias vindouros e os sacrifícios inevitáveis que lhe assegurarão o direito de colaborar nas renovações de ordem política e econômica que resultarem desse tremendo choque de poderios, mentalidades e culturas. A causa que defendemos desperta o sentimento de justiça das consciências livres, trazendo-nos a solidariedade dos povos do continente, através dos seus governos e homens representativos. Todas as nações americanas compreendem que estão sob a ameaça de idênticos perigos e sujeitas a idênticos atos de brutalidade e violência. Isolar-se equivale a expor-se mais facilmente à cobiça dos conquistadores. A união nacional e a união continental são os imperativos da hora presente, e, por isso, só temos motivos para regozijar-nos diante das manifestações de simpatia e apoio recebidas dos outros povos americanos em hora de tamanhas apreensões e responsabilidades. Foram os Estados Unidos a primeira nação do continente a sofrer o golpe da insídia e o ataque armado; e a solidariedade que lhe demos, então, sem hesitações, nós sentimos retribuída, agora, de forma inequívoca, no apoio fraternal do seu valoroso povo e na colaboração para repelir pelas armas a agressão à nossa soberania. Tudo isso significa a existência de um movimento unânime de repúdio e adesão nos povos americanos. E, aqui mesmo, ao nosso lado, temos a honra e o orgulho de ver, como testemunho direto desse espírito de compreensão fraternal, a figura por tantos títulos respeitável e prestigiosa do general Augustin Justo, nosso hóspede e companheiro de armas, que bem representa, neste momento, com o seu gesto generoso de cavalheirismo, os sentimentos da sua nobre pátria e a forma ativa dos ideais americanistas. Brasileiros, estou certo da vossa lealdade, da vossa

coragem, do vosso ânimo para enfrentar a luta. A exaltação patriótica, a vibração cívica, o calor de brasilidade, postos nestas comemorações do Dia da Independência, revelam, acima de tudo, o grau de homogeneidade dos nossos sentimentos e das nossas disposições de repetir e reafirmar o sentimento heroico da nossa história e a inflexível decisão de vencer. Combatendo até a vitória decisiva, seremos dignos da América, continente de homens livres, e do Brasil, pátria grande e gloriosa, merecedora de todas as renúncias e todos os sacrifícios.

ANEXO D1 D2 - Discurso de Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1942.

VARGAS, G., **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Org: Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 793 p. (Série perfis parlamentares; n. 62). (p. 454 – 458).

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1942.

Discurso pronunciado no Teatro Municipal, ao ser comemorado o quinto aniversário do Estado Novo. Vargas avalia as ações do governo desde 1930 e o papel do Brasil na guerra.

Senhores, depois de falar às forças armadas nas comemorações do quinto aniversário da Constituição de 10 de novembro, cabe-me traçar, perante os representantes da administração civil, das classes produtoras e trabalhistas, o quadro da vida brasileira em face dos acontecimentos de ordem interna e externa. Em outras oportunidades, mostrei qual era a situação do país anterior à Revolução de 1930 e fiz, sem rancores, a crítica do regime que vigorava desde 1889. Não é preciso recapitular o triste espetáculo da administração retardada e falha, da ausência de iniciativas, da rotina no trato das coisas públicas e do ronceiro conservantismo que presidiam às nossas relações sociais e econômicas, entravando o progresso, desiludindo o povo, criando o pessimismo dissolvente nas camadas cultas e a indiferença passiva nas camadas populares. Bem conheceis, e parece supérfluo rememorar, o que foi a nossa luta. Primeiro, procuramos conter o transbordamento da avalanche revolucionária e ajustar as forças que nos permitiriam escolher, nas várias correntes de ideias, as mais acordes com as possibilidades e as que melhor se enquadrassem nos princípios orientadores de uma ação política verdadeiramente construtiva. Depois, tivemos de aceitar, por um período de três anos, a Constituição de 1934, que, sob muitos aspectos, representava um recuo, uma reação, a continuidade do ambiente eleitoral, com os vícios do facciosismo e do personalismo. Com o

reajustamento de 10 de novembro alcançamos, afinal, as premissas efetivas da reconstrução necessária. O Estado nacional, de cunho centralizador, conforme as linhas da Constituição, transformou a ordenação jurídica, afastando-se dos modelos correntes para atender apenas às características brasileiras, às circunstâncias gerais do nosso crescimento interno e da política exterior, tão importante nos últimos tempos em vista dos perigos internacionais que nos ameaçavam. Pondo de parte as formas clássicas do equilíbrio de poderes, deu preponderância necessária ao Executivo e articulou vários elementos novos de orientação e consulta, nos setores econômico e social. Provavelmente, existem falhas a corrigir nas novas instituições, mas é fora de dúvida que elas correspondem, nas linhas mestras, aos fundamentos da nossa formação histórica e às imposições da época conturbada que vivemos. Não alimentamos, certamente, a pretensão de criar modelos para outros povos. Procuramos, apenas, uma solução brasileira para os problemas brasileiros. E estamos seguros, pelos resultados obtidos até aqui, do acerto patriótico das nossas reformas, tanto no terreno político como no social e econômico. Consideramos mero bizantinismo indagar se o novo regime é ou não democrático. As oligarquias antigas e modernas, os regimes de privilégio, muitas vezes se apelidaram democráticos. E o eram, na verdade, para uma parte da população que lhes usufruía as vantagens. Não devemos, por conseguinte, preocupar-nos com os vários sentidos emprestados à palavra democracia. Para os espíritos retardados, ela é o velho jogo político-eleitoral, com restrições maiores ou menores; é a oposição crônica entre governantes e governados; é o liberalismo degenerando em licenciosidade. Quanto a nós, com a experiência de cinco anos decorridos, torna-se fácil verificar que democracia é a forma de governar em benefício do povo como um todo, em função dos interesses supremos da pátria, acima das imposições de grupos, de clã ou região. A autoridade baseada nas leis e a segurança no trabalho vêm acelerando o nosso crescimento econômico e fortalecendo os laços da comunidade. O que nos cumpre agora é aperfeiçoar o aparelho político-administrativo, completando os órgãos constitucionais, preparando o país para a sucessão normal dos seus dirigentes dentro das fórmulas da democracia funcional que instituímos. Iniciando o reajustamento completo dos quadros da vida brasileira, atacamos, simultaneamente, questões de forma e de essência. Na esfera político-social, tomamos as medidas necessárias à unidade nacional dissolvendo os partidos políticos e as agremiações estrangeiras, que constituíam foco de dissídio e lutas estéreis;

fizemos a reforma da educação, de cunho nacionalista, melhorando a preparação cívica e ampliando as possibilidades da instrução técnica; unificamos o Direito, com os novos códigos; com a reforma financeira e o lastreamento metálico foi possível substituir o padrão monetário antiquado e preparar o país para fazer face aos compromissos de guerra; prosseguimos na política trabalhista e, mesmo nas circunstâncias atuais, não suspendemos as garantias dos operários, antes as reforçamos com o pleno funcionamento da Justiça do Trabalho; realizamos obras públicas vultosas, como as da Baixada Fluminense, do Nordeste e do fomento agrícola com a criação de colônias-modelo e a instalação de trabalhadores na Amazônia; construímos rodovias; eletrificamos e prolongamos estradas de ferro, completando a ligação com o Uruguai e prosseguindo na construção dos troncos internacionais da Bolívia e do Paraguai; resolvemos o secular problema da siderurgia, com a instalação das usinas de Volta Redonda e a exploração intensiva das reservas de ferro do Vale do Rio Doce. Na esfera da preparação defensiva, aumentamos os efetivos militares e demos elementos materiais às forças armadas, sem descuidar o preparo técnico-profissional e o rigoroso aperfeiçoamento dos quadros de especialistas; criamos o Ministério da Aeronáutica; renovamos o material de voo; incrementamos, com a Campanha Nacional de Aviação, a formação de pilotos civis; estimulamos na juventude o interesse pela navegação aérea e instalamos numerosos campos de pouso e aeródromos. Reequipamos portos e aumentamos a frota mercante. Ampliamos instalações hospitalares; desenvolvemos sistemática atividade em benefício da saúde, com medidas especiais de assistência à infância, à melhoria do estado sanitário das populações e dos meios de alimentação popular. Iniciamos a renovação da Marinha de Guerra, incorporando à esquadra dezenas de unidades, construindo e montando outras, re-aparelhando arsenais e instalando bases. Nas relações internacionais, continuamos a obra de aproximação continental, incentivando as trocas e a colaboração com os povos americanos. Não houve, portanto, setor de atividade em que se não exercesse ação rápida e propulsiva, criando, aperfeiçoando e melhorando as nossas condições de progresso. A Segunda Guerra Mundial atingiu-nos em plena fase de reconstrução. Enquanto se limitava a outros continentes, foi-nos possível manter a neutralidade e procurar, por todos os meios, evitar que os seus reflexos diretos perturbassem o ritmo do nosso trabalho. Quando já havíamos reajustado a economia do país às circunstâncias novas, decorrentes do isolamento da Europa e da perda de

mercados, a agressão de que foram vítimas os nossos tradicionais amigos dos Estados Unidos da América do Norte determinou, em face dos compromissos assumidos em reiteradas assembleias, a nossa participação no conflito. A Conferência dos Chanceleres realizada em janeiro deste ano teve por consequência o rompimento das relações diplomáticas e econômicas com os países do Eixo, único meio de que dispúnhamos para impedir que, à sombra de imunidades e através de organizações ilegais, se conseguisse prejudicar os interesses dos povos americanos. Alguns meses decorridos, sem que houvesse atos de hostilidade da nossa parte, fomos provocados da maneira brutal que todos conhecem. Em legítima defesa da nossa honra, fizemos o que nos cumpria. Declaramos o estado de beligerância com os agressores e nos tornamos aliados das nações que defendem os princípios da liberdade e autodeterminação dos povos contra as que preferem a política de presa, a invasão “manu militari” e o assalto organizado às populações pacíficas e laboriosas. Empenhados nas tarefas de desenvolvimento interno, não desejávamos a guerra. Tivemo-la, entretanto, e o que agora nos cabe fazer está na consciência de todos os brasileiros. Sem descontinuar os esforços para progredir estamos mobilizados e prontos a lutar em duas frentes – a externa e a interna. Cooperando por todos os meios com a nobre nação norte-americana, fornecendo-lhe quanto careça para completar a sua preparação, agindo em perfeita colaboração com os supremos dirigentes da guerra no setor mundial, desempenharemos as nossas missões de forma exemplar. Ainda agora, antes de iniciar-se o desembarque das poderosas forças americanas na África do Norte, recebemos do presidente Franklin Roosevelt mensagem especial acerca dos propósitos dessa operação, que se desenvolve brilhantemente para as armas aliadas. Demos à iniciativa irrestrito aplauso e solidariedade, por considerá-la antecipação justificada diante dos planos alemães de ocupação, constituindo, ao mesmo tempo, um reforço da segurança americana e, especialmente, do Brasil, porque elimina dos nossos mares os obstáculos à navegação e torna mais fácil a cooperação com os nossos aliados, na entrega de materiais estratégicos. Essa atitude não importa em qualquer hostilidade à França, a quem nos ligam tradicionais relações de amizade, nem ao povo francês, cuja sorte acompanhamos com sincera e comovida simpatia. Internamente, manteremos o ritmo de trabalho construtivo, desdobrando as atividades para que nada falte às nossas populações, nem sofra o seu padrão de vida. As medidas indispensáveis vêm sendo tomadas com firmeza e tanto se

fazem sentir no setor financeiro como no industrial ou agrário. Confio que, com o eficiente e pronto auxílio do povo, até agora exemplar no respeito às ordens das autoridades e na cooperação para o esforço extraordinário, possamos reduzir os sacrifícios e atravessar o conflito fortalecendo-nos quer pela coesão maior da consciência nacional, quer pela ampliação e diversificação das culturas agrárias e do parque industrial. Para a vitória da nossa causa, para fazer sobreviver o mundo que ajudamos a construir, nenhum esforço será excessivo. Não nos iludamos. Só se salvam os que se mostram dignos de salvação, os que se esforçam por obtê-la, os que não conhecem obstáculos e não temem perigos. Em momento de tanta significação, falando aos representantes do poder público e das classes produtoras, desejo também voltar o pensamento para o povo brasileiro, para a massa anônima das cidades e dos campos, e dizer-lhes que estamos empenhados numa luta decisiva, em que se jogam os destinos da civilização, e devemos confiar na voz profética de Franklin Roosevelt, o grande líder do continente americano, certos de que esta guerra não é feita para garantir privilégios e amparar monopólios, mas para estabelecer a paz com justiça e assegurar a todos uma vida melhor, subordinando as vantagens individuais aos deveres para com a coletividade. Senhores, que a nossa reunião comemorativa de hoje valha como um pacto de honra, como um juramento solene, como a promessa de todos os corações em holocausto à defesa da pátria. (GRIFOS MEUS)

ANEXO E - Luta pela preservação da memória da FEB.

Reportagem publicada em O Globo de 03 de maio de 2015.

A GUERRA DA MEMÓRIA

Enquanto o mundo se enfeita para comemorar os 70 anos do fim da Segunda Guerra, no Brasil, a memória dos nossos pracinhas está sendo relegada.

Inaugurada em 1976 na Rua das Marrecas, 35, no Centro, a Casa da FEB (Força Expedicionária Brasileira), entidade de assistência aos ex-combatentes, vive um impasse. Lá dentro, no museu gratuito, está parte da memória de 25 mil brasileiros que, entre 1943 e o fim da Guerra, em 1945, lutaram na Itália contra o exército alemão.

Para fazer caixa, o governo do Rio quer vender o prédio. Há duas semanas, enviou a conta dos “aluguéis não pagos”: R\$ 1,6 milhão. A entidade, hoje, se sustenta só com a cobrança de mensalidade, a R\$ 26, de seus 400 associados. Já foram 10 mil. “O prédio nos foi cedido pelo então governador Carlos Lacerda”, lembra o tenente Israel Rosenthal, 94 anos, um dos cerca de 100 associados iniciais ainda vivos.

A Casa da FEB tenta agora, na Justiça, manter sua sede. A coluna conversou com Patrícia Ribeiro, professora de História e autora da tese de doutorado “Em luto e luta: construindo a memória da FEB”, pela FGV.

Apesar de vitoriosos, por que os pracinhas foram postos de lado?

Embora tenham sido recebidos com desfile, no Brasil, logo depois eles foram rejeitados pelo governo e até



O ex-combatente Rosenthal

pelo Exército. Getúlio Vargas temia novos líderes militares e o Exército não tinha o que fazer com essa quantidade de pessoas. Então, eles foram desmobilizados de forma traumática. Só os oficiais continuaram nos quadros. E, com isso, os que mais sofreram foram justamente os que mais precisavam — os praças —, pela condição social não muito privilegiada.

Por que foi “traumático”?

Recebidos como heróis, eles foram depois esquecidos pela sociedade. Alguns viraram alcoólatras, outros tiveram traumas sérios com o que viram. Desamparados pelo poder público, eles criaram a Casa da FEB. A Itália valoriza muito mais a FEB que o Brasil. Lá, há até pontos turísticos por onde passaram os brasileiros, cantam seus hinos nas escolas. Agora, com a morte da maioria deles, quem vai cuidar dessa memória? Quem vai manter isso vivo?

Tiago Rogero